FON FON
ANNO XXVI — N.º 12
Rio, 19 de Março de 1932
PREÇO: 1$000

Aristocratas

Pela sua pureza, pelo seu prestigio, pela sua excellencia no mundo da therapeutica a

CAFIASPIRINA

impoz-se á sympathia e ao respeito do publico. Remedio para todas as classes elle é, entretanto, o remedio aristocrata que não se confunde com imitações e succedaneos. Recommenda-o a "Cruz Bayer"; consagra-o a sua provada efficiencia na cura de todas as dôres e a virtude caracteristica de ser de todo inoffensivo.

Por isso é universalmente proclamada

o remedio de confiança

●

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.

●

O conto brasileiro

FORNALHA ARDENTE

TERMINÁRA, emfim, a estatua! E com quanto amor, com quanta paixão a fizéra! Toda a sua alma, elle a puzéra ali no marmore. Mas o desvelo, a ternura, o carinho com que trabalhára não haviam sido vãos. A linda creatura, a creatura maravilhosa que o embriagára e seduzira com a sua belleza magnifica, como a esculpira fielmente! Que semelhança estupenda entre a obra e o modelo! Sim era bem aquella mesma bôcca expressiva, aquella mesma cabeça de deusa grega...

E elle a acariciava amorosamente, apaixonadamente, como si esperasse o milagre de vêl-a palpitar, vibrar, viver, emfim! Elle nunca se sentira tão artista, nenhum trabalho seu o orgulhára tanto. Esplendida, sim! Tão esplendida, tão maravilhosamente bella quanto a mulher que a inspirára e lhe despertára esse amor profundo e vehemente.

E ella era para elle o sonho irrealizavel, o sonho impossivel; era para elle o fabuloso thesouro inattingivel!

Não teria nunca, jamais, a gloria de fazêl-a sua perante os homens e perante Deus, porque ella era a noiva promettida a outro.

E o "outro" era o seu melhor amigo, seu proprio irmão. Um ciume surdo, um ciume allucinante, aterrador, cresceu dentro delle, empolgou-o todo. E elle horrorizava-se de si mesmo, horrorizava-se do sentimento que o arrastava ao desejo de destruir a felicidade do irmão, roubando-lhe o amor da noiva; ao desejo de lhe anniquilar todas as esperanças e todos os sonhos de ventura e de lhe despedaçar a vida. Todo o seu ser se revoltava deante da degradação moral em que se via abysmado.

Mas não! Não era um monstro repellente e abominavel; era, sim, uma victima da fatalidade. Desde o primeiro dia em que se lhe despertára a consciencia da intensidade de sua paixão, elle tentára fugir a esse sentimento avassalador. Mas ninguem póde fugir ao seu destino... e o delle, tão atrozmente doloroso, devia realizar-se.

Entretanto, nem mesmo os seus intimos suspeitariam nunca essa tragedia; saberia dominar-se, suffocaria o seu ciume cruciante e calcaria bem no fundo do coração todo esse amor tormentoso.

Era um forte, afinal. E, si havia vencido na vida, por que não se venceria a si proprio? Sim, assim o queria; na luta titanica entre o coração e a razão. A arte seria a sua salvação. Entregar-se-ia todo a um trabalho assombroso, que maravilhasse o mundo.

Eternizaria no marmore a dôr dessa paixão desgraçada, e isso seria a um tempo um desabafo e a sagração definitiva. E assim fez. Trabalhou febrilmente, ardentemente. E, á medida que passava o tempo, crescia em belleza e grandiosidade a sua obra.

* * *

Noite alta, emquanto no "atelier" o artista se dedicava ao acabamento da estatua magnifica de belleza trágica, no quarto nupcial a sombra dos dois jovens desposados confundidos num abraço, vinha reflectir-se na vidraça da larga janella illuminada...

REGINA RIZIERI

ETERNA AGONIA

Quando eu rezo a Oração da Desventura,
Ensopado no orvalho da Agonia,
Todo o meu sêr se expande, se extasia
Ante a mudez euphonica da Altura!

E a luz que nasce além, que além fulgura,
Na solidão do Espaço, na harmonia
Dos soluços azues da Ave-Maria,
Canta um Té-Deum no Templo da Amargura!

E, olhos fitos nos Páramos distantes,
Minhalma vae rezando silenciosa
A Ladainha dos Agonizantes...

E, emquanto a luz communga o meu lamento,
Vêjo o teu Rôsto, ó Virgem — Mãe piedosa,
Preso á moldura azul do Firmamento!

WAGNER DE MONTALVÃO

JÁ velho, o senhor Origny resolveu escrever suas Memorias. Varios motivos o impelliam a isso. Gostava desse genero literario; aquillo o distrahiria, e, além do mais, realizaria uma obra altruista, pois estava convencido de que o que chamava evocação de seu passado constituiria uma incomparavel pintura dos costumes elegantes e mundanos da Terceira Republica. Mas, como o senhor Origny gostava pouco de escrever, resolveu dictar, e chamou uma tachimechonógrapha.

Tres dias depois, recebeu a visita de uma senhora de idade imprecisa, de aspecto austero e privada de todo encanto. Disse chamar-se senhorita Bucle, e, como suas informações fossem satisfatorias, o senhor Origny a admittiu a seu serviço.

— Devo, no emtanto, fazer-lhe uma advertencia — disse a senhorita Bucle, antes de retirar-se. — Eu desejaria ter a certeza de que a obra que o senhor vae escrever e que ha de dictar-me não conterá nada contrario aos bons costumes nem aos principios religiosos. Seria opposto a minhas crenças, e eu não poderia associar-me a isso, mesmo na modesta parte que me incumbe.

— Fique tranquilla, senhorita. Vou escrever uma obra historica, e não licenciosa. Si, em algum momento, houve algo escabroso, eu procuraria velál-o.

EVOCAÇÃO

No dia seguinte, começava a dictar á senhorita Bucle a sua obra: *Cincoenta annos ou a vida de um homem de mundo*. A' guisa de prólogo dedicava algumas páginas á sua origem e á sua infancia.

O senhor Origny teve que partir, dias depois para suas propriedades do Sul, e em seu regresso mandou um aviso á senhorita Bucle para que, no dia seguinte, recomeçasse seu trabalho. Aguardava em seu gabinete, quando o criado foi communicar-lhe que uma joven desejava falar-lhe da parte da senhorita Bucle.

Quando a moça entrou, o senhor Origny experimentou, ao vêl-a, uma das maiores emoções de sua vida.

— Mas si é Marcelina! — exclamou.

Não era Marcelina, que havia morrido, fazia trinta annos, mas era seu vivo retrato, sua expressão, suas actividades, seu gesto, sua vóz. O senhor Origny apenas ouviu que a joven dizia ser sobrinha da senhorita Bucle e que, por achar sua tia enferma, ia substituil-a, si o senhor Origny não visse algum inconveniente nisso.

— Nenhum, senhorita. Daremos immediatamente inicio ao trabalho.

Sahiu do gabinete. Precisava estar só para dominar-se. O passado que pretendia evocar em suas *Memorias* acabava de surgir deante delle com uma intensidade dolorosa. Aquella Marcelina, com quem tanto se parecia a sobrinha da senhorita Bucle, fôra o unico amor de sua vida. Elle era estudante quando a conheceu, e Mar-

SEMEADOR

Ao Elcias Lopes

Eu vinha pela Vida
Como um Semeador...

As minhas mãos disperdiçavam,
Através do tempo,
As sementes de Amôr,
Que eu tinha guardadas na minh'alma...

O meu pranto
Era a chuva
Que humedecia os campos
Do meu cultivo...
E a minha dôr,
— a charrúa
Com que rasgava a terra dos corações,
Onde eu semeava...

Eu gastava os dias
Nesse labôr emocional.

Frederico Boutet

lina era uma moça virtuosa, que o amou sem cálculo, com pureza e abandono, sem saber si elle era rico ou pobre.

Foram dois annos de dias sem nuvens, e aquelle amor encantador e fresco era toda a sua juventude, que o actual senhor Origny vira reviver naquella pequena que o esperava agora em seu gabinete. E era, tambem, a dôr dilacerante que experimentára quando Marcelina pereceu em um desastre ferroviario, morrendo com ella o unico amor de sua vida, pois já não poude querer a nenhuma outra mulher. O senhor Origny tirou de uma gaveta uma photographia. Era Marcelina, e era, tambem, com a unica variante do penteado e do vestido, a sobrinha da senhorita Bucle... O senhor Origny beijou devotamente o retrato e se dirigiu ao gabinete..

Começou a dictar, mas não encontrava a phrase precisa. Contemplava a joven e se interrompia para fazer-lhe perguntas, afim de ouvir-lhe a voz. Soube que se chamava Emma, que era orphã e se encontrava sem emprego havia um mez.

— Que linda e que graciosa! — pensava.

E em seu espirito se confundiam já Marcelina e Emma, e o amor que sentiu pela morta começou a derivar para a viva...

Emma resistiu durante um mez, e quando cedeu, o senhor Origny se considerou feliz.

Foi ditoso durante algumas semenas. Depois appareceram algumas nuvens, e não tardou em desencadear a tormenta. Emma era despotica, má e caprichosa. Em vão elle a rodeava de luxo e a cumulava de presentes. Sempre exigia mais.

Quando as scenas eram muito violentas, o senhor Origny se encerrava em seu aposento. Que fazia? Emma sentiu desejos de sabêl-o, e um dia chegou a descobrir o retrato deante do qual Origny chorava copiosamente.

— Um retrato meu? Mas, não! Eu não posso ser esta antiguidade! Queres explicar-me que significa isto?

Pela primeira vez Origny se resolveu:

— Não és digna de tocar isto! E' o retrato de uma mulher que morreu ha trinta annos, depois de ter-me feito o mais feliz dos homens. Amei-te porque te pareces com ella, physicamente apenas. Ella era amorosa, doce, desinteressada, fiel..., emquanto que tu.... Como é que a mesma imagem póde occultar um anjo e um demonio? E' espantoso!

Houve um silencio. Emma encolheu os hombros.

— Não tens um retrato teu, daquella época? Pensa um pouco. Si fosses agora como ha trinta annos, é quasi certo que te amaria como ella te amou. E si elle te houvesse conhecido como estás agora, o provavel é que tambem te faria o que que eu faço.

— E' possivel que eu seja um velho — disse o senhor Origny. — Mas, então, Marcelina nunca teria consentido em vender-se a um velho.

— Quem sabe! — disse Emma, philosophicamente.

A's noites,
Derramava o luar da minha illusão
Sobre as covas abertas,
onde eu espalhára as minhas sementes,
E esperava sempre
O milagre verde da germinação...

Mas a minha dôr
não commovia a argilla desses campos...

Assim,
Eu vinha pela Vida
Como um semeadôr
A quem a Terra se fechava
Numa esterilidade impiedosa...

E agora,
Já me sinto tão gasto de esperança
Que apenas comsigo espalhar
Nos campos onde piso
A poeira dos meus passos...

Raul de Siqueira Xavier

Entre um patife que a sociedade acceite e outro que ella repelle, procura a companhia do ultimo: elle te será um verdadeiro amigo.

*

Evita a companhia dos homens de bem: elles ensinam o egoismo.

*

Para os imbecis o ridiculo é uma fórma de applauso.

*

O tolo confunde subserviencia com gentileza. A primeira pertence aos politiqueiros e a segunda aos homens intelligentes.

*

No amor não ha victimas: — ha algozes...

*

Gente ha cujos processos de educação foram feitos para exposição.

*

O canalha é um individuo honesto, que se embriagou da vertigem da sociedade...

*

Só o imbecil sorri quando vê um homem intelligente.

Boinas de carregação

A dôr não existe. O que ha é uma convenção. Ha tanta gente que chora de prazer...

*

Certas pessôas põem luto, não por sentimento, mas para ser alvo dos pezames dos conhecidos...

*

A maior virtude é aquella que o canalha possúe e não a alardeia.

*

Muitos têm a vida dos batrachios. Não trabalham... e vivem.

*

O parallelo no amor é um signal de seu desapparecimento.

*

Na vida de uma mulher ha sempre o mysterio de um peccado...

*

O amor é o fogo da lareira para a mocidade e a amizade é a baêta para a velhice. Aquelle precisa de combustivel para a sua conservação e este mantém sempre o mesmo calor...

A mulher não acredita na virtude da rival...

*

No peccado, o que agrada a mulher não é o "original", mas a copia...

*

E' preferivel ,ao elogio de um homem, a bofetada de uma mulher na rua. O elogio aos outros parecerá hypocrisia, emquanto que a bofetada todos a julgarão sincera...

*

O valor do caracter de um homem moderno é avaliado, pela mulher, pela installação do seu apartamento...

*

Uma das maiores mentiras que a mulher póde engendrar é louvar as virtudes de outra...

*

A maior virtude de uma mulher moderna é possuir um automovel...

*

Dizem que a Esperança morre com o Homem, mas a Vaidade o acompanha.

ADONAI DE MEDEIROS

Canto de alegria do meu coração

Você quer que eu, sempre, lhe repita que a amo, apaixonadamente... Você deve ter razão, nessa vaidade: o veneno que mata sem deixar vestígios é aquelle que se bebe continuadamente, em pequenas doses.

* * *

Phidias fez Galathéa — sua obra prima. E pediu aos deuses que lhe dessem voz e movimento. Antes de obter essa graça, já estava apaixonado pela estátua...

Eu, si você puzesse seus olhos, que amo, no berço macio dos meus olhos, ao contrario de Phidias, immobilizaria sua cabeça entre a caricia de minhas mãos. O esculptor, ali, fez a estátua e lhe deu movimento, depois. Aqui, o poeta tiraria o movimento afim de conseguir a estátua para sua perenne adoração!

Quando ponho meus olhos em suas mãos elegantes, penso na ironia do Creador. Elle armou seus braços com dez punhaes de carne que terminam em outras tantas rosas de marfim...

Entretanto, quando cerro os olhos, á noite imagino como seriam caricíosos os afagos desses punhaes de carne, si me tocassem, num delirio de amor...

* * *

No amor, fui como um peregrino. Atravessei todo o deserto á procura do oasis. E foi você o oasis que se me deparou, durante essa peregrinação. Vinha cansado, sedento e faminto. Você me descansou com a promessa de um olhar esperançoso; suas palavras animadoras cairam em minh'alma como a agua de um cantaro bemdito e emfim, seu amor foi a mais doce tamara em que jamais beduino algum lográra pôr os lábios...

A Felicidade é como uma arvore frondosa, a cuja sobra nós estamos abrigados. O amor é um sol de intensa vida, abrazador. Ardem seus raios como arde nosso affecto; scintilla sua luz como scintillam nossos olhos, mal nos vemos, ainda ao longe.

* * *

A sombra diminuirá á proporção que o sol for chegando ao zenith. Então, nesse ponto, a sombra será tão pequena, que nós nos enlaçaremos tanto, com medo dos raios do sol, que ficaremos como um só corpo, uma só alma, um cérebro sómente.

Você não póde calcular a ansia de que estou possuido, antegozando esse dia em que o sol estará muito alto, quasi tocando os céus e aclarando o universo...

PAULA CHAVES

Escriptores e livros

Celso Vieira — PARA AS LINDAS MÃOS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 4$

ESTE formoso volume de contos é da lavra de um artista requintado. Raramente, encontramos na prosa contemporanea um mais encantador joalheiro da phrase, espirito cuja vivacidade tem o dom de empolgar. Basta abrirmos o livro, para a primeira surpresa, enternecedora. *O ocio das lindas mãos* é quasi uma symphonia para a embriaguez dos sentidos. "As tuas mãos indolentes, minha amiga, são modelos de arte e de ocio, que ninguem sabe se andam ou se dormem, pelos caminhos velludosos da mulher e do áspide, na lentidão com que passam, na languidez em que vivem. São como duas gemeas quietas e adoraveis, filhas de uma preguiça lendaria. A mais feia especie animal, symbolizada em tuas mãos, parece ter produzido a mais linda especie do mundo. Quando o sol martella no zenith a hora candente do trabalho, meio dia, a manicura vem acordál-as para o banho, colorir-lhes o esmalte das unhas, recortado em lunulas, semelhantes ás perolas, de que se ornam os dedos. E ellas acordam, espreguiçam-se, buscam a tepidez cheirosa da agua, tacteiam devagar, entre biombos e espelhos, a linha eburnea do teu corpo, a onda negra do teu cabello, flammas de sêda, nevoas de renda. Que enlevo e que fadiga! Mollemente, arrastam-se depois, á mesa, para o grão dourado e fumegante de cada dia. Vagamente, depois, manuseiam alguma revista de modas, o escrinio das joias, um album de retratos ou de tolices, uma cesta de vime, onde colleccionas bagatelas. Eram nos moveis finos de laca, pendem nas almofadas de velludo, sobem aos jarros, em que se exila e se desfolha a magestade imperial dos cravos de Petropolis, mais uma vez dormitam sobre as paginas do livro, que te reflecte e possúe, tagarela como a tua lingua, estéril como o teu seio, vazio como o teu coração."

Celso Vieira proségue...

Paginas de estranha belleza, do mais vivo colorido!

Sacrario de pequenas maravilhas da lingua portugueza, que tambem é a nossa.

Léon de Poncins — AS FORÇAS SECRETAS DA REVOLUÇÃO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 6$

COM o advento do communismo na Russia, a humanidade occidental, que ha dezenove seculos se levanta sobre os alicerces do christianismo, corre o imminente perigo de ser destruida pelos demolidores de nossa civilização. Eis o ponto de partida de Léon de Poncins, para argumento da sua obra. Acha o escriptor que, no intimo, no fundo de todos os movimentos revolucionarios de ha sessenta annos a esta parte, no que elles tiveram e têem de mais secreto, o judaismo e o bolchevismo são uma e a mesma coisa.

Argumentando e documentando, escreve 268 paginas, que só interessam aos espiritos estudiosos dos problemas sociaes.

Elias Ehrenbourg — AS AVENTURAS DE JULIO JURENITO — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

ESTE livro é singularmente interessante, sobretudo original. Até mesmo o traductor merece destacado elogio, pois, cuidou primorosamente do seu trabalho.

As obras da natureza da que acabamos de lêr difficilmente podem ser resumidas para o conhecimento do publico. Melhor será aconselhar que cada um dos nossos leitores procure conhecer o livro. Certamente, não é um volume para regalo da frivolidade feminina. Interessa mais aos homens, e por estes deve ser lido. O traductor traçou, de começo, uma breve noticia acerca de *Julio Jurenito*, que, apesar de todo o seu symbolismo, de figura de romance, é nada menos que o mestre da Juventude da Russia revolucionaria. "As aventuras de *Julio Jurenito* estão ligadas por uma teia de ironias. O estranho personagem reune meia duzia de discipulos, que representam as caracteristicas dos povos envolvidos na grande guerra. O autor traçou a historia humoristica daquelles dias tormentosos, e o seu sorriso, que desnuda a verdade, compensa-nos dos cantos funebres, inspirados a tantos outros pelo estupido suicidio collectivo. Corrige-nos tambem muitas idéas sobre homens e coisas da Europa, cuja imagem a distancia defórma a nossos olhos. Sem perder a finura dos mestres da ironia, avantaja-se pela audacia aos mais violentos libelistas. *Julio Jurenito* é a reacção moderna contra as velharias odiosas que a grande guerra não conseguiu extirpar. O autor representa a geração da guerra. Mas conservou a sua impassivel serenidade judaica no tumulto sangrento, e não é vaidoso do seu passado na Russia communista, que nos descreve em paginas deliciosas. As suas idéas, contradictorias na apparencia, impõem-se pelo que têm de commum com as maiores creações da litteratura: a ironia profunda e inesgotavel, frisada pela continua mutação de motivos e aspectos. E' o Gargantua do seculo."

Parece ser desnecessario desvendar toda a trama deste delicioso livro, cuja circulação fôra a principio prohibida na Russia, e que hoje está traduzido em varias linguas.

Viriato Corrêa GAVETA DE SAPATEIRO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

SERA' um livro de historia? Não, responde-nos o proprio autor. Nem lhe passou pela cabeça a idéa de dar ao volume feição erudita. Escrevendo diariamente no *Jornal do Brasil*, o sr. Viriato Corrêa teve ocasião de expôr aos olhos do publico retalhos da historia nacional, não com a intenção de fazer historia e sim de fazer jornalismo. Pos isso os 140 capitulos deste volume revelam apenas aspectos curiosos, de rigorismo duvidoso, o que é previsto pelo proprio autor, quando diz que não se propõe a ensinar a ninguem, mas, a divertir os leitores.

Sendo assim, justifica-se a publicação do volume, que, embora da autoria de Viriato Corrêa, desperta um interesse relativo.

João Pandiá Calogeras — O MARQUEZ DE BARBACENA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 6$

O sr. Calogeras, possuidor de uma intelligencia dynamica, revelada nos prélios do Parlamento e nos altos postos da administração do paiz, acaba de escrever um grande livro, sobre a personalidade illustre do Marquez de Barbacena. Focalizando os meritos de um varão do Imperio, fêl-o com segurança e habilidade, patenteando a sua clara visão para o estudo das monographias historicas. Póde-se affirmar que, nesse difficil genero de ensaios, o autor venceu em toda a linha, pelo brilho da narrativa e elegancia dos conceitos expostos. São em numero de oito os capitulos do volume: *O inicio; As primeiras clivagens; Caldeira Brant e os prodomos da Independencia; Divergencias quanto á mediação; O rompimento resolvido. A missão Stuart. A successão portugueza; A campanha do Sul; O segundo casamento do Imperador; O tridente; O occaso.* Em qualquer delles, o autor domina inteiramente a attenção do leitor. Do plano da obra, temos idéa perfeita lendo a pagina inicial, que transportamos para as nossas columnas:

"Certas personalidades definem e caracterizam phases historicas.

D. Pedro I e o Grupo do Rio estão identificados com a Independencia. José Bonifacio e seus irmãos presidiram á organização e aos traços directores do Imperio nascente. O marquez de Barbacena é o proprio Primeiro Reinado, em sua diplomacia, suas contendas externas e sua economia. Tambem o resume na campanha pela abolição do absolutismo e pelo advento do governo constitucional.

Quanto mais estuda sua actividade publica, mais avulta a figura dominadora do primeiro decennio da nossa vida de nação independente. Ninguem se lhe avantaja, na pleiade dos fundadores do regime. Poucos se lhe podem emparelhar.

E, no entretanto, povo de deslembrados que somos, muito acima dos eminentes serviços que prestou, paira na mente popular a memoria das calumnias que lhe prodigalizaram a inveja e o odio daquelles a quem de tão alto dominava. Esse, em geral, o pago de nossos homens publicos.

A anecdota historica que aponta um votante de Athenas condemnando Aristides ao ostracismo, cançado que estava de o ouvir chamar de Justo, mereceria ser brasileira.

E o grande estadista do Reconhecimento do Imperio; o organizador do exercito na campanha da Cisplatina; o salvador da rainha de Portugal; o negociador habilissimo que na difficil tarefa do segundo casamento do imperador, e da luta contra o absolutismo miguelista, venceu Metternich e a Santa Alliança; o propheta politico que, com a approximação de semanas, predisse a d. Pedro I sua derrota e a instituição pratica do Estatuto de 25 de março de 1824; Felisberto Caldeira Brant Pontes ainda hoje tem sua fama diminuida pelo miasma impuro de imaginarios deslises monetarios, quando, entretanto, se tornava credor do Thesouro e tinha suas contas apuradas e com a devida quitação em inquerito de severidade innominavel movido por seus proprios adversarios politicos. Tanto póde o odio partidario na vida publica, e tal é a gratidão dos povos!...

Vale uma nação pela consciencia que tem do seu passado, de sua missão historica; pelo denodo e dignidade com que a mantém pelos tempos em fóra. E' o que nos move mais fundamente conhecer o Brasil, para o melhor amar e servir. E' o que faz da Historia a grande mestra da vida."

Fabio Leonel de Rezende — ARVORE VELHA — Rio — 1932 — 5$

ARVORE VELHA por que? Aqui está a explicação:

Crepita o incendio, em furias circulares,
Ateado pelas mãos dos reformistas,
Devorando as florestas seculares
De todo o vasto mundo dos artistas.

Emtanto, em resistencias imprevistas,
Ao ruir dos velhos cedros escolares,
Verde e solenne, deslumbrando as vistas,
O verso antigo eleva-se nos ares!

Em meio á labareda que o circumda,
Arvore augusta, impavida e fecunda,
Que não se murcha e que se não consome,

Sustendo os ramos, em supremo entono,
Inda faz sombra para quem tem somno
E encerra fructos para quem tem fome!

Devemos, pois, penetrar na floresta dos versos deste poeta que surge, com a certeza de que não entramos numa casa vazia...

As velhas arvores são sempre acolhedoras, porque, á sua sombra, o nosso espirito repousa para a melhor comprehensão dos homens e das coisas. Assim acontece com este livro: nelle perpassa um largo sopro de inspiração, onde não sabemos o que mais admirar, si o poeta ou o philosopho.

O verso antigo eleva-se nos ares, é verdade, em que pese á furia dos reformistas quasi sempre mediocres.

Fabio Leonel de Rezende é uma intelligencia brilhante, que raciocina. Por isso, escreve coisas primorosas, como *Buena-dicha:*

Quantas vezes, ó mystica sibylla!
Eu tenho vindo, anstoso, á tua villa,
Saber a minha sina!
E ao lêres minha mão aberta e fria,
Ouço-te sempre a mesma prophecia
Da bocca sibyllina:

"Aguarda-te um futuro prazenteiro;
Has de vencer na vida, forasteiro,
E' a tua mão que o diz....
Não terás um mau sonho, uma chimèra
Mais desalentadora... Segue, e espera:
Serás muito feliz...."

Louca! Quanto é fallaz a tua voz!
E que irrisão, e que ironia atroz
Em tua predicção!
Lês tu em minha mão! Que desatino!
Nem sabes, anda todo o meu destino
Na palma de outra mão!

Ahi está uma verdade que desconcerta. O nosso destino, quasi sempre, quem o norteia é uma fragil mão, pequenina mão feminina... E teimam as sibyllas em procural-o nas linhas das nossas mãos, onde os traços se confundem como os ramos nas florestas mysteriosas! Neste livro, de um poeta á antiga, sobram as paginas bellas. Impossivel reproduzil-as, neste ligeiro registo. Um poeta que surge victorioso.

A REVELAÇÃO

De Jeanne Leuba

Ao receber o *expresso urbano*, Martha Colombier, que estava cozendo, deixou seu trabalho. Garatujou quatro palavras para seu marido, collocou-as bem á vista sobre a mesa, com a mensagem, vestiu-se rapidamente e partiu.

Aquella chamada angustiosa de seu pae a surprehendia em plena tranquillidade. Ignorava que sua mãe estivesse enferma, e agora, bruscamente recebia a noticia de que ella se achava muito mal.

Como Paris é grande!

De Montrouge a Montmartre, o tempo lhe pareceu infinitamente longo, apesar do *metro*.

Quando chegou á rua Lamarck, onde morava seus paes, eram duas e meia da tarde.

Luis Debraint, seu pae, não fôra trabalhar e estava á cabeceira do leito da esposa deante daquelle ser que fugia ás leis normaes, que tinha suores e calefrios, que gemia, que queria beber e repellia o copo, que afastava as cobertas para reclamal-as em seguida.

Debraint levou a filha para a sala de jantar, informando-lhe:

— Tomou frio. Faz já tres dias. Foi o que lhe receitaram. O medico não está tranquillo...

Martha leu penosamente o que se achava escripto na folha de papel.

— Compraste tudo?

— Tudo está ahi.

— Avisaste que não ias trabalhar?

— Ainda não.

— Escuta, papae. Eu ficarei com ella, até de noite... Verei o que fôr preciso. Tu dormirás com teu companheiro Belloni. E agora vae trabalhar. O momento não é proprio para faltares a teu emprego. Si ella peorar, eu te avisarei...

Martha elevava seu pequeno rosto para o rosto já velho, todo cheio de temor e de triste espanto. Porque Luis Debraint, muito mais velho do que sua companheira, a amava com loucura.

— Mas... teu marido?... — atreveu-se a balbuciar.

— Bernardo jantará em casa dos Hulet. Não precisa de nada. Darei um pulinho até em casa, esta noite, quando tu tiveres voltado. Vae, papae...

O homem, preoccupado, partiu.

Martha sentou-se á cabeceira de sua mãe e a contemplou. Toda fina em seu leito, vermelha pela febre, com os cabellos loiros despenteados, tinha um aspecto juvenil, que fazia crêl-a, mais do que mãe, irmã mais velha de sua filha. Aliás, só dezesete annos separavam as duas mulheres. Aline Debraint, casada aos dezeseis annos; Martha aos dezoito, e havia apenas cinco mezes.

A enferma parecia não tel-a visto. Sem levantar as pestanas, abandonava sua mão ardente á mão fresca. Extendia, com um gesto machinal, sua fronte aos fomentos gelados que a acalmavam.

Depois do jantar, Bernardo Colombier, o marido de Martha, chegou. Entrou na alcova, com o semblante tão demudado, que sua esposa não poude deixar de o notar, com uma dessas sensações de espanto que nos atravessam como relampagos, sem que nos detenhamos a analysal-as. Retirou-se em seguida com seu sogro.

Toda a noite, Martha velou, dando cabeçadas em uma cadeira. O medico voltou pela manhã. Interrogou-a sobre a temperatura, os sinapismos, as ventosas, deu duas injecções e não occultou sua inquietude. A enferma estava muito abatida.

A' tarde, pareceu dormir. Mas, de repente, ao crepusculo, chamou, sem se mover, com uma voz clara, inenarravelmente pardo!...

— Bernardo!... Bernardo!...

Surprehendida, Martha se ergueu. Olhou sua mãe, que havia aberto os olhos. Uma especie de luz interior aureolava-lhe o rosto.

— Queres ver Bernardo, mamãe?

— O sol... O sol... no bosque... Bernardo!...

A joven comprehendeu que a mãe delirava. Mas, sem que, a principio, soubesse por que, o nome de seu marido a impressionou.

— Mamãe! — tornou a chamal-a. — Mamãe, não me reconheces?

Ia de encontro a uma total inconsciencia. Um espirito, livre de suas ligaduras, surgia ao nivel da terra, como um manancial, e o assombro ia nascendo naquella que o escutava.

Seria natural que a enferma chamasse a Luis Debraint, ou a sua filha, ou que evocasse, como fazem os que vão morrer, sua infancia, seus paes.

Mas seu genro!... Um amigo como qualquer outro... Um estranho para sua vida interior...

No emtanto, aquellas palavras escapavam de seus labios, alcançavam a doce creatura, suffocada

(*Conclúe na pag. 12*)

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que ellas.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares, são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador Gesteira* todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador Gesteira*

O Melhor tratamento é usar *Regulador Gesteira.*

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador Gesteira*

A REVELAÇÃO

(Conclusão)

e tremente, que se apoiava no leito. Como enganar-se? As palavras incoherentes envolviam-na como um enxame de abelhas. Cada uma a feria, lhe penetrava no peito, embora nada pudesse coordenar-se. Aquelle nome resôava incessantemente: "Bernardo!... Bernardo!..." E com que tom ardente era pronunciado!... E seguiram-se palavras queimantes: "Meu amor!... Meu thesouro!... Minha vida!..."

Uma especie de horror invade Martha Colombier. Sua mãe fôra amante de seu marido? Inclinada para aquella bôcca em que espiava cada palavra, reflectia, recordava... Foi seu pae que introduzira Bernardo em casa delles. Trabalhavam na mesma empresa commercial, elle como empregado de escriptorio, ela como vendedora.

Nunca periodo algum de existencia familiar fôra tão alegre como aquelle em que Bernardo havia entrado na intimidade dos Debraint. Elle tinha, então, 24 annos, ella 32.

Mas a differença não existia na apparencia, tão joven se conservava ella, tão homem já era elle.

Meu Deus! Havia sido então? Havia sido depois?... Si fôra então — perguntava, angustiada, Martha, a si propria — por que consentir no horror de seu casamento?

Fôra porque ella, Martha, se sentira muito apaixonada? Fôra porque ella emmagrecêra vendo que elle não pedia sua mão?

Por que, por que?... Por que não os afastar um do outro? Por que, antes de consentir em sua união com Bernardo, não lho ter confessado tudo?...

Em sua desesperação, sem pensamento se lançava as soluções extremas, inhumanas, assassinas, que a vida impede com suas travas de ferro...

E, si fôra agora, como haviam podido ser amantes tão tarde? Em que catástrophe haviam cahido todos? Que ia succeder?

Martha viu o velho de seu pae, depois o rosto de Bernardo, em seguida esse outro que ia, talvez, desapparecer da terra.

— Querido, querido, meu amor... — continuava a vóz delirante. — Quando virás? Estou mal... Cura-me!... Fala-me como só tu sabes...

A sombra invadira o dormitorio. O pae ia voltar. Martha sentiu o terror do que elle ia ouvir, descobrir, da scena atroz com seu marido... Seu instincto ordenou-lhe uma primeira defesa: fazer calar essa bôcca vehemente. Levantou-se, tomou, dentro os frascos de remedio, uma poção calmante, deu-lhe a beber a colherada de narcótico.

Pouco a pouco, a palavra se extinguiu, a torrente de phrases terriveis cessou... Era tempo. Debraint e Bernardo chegavam. Ella sahiu da alcova para recebel-os fora. Sua pallidez, seu tremor, a contracção de seus traços impressionaram ao joven marido.

Este lhe tomou uma das mãos.

— Estás fatigada Martha — disse — Vaes ficar doente. Pede a uma vizinha que te substitua esta noite, e vem para casa.

A doçura dessa voz querida, o contacto desses dedos, o brilho desse olhar esphacelaram Martha. Comprehendeu como preferia a dualidade ou a morte a perder aquelle ser adorado. Comprehendeu até que ponto devia calar, nada perguntar, viver... e esperar a decisão do destino.

E cahiu, soluçando, sobre o hombro de Bernardo.

O TEDIO NEGRO DA VELHICE

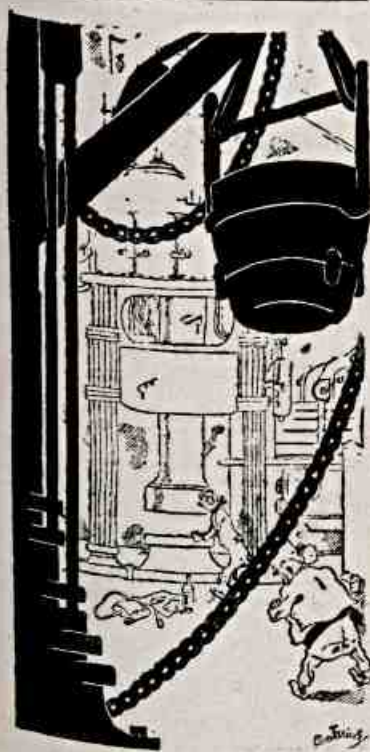
ENVELHECER é viver dentro de um grande symbolo de negação. Ouvir, longe, na penumbra silenciosa das distancias, o hymno oriental da illusão, deusa pagã das primaveras, e não poder cantál-o e não poder sentil-o, como no supplicio de Tântalo...

Ter coração e ver as suas pulsações morrerem, frias e desalentadas, no vacuo apavorante das indifferenças mórbidas! Ter cerebro, ter alma, e não poder unificál-os, integralizál-os para a contemplação mystica de paizagens verdes que rondam, como esperanças, por sobre o nosso sentimentalismo... Envelhecer é abraçar, num desvario louco, a doutrina pessimista que Schopenhauer escreveu e renegar o delirio de luzes innovadoras que a Civilização accende na ribalta enorme do universo. E' penumbra, é bruxoleas em meio do scenario multifórme da existencia, sem comprehender a logica maravilhosa de sua these. Descobrir, no clamor inconsciente das coisas, a melopéa dolente que as nenias lacrimejam á beira dos tumulos. Viver paradoxos. Encontrar motivos de dôr dentro das emoções bôas da Felicidade.

Envelhecer, emfim, é sentir a angustia das evocações. Relembrar, com crepusculos na voz, o poema triste de amores fenecidos e rever, na trama emocional das meditações profundas, um cortejo rútilo de mulheres... E não vibrar de emoção quando a natureza, enfeitada de turbantes verdes, abre o véu de gáze dos dias amanhecentes, pondo reverberos de sól na alcatifa molhada dos campos e cantando pela canção vadia dos passarinhos que despertam, frementes, para entoar hosannas ao deslumbramento dos vegetaes introspectivos.

E não ter ouvidos para ouvir a flauta de Pan dos horizontes longinquos tristes, soluçantes...

Envelhecer é recolher, no concavo gasto da alma, a lágrima de todos os ocasos e renunciar ao encantamento gritante de todas as alvoradas.

JOSÉ DE ALMEIDA CARDOSO.

— Quem te permittiu que te servisses do martello-pilão fóra das horas de trabalho?
— Que quer o senhor que eu faça? Minha mulher deu-me para almoçar, um kilo de nozes... e sou obrigado a partil-as...

UM HOMEM SIMPLES

FALAVAMOS, nessa noite, do famoso Victor Logerat, que fôra ministro varias vezes, e morrera já ha annos.

O nome de Logerat, como é sabido, evoca uma quantidade de recordações, de reminiscencias politicas, umas mais graves, outras realmente jocosas. E são estas ultimas as que acodem logo ao espirito de todos, quando se fala no nome de Logerat.

Não houve, pois, na nossa roda, nenhuma surpreza quando o nosso amigo Noreau assim falou:

— Conheço "uma" esplendida, magnifica, a respeito de Victor Logerat!

— E' possivel, replicou um dos nossos. Não ha quem não conheça sempre a "melhor" de Victor Logerat. Infelizmente, a "boa", a "melhor" é sempre a mesma.

— Não deixa, por isso, de contar a tua historia, disse eu a Noreau. Se já for conhecida, cortar-te-emos a palavra.

O nosso companheiro deu, então, inicio á anecdota, num tom grandioso de oração funebre:

— Pode-se dizer de Victor Logerat o que bem se entenda e criticar esta ou aquella de suas acções e attitudes. Nada disso, porem, impede que se reconheça que elle foi um homem de raros meritos, uma bella e nobre intelligencia. E elle absolutamente nunca se mostrou envaidecido ou orgulhoso por isso. Porque Logerat era a personificação da modestia, da simplicidade mesmo, como demonstra a seguinte anecdota.

"Logerat vinha de ser, mais uma vez, nomeado ministro não sei de que pasta, quando, um dia, teve de ficar retido no seu gabinete de despachos até muito tarde.

"No momento em que se retirava, já ao chegar á rua, lembrou-se de haver esquecido um documento que tinha de estudar em casa.

Coçou a cabeça, contrariado, pois não era nada agradavel ter de voltar e tornar a subir escadas. No emtanto ,era-lhe indispensavel levar o documento em questão.

Perplexo, indeciso, o ministro avistou um individuo fardado, a cavallo numa cadeira, a fumar um grande cachimbo, com certa distincção. Fez-lhe um signal com a mão, mas o tal funccionario não se dignou prestar-lhe a menor attenção.

Deante disso, ficou a pensar que aquelle senhor não era, de facto, o porteiro. E, realmente, não o era. Mas era alguem que estava a substituir o titular daquelle posto, que sahira para jantar. O supplente occasionado porteiro, era, porem, um sujeito cheio de si, impando de orgulho nas suas funcções provisorias.

— Oh! olá, senhor! disse o ministro.

"Só então o meloso dignatario, fumador de cachimbo, resolveu erguer um pouco a cabeça, para fitar, com um olhar de desprezo, o typosinho sem elegancia que era Logerat.

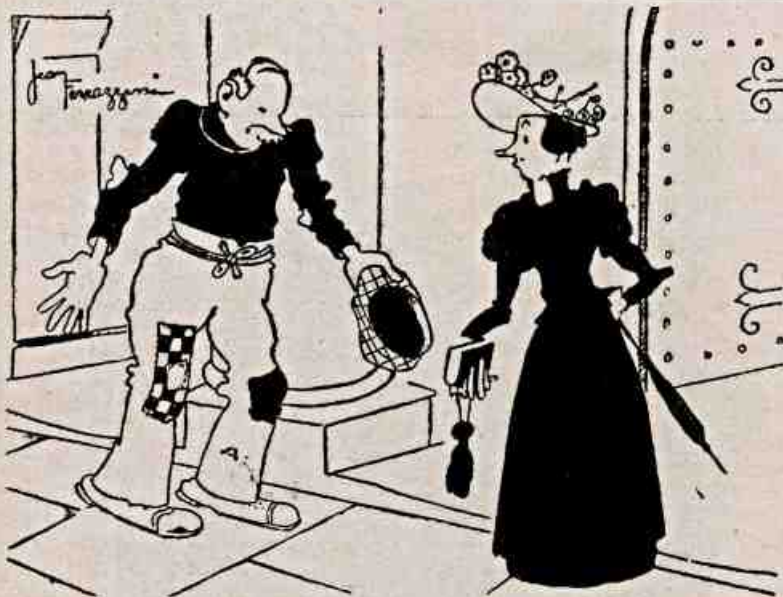
E respondeu-lhe num tom altivo, um tanto desabrido mesmo:

— Que deseja, hein?!

— Meu amigo, disse Logerat, tenho um favor a pedir-lhe.

E approximou se do guarda.

— Emfim, que favor? disse-lhe o porteiro improvisado.

— Trata-se de ir buscar me um papel que deixei lá em cima, esquecido sobre a minha secretaria...

— Um homem fórte como você, e ainda pede esmolas?
— Oh, senhora, eu estive gravemente enfermo, e o medico me prohibiu de trabalhar sem sua autorização.
— E ainda não a deu?
— Mas, si elle morreu ha cinco annos já!...

De Pierre Billotey

— Pensa, então, que sou seu creado?

— Mas não, respondeu o ministro com doçura.

E foi passando ao fumador de cachimbo, que continuava escanchado na cadeira, uma moeda de quarenta soldos.

Nessa epoca da historia franceza, uma dessas moedas, que eram de prata, valia dez dos francos actuaes. O homem então levantou-se, decidido, para logo depois, novamente conter-se.

— Impossivel! disse. Prometti não arredar pé d'aqui e é preciso que eu fique...

Depois, mais bem inspirado, alvitrou:

— A não ser que me queira substituir um momento.

— Está certo! disse o ministro, já divertido.

— Sim continuou o outro. Mas, saberá dar conta do serviço? Sequer não me pede uma pequena explicação! Emfim, ouça: sempre que chegue qualquer pessoa a esta hora não deixe de perguntar o que quer, o que desaja. Aos que forem sahindo, nada lhes pergunte. São funccionarios, como você, que tiveram necessidade de demorar mais no serviço. Comprehendeu?

— Muito bem, mesmo. Pode contar commigo sem receio.

Sahiu o sub porteiro para se desobrigar da sua commissão. E, mal se afastara, soou a campainha. Era um carteiro. Logerat acolheu-o, recebeu a correspondencia e o funccionario postal, apertando-lhe a mão, perguntou-lhe:

— E' o novo porteiro?

— Oh! não, respondeu o ministro em tom modesto; apenas o substituto neste momento.

O sub-porteiro facilmente encontrou o processo que fora procurar. Ao descer, porem, encontrou um collega que, por sua vez, era tambem seu conterraneo, e que recebera noticias frescas da provincia. E cavaquearam bastante...

Emquanto isso, Victor Logerat se impacientava, pois tinha de jantar em casa de um amigo, senador, com quem se compromettera, e que, naquella noite, uma illustre sociedade, se reunia nos seus salões.

Tambem já se achava impaciente o senador, cujos convidados já se encontravam em sua residencia, com excepção do ministro.

"— Que fazer? Que teria acontecido ao ministro? Connhecendo-o, como o conheço — pensava o senador — não duvido que qualquer barbeiro o tenha preso á sua tagarelice! E' preciso ir procurál-o!"

E sahiu á procura de Victor Logerat.

Apesar do adeantado da hora, facilmente conseguiu entrar no ministerio. Era muito conhecido. E ficou pasmo ao reconhecer Logerat a exercer, calmamente, as funcções de porteiro!

Passado o primeiro momento de estupefacção quando ia dar trélas ao seu pasmo dirigindo-se ao ministro eis que entra o supplente do porteiro que, jogando para um lado o processo que fora buscar, visivelmente furioso, foi bradando:

—" Imbecil! Então, é assim que me substitue emquanto lhe presto um favor? Veja aquella porta aberta! Não lhe importa quem entre aqui, hein? Vá-se embora, seu não serve para nada, nem mesmo para ser porteiro durante cinco minutos!"

— Que foi isto, Alberto? Um accidente?
— Não, homem; eu apostei com o Julio que elle não seria capaz de subir numa escada, levando-me nos hombros, e, como vês... ganhei...

O MILAGRE EM MINIATURA

AQUI está uma simples historia, ingenua e talvez consoladora, que uma encantadora mulher me conta numa carta sem pretenção. Leia-a procurando apenas a emoção e a sinceridade.

Bourg-en-Bresse.

25 de setembro de 1931.

Meu velho amigo.

Você péde-me detalhes sobre a morte de minha mãe adoptiva. Nada mais houve além do que lhe disse no meu breve telegramma. Ella expirou ás duas horas da manhã; entrára pela noite no tranquillo somno que conservava a despeito dos oitenta annos, e daquella longa temporada em que guardou o leito; despertou, mexeu-se um pouco, murmurou á enfermeira: "Estou morrendo..." e partiu parando-se-lhe o coração, o coração que não havia cessado de ser joven.

Logo pela manhã, fui avisada. Instantes depois, estava na rua. Chovia, mas quando cheguei deante da pequena casa que por tanto tempo me pareceu um refugio, um raio de sol procurava alli penetrar por entre as frinchas dos postigos cerrados. Galguei a humilde escada que você conhece, entrei no quarto onde se findava, na immobilidade do eterno repouso, uma existencia que fôra feliz até que a solidão da velhice, viésse affligir á minha grande amiga.

Ainda não haviam disposto sobre o leito as flôres mortuarias, mas havia ao lado delle essa especie de jardim que ella cultivava perto da cama. Lembra-se? Ella não tinha bastantes vasos para mascarar a terra-cóta que envolve o pouco de terra que basta ás dahlias das floristas. E havia tambem os recepientes de toda especie, nos quaes experimentava semear sementes que lhes traziam para fazer germinar plantas mais ou menos exóticas.

Antes de vêl-a, eu vi o que mais ella amava na vida. Talvez achasse ella o motivo de sua revigoração, dedicando-se ao que morre, em cada estação, depois de um breve desenvolvimento. Parada á soleira da porta, lembrava-me de certo acolhimento: "Minha roseira vae florir!..."

E procurava na penumbra a minuscula roseira, seu ultimo amor.

Ella lá estava sobre a mesa de cabeceira. Você não a conheceu, deram-lh'a na primavera. Era o producto da crueldade humana, que creou monstros, para se regosijar delles, mesmo no reino dos vegetaes, um pobre pequenino arbusto, muito inlanguido, que não tinha vinte centimetros de altura, quando devia possuir o pórte dum pinheiro.

Por que aproximei-me della, quando a figura de cêra assustou-me? Como eu, ella era orphã e como eu, ella ia ficar abandonada pelos herdeiros naturaes da morta.

Chegaram logo, sobrinhos e sobrinhas. Por mais desinteressados que me soubessem, mostraram-se inquietos pela minha presença. No emtanto sabiam que a parenta tinha-lhes deixado tudo e que meu nome não figurava no testamento.

Prohibira que meu nome fôsse citado, não podia haver questão de dinheiro entre mim e aquella que me havia dedicado, antes do meu casamento, uma affeição tão terna quanto lhe havia dedicado á si mesmo. Ora, para seus herdeiros até os moveis eram dinheiro.

Quando beijei pela ultima vez a mão que me havia protegido no momento de deixar entregue a morta, á familia, agora tão interessada, commetti um furto... Sim! um roubo sentimental... Aproveitando-me dum momento em que me não vigiavam, escondi, sob o agazalho, a roseira orphã, e levei-a no automovel que me conduziu á cidade.

Quando cheguei á casa, prestei-lhe os meus cuidados. Tinha sêde, dei-lhe agua, era a hora. Chorei de ternura. Meu marido, apesar da bondade, chamou-me de louca:

— Ponha-a no jardim, disse-me, estará melhor alli!

Jardim é uma palavra pretenciosa para designar as magras plate-bandas limitadas pelas gra

des que cercam a nossa villa. No emtanto, adoro-a. Quando minhas amigas recebem de presente de anno-bom ou de anniversario, alguma hortensia amarrada com fitas, exijo que m'a dêm quando as suas petalas se fanam. Meu jardim serve de deposito, de asylo a todos desenlaces da polidez e dos flirts.

A orphã alli achou o seu lugar. A principio parecia estar contente, depois — por que motivos? — estiolou-se.

Presentia ella o perigo que a aguardava? Certa manhã, achei o canteiro revolvido. O chauffeur de meu marido, incumbido de limpar e podar, havia brutalmente, a golpes de machado, posto ordem á terra, revolvendo-a.

— Minha roseira! gritei eu.

O homem desculpou-se. Sem duvida arrancára-a como uma herva daninha, jogando-a na lata do lixo. Procurou-a e não encontrou-a.

— Deixa isso, disse-me o marido, és ridicula.

Nesse meio tempo, assistimos ao enterramento de minha mãe adoptiva e cobrimos-lhe de flores, a sepultura. Resignava-me. Os dias são cheios de coisas!

"Os mortos vão-se depressa..." escreveu Laforgue. Somos nós que vamos depressa. Cuidava das minhas hortensias.

Será que te aborreço? Espere o fim.

Outro dia, cuidando das minhas hortensias, armei-me duma picareta e cavei o solo, justamente no sitio que a orphã havia occupado; e, de repente, descobri na terra — juro-lhe que não procurei — o cadaver enterrado da roseirinha. Estava morta? Parecia.

— Mas, não, não! Não é ella, disse-me o marido, examinando os detrictos. Eu estava certo que era ella.

— Pois bem! Ella está morta, disse-me o meu prosaico marido, e accrescentou:

És grotesca!

Eu soluçava. Elle levantou os hombros e foi-se embora.

Era uma pobre coisa que eu tirára da terra, parecia uma raiz, com um brôto, quasi podre. Que faria em meu lugar? Não desesperei. Com a pequenina cavadeira, preparei o lugar da resurreição, e áquella miseravel coisa que mamãe "tanto amou" eu restitui a felicidade.

Pois bem, meu amigo o milagre em miniatura realizou-se.

A creatura achou no meu coração forças para renascer.

Não exagéro, a pequena roseira resuscitou. Não tem ainda folhas, nem mesmo os brotos donde ellas se desenvolvem, mas já ostenta a promessa duma rosa, e, sobre esse botão, apenas colorido, eu me curvo com immensa esperança.

Comprehende? Foi ella que a salvou. Não tendo me dado nada, ella quiz que lhe désse... Foi ella que quiz que a sua ternura de mulher velha, de velha quasi voltando á infancia, protegesse aquella para a qual se inclinava sua alma pueril. Foi ella que me incitou aquelle furto que, ninguem, excepto você e eu, comprehenderá, e foi ella que me poz nas mãos a cavadeira e que fez sahir do tumulo, essa flôr cuja eclosão ella espreitava.

Você ri-se? Não, você chora por sua vez. Não é preciso. "Ha mais coisas sob os céos e sob a terra..." Desculpe-me, não sou muito instruida, conto ao acaso...

Deixo-o, meu amigo, vou encontrar-me com a minha roseirinha, e lhe direi que lhe escrevi, emfim que ella saiba que pensámos nella.

Helena.

Leu essa carta com a devoção que ella merece? Talvez você pense que não vale a pena publicál-a? Mas si ella consola a quem quer que seja, si ella dá a qualquer de vocês, homem ou mulher, alguma esperança, ficarei bem contente.

BINET-VALMER

MAGDALENA DORANE, ao ficar viuva, quasi morreu de desgosto e de desespero. Depois, passados tres annos de solidão e de desafogo, voltou a viver num ambiente de discreta mas sensivel recordação da sua vida de outrora.

De novo começou a apreciar as flores, os livros, a musica, o theatro, os jantares finos da alta sociedade. De novo procurou combinar as suas toilettes em harmonia com a hora do céo e o humor da moda. Voltou a sombrear os olhos, a pintar os labios, a estudar o seu sorriso... E reappareceu nos salões, sempre esbelta, por especial favor da natureza, e sempre loira graças a prestigiosos artificios. Não foram aquelles tres annos de reclusão, de abandono de se propria, e, deante daquella persistente belleza, e ella continuaria a ser a bella Magdalena Dorane. Maltratara-se, porem, um pouco no periodo de saudade da viuvez e sua radiante belleza de outrora declinava um pouco, apesar dos extremos de cuidado com que ella, agora, consciente desse declinio, procurava disfarçar os estragos dos tres ultimos annos.

Mas, ainda assim ella se resignava, muito embora aquelle "calor de alma" que a salvara do desespero a que se vinha entregando. Alem disso, Magdalena Dorane, intelligente como era, pensava que uma mulhr é sempre seductora quando ainda é amada.

Ora, e um homem a amava, a adorava porque tinha por ella um verdadeiro culto: Jeronymo de Salége, que, alem de mais novo do que ella, possuia uma alta situação e uma grande fortuna. Tudo isso elle lhe offerecia. Mas ella, obstinava-se em não acceitar, porque não desejava tornar a casar-se, satisfazendo-se apenas em passear pelos salões que frequentava sua belleza decadente, mas que ainda merecia a homenagem dos seus admiradores.

Aliás, sua attitude discreta, sua prudencia e reserva eram apreciadas devidamente e suas amigas, mesmo as menos generosas, não se cansavam de dizer:

PUDOR...

— Magdalena é adoravel, perfeita na sua attitude. Em Paris, porem, uma "attitude perfeita" nunca impediu que authenticas e dignas viuvas tivessem um bom amigo. E todo mundo logo decretou que Jeronymo de Salége era o amigo de Magdalena Dorane. Elle o era, de facto, mas somente com a renuncia, o devotamento e os privilegios muito restrictos que comporta a palavra na sua vrdadeira significação. A' força de constancia, de perseverança e de supplicas eis o que elle tinha obtido: jantava, em casa della, duas ou tres vezes por semana e cada domingo, conforme a estação, acompanhava-a ao campo, ou levava-a a assistir um concerto.

Jeronymo amava Magdalena de tal maneira que a sua presença era bastante para o encantar. Respeitava, escrupulosamente, as convenções dos seus *tête-à-tête*, quasi quotidianos, limitando-se a beijar-lhe a ponta dos dedos da mesma forma como fazia quando se encontravam nas reuniões mundanas. Porque elle a encontrava sempre, aqui ou ali em casa de amigos communs, nesses salões em que se dizia que Magdalena era "irreprehensivel nas suas attitudes".

Um dia, elle a encontrou em outra parte, em certo legar. O caso foi imprevisto e brusco como o relampago. Uma tarde, nas immediações da estação do Leste, onde elle viera deixar alguns parentes da provincia, numa confeitaria onde entrara, ao passar, viu-a, de repente, sentada ao lado de um moço bem alinhado, de cabellos luzidios, moreno, — typo que se conhece ao longe porque era desses a quem se dá dinheiro para que sejam gentis.

Elle falava-lhe ao ouvido com uma fatuidade sorridente, emquanto ella o fitava com seus olhos de myope, melosos de sensualidade.

Jeronymo ha muito conhecia o encanto dessa myopia, a descuidada caricia desse olhar um tanto vago, que parece não demorar sobre as coisas, para sentir mais intensamente, a volupia da luz.

Magdalena, extasiada, parecia fóra da vida. Jeronymo sabia que não haveria perigo della o perceber.

RESIGNAÇÃO

Que é feito de nós dois, agora que não somos
Mais que dois simples conhecidos,
Nós que romanticamente fomos
Dois corações reunidos
Num unico, num só, num grande coração!
Nada mais em nós dois lembra o passado!
Nem a sombra siquer de uma recordação!...
Quem agora nos vir, a custo ha de dizer
Que eu fui teu namorado
E tu meu sonho azul feito mulher!...

Não me conheces mais... não sou mais nada!
Passas perto de mim e não me vês!...
Eu tambem, si te vejo ao longo da calçada,
Assumo o áspecto grave de um inglez...
E si te cumprimento emfim, por fidalguia,
E' porque, finalmente, a cortezia
Custa pouco a um rapaz — não custa nada!

Emtanto, o nosso amor era immortal,
Tu me dizias...
— Há de dar-nos dilúvios de alegrias,
Manhãs cheias de sol, tardes gloriosas,
E elle todo ha de ser um grande roseiral
Sangrando rosas!...

Poderia observál-a á vontade, do logar onde estava, seguil-a.... saber de tudo.

O barulho da sala não lhe permittia ouvir o que conversavam os dois. De resto, o homem pouco fallava e ella mal respondia. Era assim que ella costumava fazer quando elle lhe falava de amor. Dizia-lhe, então, apenas: "Não, não", ou, "porque sim", sem outras explicações.

Sahiram os dois.

Jeronymo não teve difficuldade em seguil-os, por uma rua perpendicular ao "Boulevard" de Strasbourg.

O individuo caminhava uns quinze passos á frente della que, mais adeante, penetrou atraz delle numa casa de dois andares. Logo depois, no 2º pavimento, uma janella se illuminava.

O peor, o mais estafante foi a espreita até a sahida dos dois, a ir e vir na calçada fronteira. Como demoravam! O tempo parecia parado. As horas não tinham mais fim.... Uma infernal sensação de eternidade!

E só quando o pesadello passou, quando elle a viu tomar um taxi e partir é que notou que não havia demorado tanto como suppunha.

Os parentes que elle viera trazer á estação partiam pelo trem das cinco horas... E eram seis horas e um quarto...

Pensou em matar-se.... e em matal-a.... E passou a noite a escrever cartas insultuosas, que ia rasgando uma após outras. No dia seguinte foi á casa della, sabia de tudo.... Exigia uma explicação...

Encontrou-a, tranquilla, no grande salão, de uma elegancia um tanto severa. Para o receber ella accendeu o lustre e abandonou seu canto favorito, perto de uma lampada de leitura, á cuja luz estava a ler um dos seus poetas predilectos.

Pallida, com o seu todo distincto, como sempre, apenas carregava um pouco de *rouge* nas faces. No mais, mantinha o seu porte de rainha que o vestido de velludo preto mais fazia realçar.

Quando elle falou, ella começou por abrir desmesuradamente seus belos olhos claros, que não viam bem ao longe.... Depois escondeu o rosto nas mãos e chorou. E era realmente o que poderia fazer, pois nada podria allegar em sua defesa...

Elle quasi já se vangloriava de tudo saber, mas desejava saber ainda mais.... Mas, o que? Ao acaso, perguntou-lhe o nome do homem.

— Mas emfim, porque elle? Porque escolheu aquelle cretino? Como se chama?

Entre dois soluços ella balbuciou:

— Não sei.

— Não o conhece, então?

— Não.

— Não deve vêl-o novamente?

— Não.

— Prestes a brutalizál-a, elle tomou-lhe as mãos. Mas a suave maciez dessas mãosinhas desarmou-o... Abandonou-as e soltou uma exclamação surda em que a piedade lutava com a cólera.

— Magdalena, não tem você vergonha disso?

Ella ergueu-se, para sentar-se novamente, como um fardo, a mostrar-lhe, lavada pelas lagrimas, uma physionomia envelhecida, de mulher, já madura, que chora:

— Sim! Sim, tenho vergonha, muita vergonha!... Vergonha de ter ainda necessidade... Por isso é que vou unicamente com desconhecidos com homens que não verei mais nunca.... E agora, que sabe tudo, deixe-me, vá.... vá.... embora!

— Mas isto é uma loucura! Loucura! Escute-me, Magdalena! Encarrego-me de curál-a, de defendêl-a desta aberração...

— Não, não: é inutil tentar.... E' preciso que vá embora, já, já para nunca mais voltar, meu pobre Jeronymo. Porque mesmo que você seja capaz de me comprehender e lastimar, ainda tenho pudor demais para tolerar a sua presença ao meu lado.... Não, não.... não podia ser nunca.... nunca...

MARGARIDA COMERT

Palavras de mulher, leva-as o vento,
Pois que não saem do coração!
Eu não fui mais que um simples acontecimento...
Não sou mais nada agora!...
Mas, para mim, tu foste uma ave que um momento
Pousou em minha mão,
Emquanto a tempestade andava fóra...
Hoje, longe no azul, tu passas, andorinha,
A voar,
Symbolizando uma felicidade
Que havia de ser minha
E que eu não soube nem siquer tocar!...

Si acaso hoje te vejo, e com simplicidade,
Ao te cumprimentar,
Levo a mão ao chapéo, em cortezia,
Fingindo o que não existe em realidade,
Fazendo como faz qualquer um conhecido,
Eu poupo ao coração maior tormento.
Que me vale chorar o bem perdido?...
Que me adeante sonhar uma alegria?...
Andorinha que vaes na aza do vento,
Toda tonta de sol, ebria de luz,
Como é que has de escutar e distinguir da altura,
Chamando-te da terra, uma creatura
De braços para ti, abertos numa cruz?

MARAGLIANO JUNIOR

A ORIGEM DO LINHO — A origem do linho perde-se na noite dos tempos.

No Egypto, os sacerdotes de Isis vestiam tecido de linho e do mesmo tecido eram os pannos que envolviam as mumias.

Do Egypto passou o linho a Judéa e a Grecia, e, logo depois, a Italia, onde se fizeram tecidos de uma alvura deslumbrante.

Na edade media, o linho era cultivado em Flandres, na Normandia, e na Bretanha. Flandres era famosa pela finura dos seus tecidos de linho.

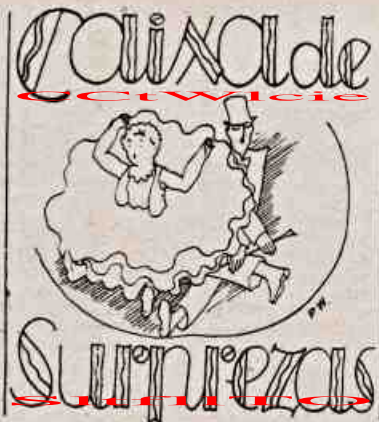
•

DEFINIÇÃO — Papai, queres dizer-me o que é um celibatario?

— Um celibatario é um homem feliz e realmente invejavel... Nada, porem, digas á tua mamãe...

•

UMA CURIOSIDADE — No exercito francez, o inferior dirigindo-se a um superior faz preceder a indicação do gráo com a palavra *mon* e diz *mon capitain*, *mon general*.

Mas a palavra *mon* não é neste caso, como se poderia suppor, o pronome possessivo *meu*; é a abreviatura de *Monsieur* (senhor). Durante o antigo regimen, o titulo de *monsieur* era reservado aos officiaes que tivessem recebido

commissão real. D'ahi tornar-se habito no exercito antepor o *mon* ao gráo para dirigir-se aos officiaes superiores.

Entre os marinheiros francezes não se usa o *mon* e só aos almirantes se chama *monsieur l'amiral*.

•

A FESTA DA RAINHA WANDA — No dia 1º de julho, celebra-se, annualmente, em Varsovia, a festa do Vistula. Se o cerimonial tem variado no transcurso dos seculos, a tradição se manteve através da tormentosa historia da Polonia. Remonta ás primeiras épocas do paganismo. Uma formosa rainha, Wanda, jogou-se ao rio para fugir ao amor de um chefe germano que a perseguia tenazmente.

Para commemorar esse sacrificio, no dia da festa grande quantidade de moças enchem os barcos do Vistula e percorrem determinada parte do rio jogando coroas de flores. Se estas se reunem no centro do mesmo é um bom presagio para todos.

•

POEIRA... MARITIMA — Não é um paradoxo. O facto se passou durante uma travessia no Oceano Pacifico.

O sal do mar crystalisava-se em pó finissimo, esbranquiçado, e espalhava-se por toda parte, exactamente como a poeira das ruas e das estradas.

O vapor japonez *Montreal-Marú*, em uma viagem a Nova York, soffreu as consequencias desse phenomeno maritimo durante quinze dias.

Todas as manhãs os marinheiros tinham de limpar o navio, que estava cheio dessa poeira esbranquiçada.

•

A "MARCHA FUNEBRE" DE CHOPIN — Foi improvisada pelo grande musico no final de um espectaculo de fantoches, que se realizava em casa de um celebre pintor. A peça terminava com a morte e o enterro de um dos bonecos.

Chopin sentou-se ao piano por brincadeira e improvisou a admiravel *Marcha Funebre*, que é uma das paginas mais profundamente commovedoras do genial artista polaco.

NOTAS DE ARTE

GOETHE. — A ephemeride de 22 de março de 1932 marca o 1.º centenario de uma grande vida subjectiva: a de **João Wolfgang Goethe**: o maior poeta da Allemanha e um dos maiores da Humanidade.

Nascido em Francforte sobre o Meno, a 28 de agosto de 1749 e fallecido em Weimar a 22 de março de 1832, Goethe viveu 83 annos. Morreu velho. Mas a idade chronologica não lhe correspondia á idade physio-psychica. Em avançada madureza, era ainda o mesmo corpo joven, o mesmo espirito moço, o mesmo coração de rapaz. Em plena velhice, quasi octogenario, cantava a belleza feminina na figura de Helena de Troya, heroina do **Segundo Fausto** e elle proprio se apaixonára por uma joven de quem podia ser bisavô, Ulrica de Levezov, a qual tinha apenas 19 annos.

Infelizmente, todo esse enthusiasmo permanente pela mulher, era mais egoistico do que altruistico, mais desejo do que ternura. Dahi a volubilidade das suas affeições, a numerosa lista das suas inspiradoras. Desde Carlota Buff, que foi a **alma mater de Werther**, e que aliás nunca lhe correspondeu ao peccaminoso affecto, pois era noiva, amante e amada de Kestner, amigo do poeta, até Ulrica de Levezov, que lhe despertou a senil paixão e foi a inspiradora de uma das suas ultimas poesias lyricas, **Elegia de Marienbad** — Goethe foi successivamente estimulado em suas creações poeticas por Frederica Brion, que foi a musa dos seus primeiros lieds e que parece reviver na heroina de **Hermann e Dorothéa**; por Maximiliana de La Roche, mlle. Stolberg, Lili Schoenemann, com quem quiz casar e que seja talvez uma das inspiradoras de **Stella**; por duas moças de humilde origem e modesta condição, a que allude Arthur Chuquet na sua **Hist. da Lit. Allem.**, Clara e Margarida, as quaes são, com o proprio nome, as personagens famosas do **Egmont** e do **Fausto**; por Carlota Stein, o grande amor da sua vida, que foi a sua egeria em todo o periodo da creação de **Iphygenia, Tasso** e **Wilhelm Mister**, mas que acabou desamada e substituida por Christiana Vulpius, mais companheira do que amante e que afinal se tornou marido; por Minna Herzlieb, que é a Odila do romance **Affinidades Electivas**; por Marianna de Willemer, a Zuleika de Divan; e Ulrica que se aponta como o marco inicial do declinio do seu genio. E quem sabe quantas outras se ignoram, além de uma Catharina Schoenkopf, por quem se apaixonára aos 16 ou 17 annos...

Dessa inconstancia do coração, aggravada, senão oriunda do meio combalido da sociedade revolucionaria, que já tinha 4 seculos de Revolução, do meio protestante e germanico em que surgiu, resultou a sua obra fragmentaria, a qual não corresponde á pujança do seu espirito, ao mesmo tempo esthetico e scientifico, poetico e philosophico. Si tivesse nascido na Italia do seculo XIII e possuisse o coração de Dante, teria escripto a **Divina Comedia**; mas nasceu na Allemanha do seculo XVIII, não possuia a alma ao mesmo tempo pura e terna do cantor de Beatriz e só póde escrever o **Fausto**: a tragedia da duvida, o poema da metaphysica revolucionaria, como a **Divina Comedia** é a tragedia da fé, a epopéa da theologia catholica.

Mas si a obra-prima, que mais recommenda Goethe á admiração universal, pelo seu caracter de poema da Humanidade num dos estados da sua evolução, não tem, não póde ter a grandeza, a belleza do incomparavel poema dantesco, outras obras collocam-no, não sob o aspecto moral, mas como valor esthetico, ao lado, ou pouco abaixo, do maior poeta de todos os tempos, o divino Alighieri. O idyllio tragico do **Werther**, o idyllio epico de **Hermann e Dorothéa**, a tragedia lyrica de **Iphigenia**, sem falar nos grandes pequenos poemas que são as balladas **Rei de Thule** e **Rei dos Alnos** — fazem-no, senão rival, quasi emulo de Dante, no poder de despertar emoções lyricas, epicas e tragicas.

Não é só o poeta que em Goethe se glorifica; é tambem o homem de sciencia. Certo não é um sabio, um genio philosophico que tenha descoberto leis scientificas capazes de o collocarem só por isso entre os grandes typos da Humanidade; mas o que descobre factos e acha relações de ordem biologica, que o tornam precursor de Lamarck — o immortal fundador da mesologia. E' certamente figuraria entre os grandes sabios se a sua epoca fosse menos poetica e mais scientifica. Disse-o com razão Aug. Comte, quando formulou este conceito no **Systema de Politica Positiva**: «Diderot teria sido, sem duvida, um grande poeta, num tempo mais esthetico, como **Goethe um eminente philosopho com outro impulso publico**.»

Poeta, que era pensador; pensador, que era poeta; Goethe é um dos typos representativos da poesia universal na sua phase revolucionaria. E' como Byron o poeta do amôr e da duvida. E, como Byron, é o heróe perenne de todos ou quasi todos os seus poemas. Ambos poderiam subscrever o que um delles escreveu e foi o proprio Goethe: «As minhas obras são apenas os fragmentos de uma grande confissão.» São comtudo poetas que idealizam a natureza humana sublimando-a e presentindo, incompletamente embora, o advento do reinado da Humanidade. Mas emquanto Goethe attinge ao apogeu dessa finalidade por meio do drama, Byron o attinge pela epopéa. Por isso mesmo, no calendario dos grandes homens, o dramaturgo do **Fausto** é glorificado no mez de Shakespeare e na semana de Calderon, consagrada ao drama idealista; e o poeta do **Child Harold** no mez de Dante, na semana de Milton consagrada á poesia sentimental, á poesia psychologica, á epopéa religiosa.

Resumindo a glorificação de Goethe celebremos-lhe a universalidade do espirito, reconhecendo, com moderno historiador da literatura, que elle realizou o caso raro assignalado por Paulo Richter: Na sua carreira literaria, encontrou as 9 Musas...

OSCAR D'ALVA

— Não me vaes, agora, ensinar o que seja um automovel!, pois todos os dias me passam mais de cem pelas mãos.

— E's mechanico?

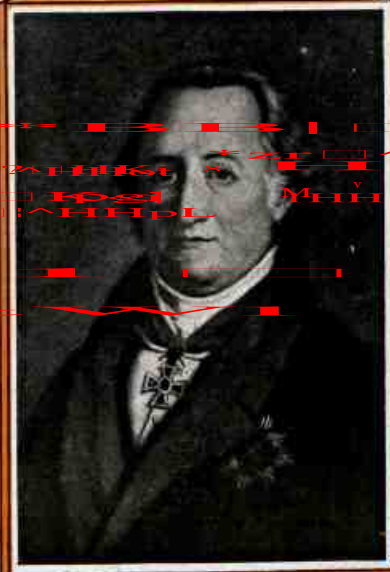
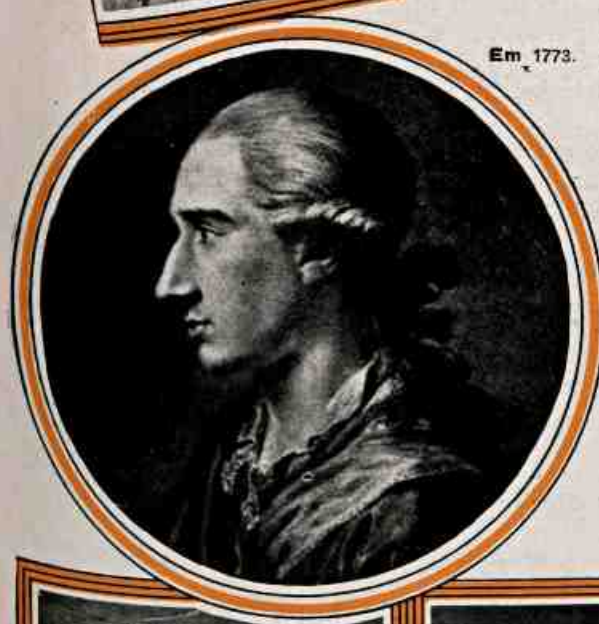
— Não, mas sou abridor de portinholas, em frente dos theatros...

Goethe, menino ainda, em companhia de sua irmã Cornelia.

O grande poeta na adolescencia, escrevendo os seus primeiros versos.

Goethe na Campanha, segundo um quadro do pintor J. H. W. Tischbein.

O AUTOR DE «WERTHER» EM VARIAS PHASES DE SUA VIDA

Em 1773. Em 1779.

Em 1809. Em 1822. Em 1828.

NOEMI PITANGA é uma jovem escriptora bahiana que mais de uma vez tem apparecido nas paginas do FON-FON, assignando contos ou poemas em prosa de uma arte subtil e de um estylo elegante e rico de imagens imprevistas. Agora, Noemi Pitanga vae publicar o seu livro de estréa, cujo titulo — Quem canta... — fala, expressivamente, do genero literario com que a escriptora se apresentará ao nosso mundo intellectual, para a definitiva consagração de seu nome victorioso. Os poemas em prosa reunidos nessa obra têm, todos, o mesmo traço de doçura lyrica e a mesma delicadeza desta pagina inédita que Noemi Pitanga nos offereceu, para que a publicassemos antes do livro.

OITO dias que Te não vejo, meu Amor!

Oito dias de febre, de ansiedade inutil, de torturada angustia!

Febre, angustia, ansiedade de Ti, de teus olhos profundos, esses olhos que, de tanto procurados pelos meus olhos, têm a attracção do abysmo, onde resvalarei, um dia, pequenina e frágil, ante a immensidade de teus olhos castanhos!

Oito dias de desejo suffocado! Oito dias de saudade insomne, que minha saudade não póde dormir!

E Tu nem sabes que Te espero com adoravel impaciencia de creança mimada, e quasi a chorar pela demora de tão longa promessa...

Meu Amor! Meu Pobre-Desejo-Personificado! Por que não realizas Tu esta esperança, minha linda esperança oito dias em agonia pela saudade de teus olhos profundos e castanhos, tão castanhos e profundos, que... Meu Amor! Meu Pobre Amor! Por que não vens Tu? Por que não me ouves Tu? Por que não me attendes Tu?

Vem! para a divina caricia dos meus olhos desertos e tristonhos!
Vem! para a suave ternura de meu coração isolado e frio!
Vem! Vem!

Minha bôcca está vazia, e só sabe pronunciar o teu nome!
Minha alma é grande e vasta, e só sabe receber a Ti!
Meu Amor! Meu Amor! Por que não vens Tu, por que?!

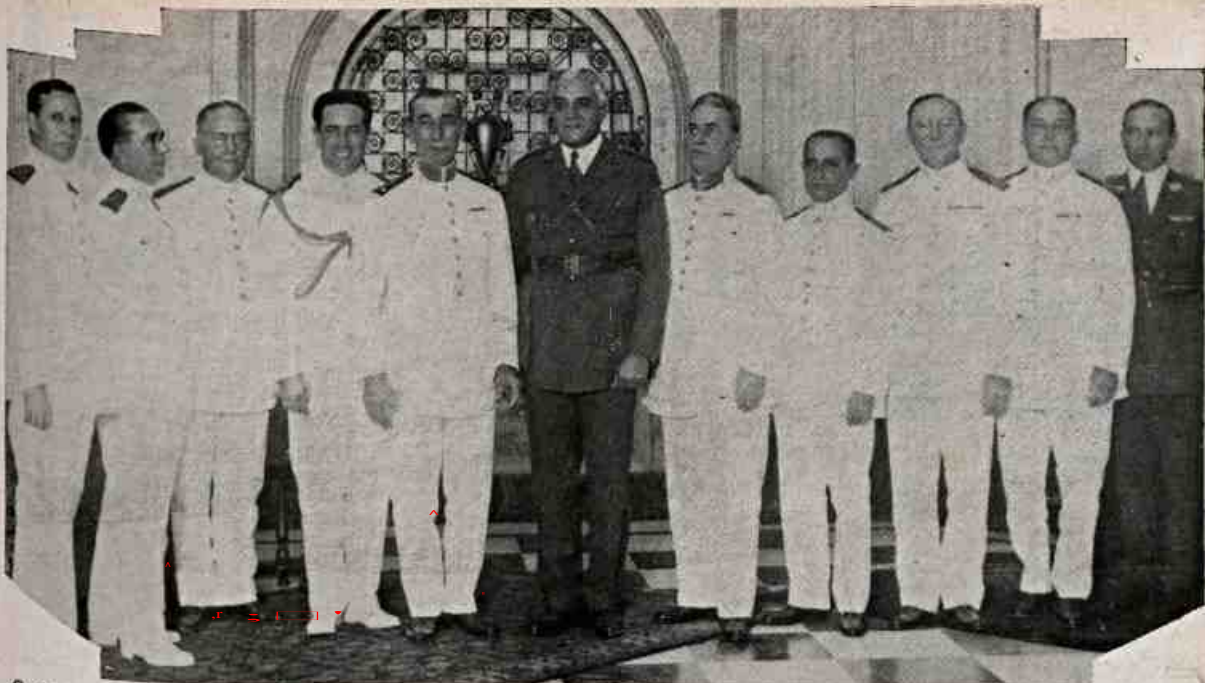
A chuva, lá fóra, chicotêia os que passam; o frio martyriza os que não têm abrigo, os que não procuram um Amor para sonhar e esquecer...

Eu não desafio o frio; a chuva não tóca meu corpo, porque o calor do fogão me aquece e me conforta.

Tenho o coração quente, tenho o peito que vale um abrigo e... ai! tenho um Amor que não vive para meu Amor!

Oito dias de saudade insomne, que minha saudade não póde dormir!

Meu Amor! Meu Amor! Por que não vens Tu? Por que não me ouves Tu? Por que não me attendes Tu? Por que? Por que?...

NOEMI PITANGA

O coronel Carlos Casanova, addido militar argentino, foi, quinta-feira penultima, homenageado, no Jockey Club, com um almoço de despedida, que lhe offereceram os officiaes do estado-maior do Exercito. A photographia acima foi tomada após esse ágape, vendo-se o homenageado ao lado do commandante da 1.ª Região Militar, general João Gomes Ribeiro Filho, e entre os seus collegas brasileiros alli presentes.

Os bachareis da Faculdade de Direito de Nictheroy, da turma de 1931, realizaram, sabbado ultimo, a sua festa de formatura, que constou de uma solenne missa em acção de graças, celebrada na cathedral da vizinha capital, pelo bispo d. José Pereira Alves, e da cerimonia da collação de grão, que se effectuou nos salões do Rio Cricket, sob a presidencia do director da Escola. Estão aqui focalizados dois detalhes desta ultima solennidade, que decorreu brilhante e foi assistida pela melhor sociedade de Nictheroy.

Caverna de Ali Babá

Pertence á turma de 1932 da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Oswaldo Bulcão Vianna, que fez um curso brilhante e se destacou, nos bancos academicos, pela intelligencia e pela dedicação aos estudos de sua carreira.

A ARTE BARROCA

Entre os paizes que possuem algumas joias architecturaes do estylo denominado barrôco está o Brasil. Ouro Preto e a Bahia, principalmente, podem formar ao lado de Portugal, da Espanha, da Italia e de Praga. A respeito dessa arte, filha dilecta dos jesuitas, que alguns entre nós entendem de chamar impropriamente colonial, escreveu Eugenio Montes: *"As aguas que baptizaram o barrôco, com effeito, brotaram da rocha — empedernida e edificante — da fé. E foi, na verdade, o espirito religioso que deu sentimento ao estilo que, ao principio, fôra tão somente considerado uma concepção do classicismo.*

FEMINISMO VERDADEIRO

O feminismo que procura substituir em tudo o homem pela mulher é falso, inconcebivel e insustentavel. Assim pensa a Condessa de Noailles. Para essa illustre escriptora franceza, a verdadeira tarefa feminina é a educação. A mulher não pode alcançar tudo o que o homem alcança. Entretanto, no vasto circulo do problema educativo a mulher póde expandir-se vigorosamente.

As feministas espectaculosas devem meditar a opinião sensata de sua notavel collega.

TRADUCTORES...

Parece que um sentimento intimo une os grandes traductores de obras celebres aos autores des-

O dr. Rolando Monteiro, membro do Collegio Brasileiro de Cirurgiões, laureado da Academia Nacional de Medicina e cirurgião do Hospital Evangelico, é uma figura prestigiosa da nossa classe medica, onde o seu nome goza de merecido destaque. Por isso mesmo, repercutiu agradavelmente entre os seus collegas e amigos a brilhante victoria que elle acaba de conquistar, no concurso para livre docente de clinica gynecologica da Faculdade de Medicina, e que lhe tem valido as mais expressivas homenagens.

tas. Gerard de Nerval, que traduziu o "Fausto" de Goethe, escreveu um romance inspirado nessa obra prima. E Baudelaire confessou que foi levado a traduzir Edgard Poe, porque elle se parecia comsigo. "A primeira vez que li um livro de Poe — confessa — vi, espantado e maravilhado não somente assumptos tratados por mim, como phrases pensadas por mim e por elle escriptas vinte annos antes."

São essas affinidades mysteriosas que tornam certas traducções ás vezes mais bellas que o original. Entre nós, esse phenomeno foi mais do que visivel na genialidade com que Porto Carrero, ha pouco fallecido, interpretou as obras primas de Edmond Rostand.

O ANNO DE GOETHE

Commemora-se este anno no mundo inteiro o centenario da morte de Goethe. Na Allemanha, essa commemoração attinge a tão alto ponto que alli já se appellida o anno de 1932 como "Das Goethejahr", isto é, o anno de Goethe. Todas as classes, todas as autoridades, a nação inteira celebrará a grande data, glorificando o poeta, o escriptor e o philosopho magnifico. E pelo mundo inteiro será solennizada a ephemeride illustre.

Entretanto, passarão "em branca nuvem", neste mesmo 1932, os centenarios das mortes e nascimentos de generaes e politicos, cujos nomes a poeira do tempo para sempre cobriu...

SÉSAMO

O dr. Antonio De Piro, nosso collega de imprensa, tem sido muito homenageado por motivo de sua recente formatura em medicina. E' que o novo medico desfructa de grande prestigio na sua classe, pelas iniciativas devidas á sua intelligencia e aos seus esforços. O dr. Antonio de Piro foi o fundador e director do Centro Academico da Faculdade de Medicina, do Directorio Academico da mesma Faculdade e do Club Athletico, tendo sido, tambem, o organizador do intercambio interestadual de estudantes. Como jornalista, é redactor e collaborador de varias publicações scientificas da nossa capital.

Expulsos da Hespanha, os jesuitas foram obrigados a procurar outros paizes mais hospitaleiros. O nosso flagrante photographico mostra a primeira leva de sacerdotes emigrados que deixou a terra de Affonso XIII, quando mudava de trem em Hendaya, para continuar viagem até a Belgica.

FLAGRANTES INTERNACIONAES

Durante uma sessão de occultismo realizada ha pouco, em Paris, o fakir Birman declarou a uma senhora, que o interrogou, que seu marido a enganava. A esposa, desconfiada, fez vigiar o companheiro, afim de obter a prova da accusação do fakir. E, afinal, apanhou o marido em flagrante delicto de adulterio. O esposo infiel, em vez de maldizer a sua sorte, maldisse o fakir, contra o qual intentou um processo que empolgou o «Boulevard». Na photographia ao lado, vê-se o indiscreto fakir em companhia de seus advogados, no intervallo de uma das audiencias do Forum de Paris.

(Photographias do Serviço especial do Fon-Fon em Paris).

A Opera de Paris, vista de frente e do alto.

O THEATRO NO BRASIL E NA EUROPA

ULTIMAMENTE, os jornaes aqui chegados nos deram a reconfortante noticia da Temporada Official realizada no João Caetano, por uma companhia nacional do actor Jayme Costa. Não sei si foi ella "subvencionada", ou não. A noticia não chegou até aqui. Jayme Costa, que é um bom actor, póde possuir todos os defeitos que quizerem, mas tem prestado ao nosso theatro um serviço inestimavel. Senhor de um folego inacabavel, tem lutado com todas as difficuldades do nosso meio pequeno e ridiculo, onde o actor foi feito somente *para auxiliar a digestão* do publico; Jayme Costa já passou por todas as adversidades e, não obstante, ha varios annos que, tenazmente, mantém uma companhia, representando originaes brasileiros, mettendo á força, pela guéla a dentro do nosso desconcertante publico, o gosto pelo que é brasileiro, dando-lhe assim um pouco de educação artistica, *cathechizando-o* no que é nosso e bom. Por isso, não me admirarei si realizou a sua temporada sem nenhum auxilio official, porque, no Brasil, os governos ainda não comprehenderam que o Theatro é a maior demonstração de cultura de um povo, que é elle a maneira maior e melhor de educar e civilizar, e negam-lhe systematicamente, qualquer auxilio monetario, ou dando-o em condições verdadeiramente absurdas, como por occasião do nosso centenario. O meu caro collega dos *Diarios Associados*, Alberto de Queiroz, o Mario Nunes e o Abbadie de Faria Rosa, meus amigos, por que não reunem, em torno de si, a totalidade da nossa critica, para batalhar nesse sentido, obtendo do nosso governo um pouco de attenção para o nosso theatro? *Agua molle em pedra dura...* Si a campanha fosse systematica e bem organizada, acabariam por vencer. Mas no Brasil difficil será reunir-se a critica para batalhar de commum accordo.

O nosso governo deveria olhar para as despesas inuteis que fazemos cá fóra, cortando-as em favor do nosso theatro. Qual a razão, por exemplo, desse estapafurdio contracto com a *Société Franco Brasilienne de Café*, que nos léva quasi um milhão de francos para vender o nosso café, *auferindo ainda por cima um lucro fabuloso* com essa venda? Não seria uma propaganda nossa muito mais efficaz no estrangeiro, o emprego desse enorme capital na subvenção e formação de companhias de comedia? Outras despesas inuteis e injustificaveis se fazem no estrangeiro, emquanto damos ao mundo o humilhante aspecto da nossa incultura e falta de senso artistico, deixando morrer de inanição o nosso misero theatro. Coelho Netto que diga o vexame por que passou quando Anatole France quiz ver o nosso *theatro*. Croisset, que vem de chegar do Brasil, perguntado sobre o nosso theatro, respondeu: "O theatro no Brasil existe e do bom, pois é o nosso, com as *companhias francezas que lá vão todos os annos!*" Exaggerou um pouco; mas, si meditarmos, não poderemos deixar de lhe dar razão.

Os nossos criticos, autores, artistas e homens do governo que meditem sobre a noticia que passo a transcrever, sahida hoje em todos os jornaes da França:

"O Conselho Municipal de Paris vem de votar um credito de 1.500.000 francos, para subvencionar os theatros nacionaes: Opera (600.000), Opera Comique (400.000), Comedie Française (300.000), Odeon (200.000). Por outro lado, Mr. Deville, alludindo á situação de difficuldade que a crise tráz para o movimento artistico e theatral da França, apresentou um projecto, que foi votado por *unanimidade* abrindo o credito de 500.000 frcs. para subvencionar os theatros dentro do dominio municipal: Chatelet (200.000), Gaite Lyrique (150.000), Sarah Bernhardt (50.000), Trianon Lyrique (50.000), Theatre des Arts (10.000), Concerts Colonne du Chatelet (25.000), Oevre française et populaire des "trente ans de Theatre" (em supplemento) (5.000)."

E ha na França 600.000 sem trabalho!... E nós?...

Paris, 30 de dezembro de 1931.

Brício de Abreu

(*Correspondente especial do* Fon-Fon *em Paris*)

A Comedie Française.

O Theatro Nacional do Odeon.

Faianças

CÉLIO, (escolhamos esse nome poetico) Célio, o meu amigo Célio, escriptor e "homme à femmes", fazia notar, o outro dia, a difficuldade em que se achava, certas vezes, para devanear sobre o velho thema.

— O amor? — disse eu.

— Sim. Ou antes, a mulher...

— Por que?

— Por uma razão muito simples.

Expliquemos o caso.

Célio é forçado a escrever em jornaes. Chronista frivolo, sempre ás voltas com assumptos banaes, o que mais o fascina é a mulher. Mesmo porque, falar mal das filhas de Eva é coisa que distrae e não mortifica o espirito de um escriptor. E' só juntar duas ou tres phrases e citar Vargas Vila, Schopenhauer, Balzac, e outros cavalheiros atacados de mysoginismo incuravel, e teremos o mais horrivel retrato da mulher. Moral, sentimental, entenda-se bem. Physicamente quem se encarrega disso é Darwin — o homem que teve o heroismo de affirmar que a mulher primitiva era uma linda macaca...

Célio escreve de preferencia sobre o amor e as saias. Mas a difficuldade que elle encontra para se expandir não é muito facil de vencer.

"CLARO-ESCURO"

— Por que? — perguntei-lhe, com interesse.

Elle sorriu e esclareceu:

— Imagine que tenho cá os meus "flirts"...

— E' inevitavel... — opinei.

— Pois é. E' coisa inevitavel escrever em jornaes e ter "flirts" como comprar bilhetes de loteria e perder.

— E dahi... — fiz eu, impaciente.

— Si falo mal das Evas, no dia seguinte não falta quem tome a carapuça. São os meus "casos", os meus "flirts" que protestam.

Todas ellas se consideram feridas...

— E si as enalteces?

— Dá-se a mesma coisa.

Com muito brilho, a senhorita Neida de Mello Cavalcante vem de concluir os cursos de piano e harmonia, no Instituto Nacional de Musica, tendo obtido notas distinctas em ambos. A novel artista dará, brevemente, um recital, dedicado á imprensa carioca. Após essa prova, seguirá para a Europa, aonde irá aperfeiçoar os seus estudos.

— Caramba! — exclamei, á falta de outra palavra mais redonda e mais cheia.

— E curioso não é isso.

— Que é?

Célio deu uma risada clara e larga.

— E' que...

E tornou a rir, interrompendo-se.

— Conclua, homem!

— E' que, muitas vezes, devo elogiar umas e acusar outras.

— E que acontece?

— As que devem ser elogiadas acham sempre que estou fazendo "blague" ou ironia. Não acreditam que eu seja capaz de dizer: "Adoro-te! Sei que és sincera, que me amas", etc, etc. E as que não o devem ser no outro dia me enchem de flores, de cartões amabilissimos, de telephonemas demorados, etc, etc, como si eu reparasse uma injustiça.

Célio olhou longe o panorama da cidade. Contemplei o mar, por cima do terraço.

Anoitecia.

Falei, então:

— Pois olha, o meu processo é o mais seguro e o mais pratico. E' o processo do "claro-escuro" — como o deste crepusculo: falo bem e falo mal, — ao mesmo tempo. Sirvo a gregos e troianos...

YVES

O nosso amigo anda curioso, sem saber como decifrar o enigma. Foi no sabbado de carnaval que recebeu o primeiro telephonema.

Uma voz doce, a confissão de uma grande sympathia, um convite amavel...

A' hora marcada, lá estava elle para o encontro solicitado. Debalde esperou a angelica creatura. Desanimado, abandonou o local, mas, sempre curioso... Esperou que o telephone de novo viesse surprehendel-o no posto de trabalho. Acertou. Na segunda-feira seguinte, a campainha tilintou, e o nosso amigo c o r r e u ao apparelho, disposto a dizer uma duzia de desaforos.

Mas, a voz suave, do outro lado, foi desta vez mais a m a v e l, envolvente...

Elle devia ter paciencia, devia esperar com resignação o encontro promettido. Quem fazia questão da approximação era ella...

Havia um obstaculo a ser removido: ella não era inteiramente livre, e elle que esperasse com calma. Esperou. E ainda espera pelo dia venturoso, porque, até agora, apenas a coisa tem ficado em longas conversas fiadas, isto é, através do fio telephonico.

O resultado dessas palestras vae, entretanto, se fazendo sentir, pois o rapaz está com os nervos relaxados. Roido de curiosidade, á hora do telephonema, elle não quer saber de mais nada. Tem os olhos fixos no apparelho e aguarda o aviso diario, certo de que lhe vae acontecer algo de extraordinario...

J u l g a m o s prudente que a scena não se prolongue, pois o nosso amigo é capaz de acabar no hospicio.

Tanta maldade, para que?...

Quando a linda creatura conversa pelo telephone, está s e m p r e acompanhada...

Trata-se de uma pilheria de máo gosto, que devo acabar quanto antes. Caso contrario, revelaremos ao nosso amigo o segredo terrivel.

Trepações

MADAME está cansada de ser pobre... Pelo menos assim confessou a uma amiga do peito. Quando logrou arranjar marido, suppoz que as coisas iam tomar melhor aspecto.

No lar paterno a vida arrastava-se cheia de difficuldades. Os vestidos eram arranjados devido á habilidade de uma das irmãs, quando o dinheiro apparecia para os pannos.

Cinema, só o do bairro, em dia de festa. Bailes, quando havia sapatinhos novos... Que desencanto de vida! Um dia, lobrigou um rapaz que podia dar excellente córte de marido.

Foi uma p e s c a r i a atróz, com a ajuda de toda a familia. Diziam que o rapaz ganhava regularmente, mas havia a historia de um tio rico mettido no negocio, e a possibilidade de uma herança foi considerada como a salvação da familia. Realizou-se o casamento. A vida, no emtanto, continuou como dantes... Mais trabalhos e menos recursos, porque o rapaz contava justamente com a ajuda do sogro!

E em vista do logro geral, as coisas se arrumaram como Deus era servido...

Agora, *madame* parece ter resolvido mudar de vida, porque está fatigada de ser pobre...

Pelo menos, o plano está em começo de execução... O *salvador* escolhido tem, realmente, credenciaes de capitalista.

Madame anda esperançada, depois de um encontro ali pela Cinelandia.

Prometter, isso prometteu... Resta saber se o capitalista saberá honrar a p a l a v r a empenhada.

Dizem que elle custa a largar o dinheiro.

Madame deve ter cuidado, porque, do contrario, continuará na sua pobreza, apenas um pouco mais atormentada si cahir no engodo, pois o *gajo* tem labia...

Olga Navarro é a encantadora artista que a platéa carioca tantas vezes tem admirado e applaudido. Na comedia e na revista, ella se tem sempre revelado a actriz de mérito que é, desempenhando os papeis que lhe são confiados com a graça e a espontaneidade que fazem o encanto da sua arte. Olga Navarro, brevemente, voltará a figurar no cartaz do nosso theatro, noticia que os seus amigos e admiradores receberam com verdadeiro alvoroço e alegria.

A bella menina sabe perfeitamente que pratica uma imprudencia, mas persiste no erro. Que coisa ella espera das frequentes visitas ao consultorio do joven medico?... Acaso ignora que o esculapio tem uma esposa ciumenta, e que póde um dia acontecer uma estralada de todos os diabos?...

Ou quer isso mesmo, — um escandalo — na supposição de que poderá tirar proveito da situação?... Mas, si assim pensa, está redondamente enganada. O esculapio não é nenhum doido para metter-se em aventuras perigosas. Acontece mesmo, que elle já sabe com quem está lidando. A pequena é um caso clinico pouco interessante estudado por outros collegas do joven medico — um caso *conhecido*.

Qualquer tarde receberá ella, pelo porteiro do consultorio, o convite amavel para comprar um cartão de ingresso, e asseguramos que descerá as escadas para nunca mais voltar...

Nós bem lhe conhecemos a mania. A bella menina está acostumada a penetrar nos consultorios medicos, não para deixar o preço da consulta mas para arranjar miúdos para os alfinetes...

E' uma doença como qualquer outra, concordamos; o joven medico, porém, já se sente fatigado, e está disposto a agir *nipponicamente*...

Não será o caso da pequena mudar de zona

VOLTO, AGORA...

PAULO GUSTAVO, o poeta que, desde o seu primeiro poema, "Divina amargura", conseguiu um ruidoso successo, entre nós, acaba de offerecer, aos seus leitores, a 2.ª edição do seu novo poema "Por amor ao meu amor". Lyrico, desse lyrismo enternecido, encantador e fidalgo, Paulo Gustavo é um espirito fascinante, que sabe dizer, na elegancia do seu verso colorido e cantante, essas coisas lindas e emocionantes, que fazem a delicia da alma feminina.

PAULO GUSTAVO

(Inedito para "Fon Fon")

Volto, agora, sózinho e assim, chorando,
Da cruzada do sonho que emprehendi...
E a saudade me invade e fére, quando
Me recordo do dia em que parti!

Primavera, eu me lembro... Era o ar tão brando!...
Na ramaria, aves, aqui e alli,
Cantavam... E eu tambem parti, cantando,
A sorrir, tão feliz pensando em ti!

Volto agora... Tambem é primavera!...
Cantam aves nos ramos tão serenos...
E o campo e o valle, tudo aberto em flôr!...

Nada mudou... Só eu não sou quem era!
Quanta illusão trago no peito a menos!...
E, a mais, no coração, quanto amargor!

Estrada de Damasco

REPOUSO um pouco. Venho de longe, de tão longe!... E tenho reflectida na angustia da retina, de continuo distendida para as estradas sem fim, a minha inquietação interior.

Que fazer? Por onde proseguir nesta peregrinação sem rumo certo, em busca de uma orientação para a minha vida, de uma direcção para o meu espirito, de uma revelação para o meu coração, de uma verdade, emfim, para a minha alma?

São tantos os atalhos, tantos os caminhos, tantas as estradas que se rasgam deante de mim... E tão grande e tão profundamente dolorosa é a inquietação interior que faz com que a sombra de mim mesmo se projecte por todos esses caminhos!

* * *

O ermo, a solidão, o deserto...

Sempre a palmilhar a aridez dos desertos, dos areiaes candentes, combustos, sem a sombra amiga e agazalhadora das arvores, sem a musica dos ninhos, sem a canção rumorosa e feliz das aguas crystallinas e frescas...

Por onde tomar? Que novo rumo escolher? A' direita? A' esquerda? Recuar?...

Recuar... Sim... Se eu recuasse, se retrocedesse?

Sinto-me tão cansado... tão exhausto...

* * *

Minha alma pequenina de creança sorri-me, lá, muito ao longe, perdida no infinito da distancia, a estender para mim, para a poeira prateada da minha cabeça, suas mãosinhas macias cheias de illusão e de caricias...

Se eu pudesse volver para ella, para o encanto e para o deslumbramento da minha alma pequenina de creança, illuminada e feliz?

Marejam-se meus olhos e já não a vejo, não, a pequenina alma estonteada e travessa da creança que eu fui...

* * *

Meu coração de moço abre-se deante de mim... Como elle era rico, meu coração de moço! Rico de sentimento, de enthusiasmo, de illusão, de amor e de fé!

Se eu voltasse para elle, para o agazalho confortador e festivo do meu coração de moço?...

Nos seus jardins suspensos, pelas alamedas sombrias, que os rosaes perfumam, passeiam vultos amigos de mulher. Das mulheres que eu amei. Que fizeram a sua alegria e a sua festa. Que o encheram de canções de beijos, de rythmos de volupia, de caricias suaves ou ardentes, sob os caramancheis em flor...

E', porem, tão longe, tão longe o reino encantado do meu coração de moço, que apenas o sinto e vislumbro, através da minha emoção, com os olhos da minha saudade!

* * *

Para a frente... Se eu seguisse sempre em frente?

Sim, para a frente — sempre para a frente — diz-me a voz da minha revelação interior.

E tomo do meu cajado e sigo, a caminho da minha luz, dessa luz que será o evangelho de minha alma, a crença do meu espirito, a expressão emocional do meu coração.

Um novo esforço. Uma nova confiança. Essa confiança e essa fé que se formam á custa das nossas proprias desillusões, dos nossos proprios soffrimentos e de todas as nossas provações.

* * *

Sorrio. Sorri todo meu ser. Ha uma festa de paz dentro de mim. A quietude das coisas faz descer sobre mim a voz profunda do silencio, tocada de infinito e de divino.

E eu a ouço, a escuto — a voz profunda do silencio — que me sussurra ao ouvido o mysterio da revelação que busco pelos caminhos da vida.

— E' esta, sim, a tua *Estrada de Damasco*. Entra por ella corajoso e confiantemente, e te encontrarás a ti proprio. Depois, aprende a amar, a amar muito, e a perdoar ainda mais, e a felicidade que procuras terá descido sobre ti...

E aprendi a amar. A amar e a perdoar, que é amar o proprio Amor, feito revelação de Deus no coração dos homens.

— SAULO.

Um instantaneo das senhoritas Stella e Rachel Cohen, figuras da alta sociedade de Therezopolis, filhas do promotor publico dr. J. Benedicto Cohen.

ECOS DO CARNAVAL

O bloco «Pequenas de Ninguem», que fez todo o encanto do Carnaval de Rezende, no Estado do Rio, com os seus treze sorrisos femininos, a que... ninguem resistiu...

Hermann, Kermann e Therezinha, filhinhos do dr. Alencar Motta, de Aracajú, numa «pôse» de foliões compenetrados...

LUAR

— Luar! O' nevoa infinita! Infinita ternura
de um céo macio e bom como era o céo da infancia.
Com que amor te contemplo e á azulada espessura
das montanhas, além, diluidas na distancia!...

Luar! Saudade esquisita... esquisita fragrancia
de alguma flôr irreal, de angelica brancura!
saudade sem motivo... intraduzivel ansia
de volver... não sei bem si a um gozo... a uma tortura...

Só pudera saciar o espirito insaciavel
si a propria essencia eu fôra — ó sonho em que me illudo!...
daquella claridade etherea e imponderavel!

E, — Luz —, pudesse voar sol a sol, serra a serra,
fluido, leve aromal beijando tudo... tudo...
o que amei pela vida... o que amei pela terra!

J. Testa

No baile infantil realizado segunda-feira gorda pela Sociedade Recreativa 14 de Março, de Batataes, Estado de São Paulo, tiveram papel saliente estes tres pequenos carnavalescos, que são filhos do sr. Jayme Scatena e de d. Nair Yola Pierroti Scatena.

A mesa do almoço offerecido, no dia 2 de fevereiro ultimo, pelo dr. Orbomundi Gomes Ferreira e familia, em sua fazenda de Cambuquira, aos escoteiros do Flamengo que alli acamparam de 6 de janeiro a 3 de fevereiro.

A MULHER CHIC
nsemble de marrocain estampado.
erde claro sobre fundo beije.
Jean Patou
(Especial para "Fon-Fon")

Vestido de passeio em wool-flower azul guarnecido de piqué branco.
Jean Patou
(Especial para "Fon-Fon")

Promovida pela collectividade syrio-libaneza desta capital e de Nictheroy, realizou-se, domingo á tarde, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, expressiva solennidade em homenagem á memoria do patriarcha maronita de Antiochia e de todo o Oriente, sua beatitude Elias Pedro Haayek, que falleceu recentemente. Varios oradores se pronunciaram sobre a figura illustre do patriarcha maronita, cuja vida e cuja obra foram, então, tocantemente recordadas.

OS LIVROS UTEIS

Bibliotheca de cultura medico-psychologica

Sob a direcção do conhecido psychiatra, dr. Neves Manta, vem fazendo successo, nos circulos scientificos do paiz, a Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica.

A iniciativa do distincto clinico patricio e illustre escriptor, com ser opportuna, é digna do applauso e da bôa acceitação que tem encontrado, dada a falta, entre nós, de uma bibliotheca especializada sobre assumptos medicos, qual a que, intelligentemente, vem dirigindo e divulgando.

Na série dos pequenos e elegantes volumes que constituem a Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica, já se contam os seguintes trabalhos publicados: *O meu e o teu (forças psychologicas)*, por A. Austregesilo; *Venenos sociaes*, por Pernambuco Filho; *Criminologia e psychanalyse*, por J. Porto Carrero, e *O alcoolismo na arte e na psychiatria*, por Neves Manta. No prelo: *Dyspepsias nervosas e seu tratamento*, por Henrique Rôxo; *A psychanalyse e suas applicações clinicas*, por Carneiro Ayrosa; *Syphilis nervosa — Meningites e psychoses*, por Cunha Lopes, e *Psychanalyse da alma collectiva*, por Neves-Manta.

O dr. Salomão Fiquene, joven maranhense, que recentemente se formou em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, onde acaba de defender, com brilho, a sua these sobre «Doença de Nicolas-Faou», que foi approvada com distincção.

«FON-FON» EM CAMPOS

A nova directoria da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia de Campos, recentemente eleita, e que é composta dos drs. Ovidio Manhães, presidente; Custodio Siqueira, vice-presidente; Abelardo Bastos Tavares, 1.º secretario; Plinio Viveiros de Vasconcellos, 2.º secretario; Edgard V. Alvarenga, thesoureiro, e Souza Valle, bibliothecario.

O sr. Horacio Mendes, que é um estudioso das questões philologicas, acaba de publicar um opusculo intitulado «Erros da nova ortographia», e no qual estuda, com os seus conhecimentos da lingua, aquillo que elle julga prejudicial ás letras e ao commercio do livro em nosso paiz.

FON-FON no cinema

Pretendiam convencel-o.

"A FILHA DO DRAGÃO"

DA PARAMOUNT

com Anna May Wong, Warner Oland e Sessue Hayakava

O maior, o mais sensacional successo da temporada theatral, em Londres, tinha sido obtido por Ling Moy, bizarra princeza oriental que escalara da noite para o dia os mais vertiginosos pincaros da celebridade.

O ultimo espectaculo de Ling Moy é uma verdadeira apotheose. Os mais eminentes jornalistas londrinos, damas da sociedade, cavalheiros e mais admiradores da linda oriental vão ao seu camarim dar-lhe as despedidas. Morloff, o seu empresário, faz as apresentações. E ao fim, apresentando outros admiradores da princeza:

— Miss Joan Marshall, e seu noivo — Mr. Ronald Petrie...

— Os seus baillados são um encanto, princeza. Como somos vizinhos, espero que nos dê o prazer de uma visita antes de partir para a sua tournée sul-americana...

Ling Moy recebe essas cortesias com um suave sorriso a ondular-lhe o rostinho cheio e bem formado, mas o seu pensamento parece estar longe dos galanteios que lhe dirige o moço. E ao sahirem todas as visitas, apprehensiva, ansiando por saber a verdade, fala ao seu empresário:

— Que novas ha de meu pae?

— Chegou hoje a Londres, responde Morloff.

— Poderei vêl-o?

— Com toda a certeza; elle estará em nossa casa esta noite.

* * *

A tragica historia do dr. Fu Manchú era bem conhecida em Londres e, numa palavra, no mundo inteiro,

As victimas do Manchu.

O seu falso ar innocente.

Flôr do Oriente.

onde a noticia de suas macabras façanhas tinha sido objecto de largo commentario.

Ha vinte anno, Fu Manchú tinha sido "officialmente" morto pela policia londrina, mas o facto é que o seu cadaver nunca fôra encontrado.

A razão de ter esse formidavel mystico e sabio oriental desempenhado tão tragico papel na capital ingleza, estava, de uma maneira fatidica, alliada á Rebellião dos Bôxers contra o dominio britannico em certa dependencia da China. O dr. Fu Manchú, chinez da mais nobre linhagem, vivia no seio de sua familia, pacificamente feliz, a meditar nas veneraveis passagens dos textos sagrados e a tomar o seu chá oloroso, nos seus solares mandarinescos.

Com a revolta, sem para isso ter dado motivo, viu-se elle perseguido em sua casa pelas forças inglezas, e ante seus proprios olhos foram trucidados a baioneta a sua estremecida esposa e o seu filho, herdeiro da nobre linhagem de Fu. Era commandante das forças inglezas o general Petrie, que, sem ter dado ordem para esse inqualificavel ataque á familia do nobre oriental, se viu dahi por deante alvo do odio implacavel e da vingança de Fu Manchú.

Tendo-se retirado para Londres, não conseguiu assim escapar ao odio do chinez, que o fazia responsavel pela morte dos seus entes queridos, e tinha jurado extinguir toda a geração dos Petrie.

Ha vinte annos, pois, viu-se a Scolland Yard, a famosa base da policia londrina, ás voltas com uma série de crimes perpetrados da maneira mais mysteriosa possivel. Dois dos Petris, altas patentes do exercito inglez, tinham encontrado a morte sob a pontuda adaga de Fu Manchú e seus associados. Faltavam ainda dois membros da familia, a quem Fu Manchú jurara matar. Quando, num desesperado ataque ao reducto do chinez, nos arrabaldes de Londres, o terrivel matador é ferido de morte e retirado mysteriosamente da scena do combate pelos seus sequazes. E nenhum outro crime tendo sido perpetrado contra a familia Petrie, julgou a policia que Fu Manchú tivesse succumbido aos ferimentos recebidos.

Nisso, aliás, commettera grande erro a policia londrina.

Vinte annos de estudos occultos na China, e agora Fu Manchú volta a Londres para exterminar os restantes dos Petris, seus inesqueciveis inimigos. Sir John Petris, filho do antigo general desse nome, será o primeiro; depois, o filho de Sir John, Ronald Petris, — e estará extincta a familia marcada com o sello da morte. Só então estará vingada a nobre casa de Fu, representada pelo dr. Manchú.

Servindo-se do seu systema de espionagem, uma casa parede-meias á da familia Petris tinha sido obtida por Morloff, emprezario da celebre princeza Ling Moy. Por estranha coincidencia, Ronald, filho de Sir John, enamora-se da bizarra princeza desde a primeira vez em que a vê, no palco, a dansar. Ao sabel-

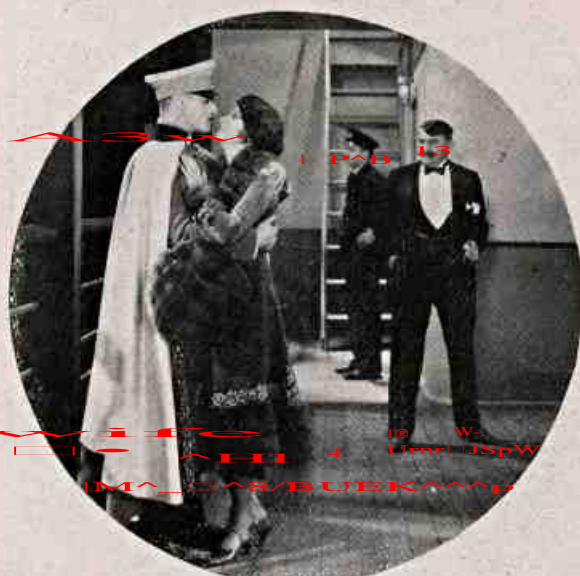
(Continúa nas pags. 50 e 51)

Cumprindo uma terrivel missão.

O bruto não comprehendia aquelle sentimento.

Ternura.

MAMBA

Producção da TIFFANY PRODUCTIONS com *Eleanor Boardman, Ralph Forbes e Jean Hersholt — Direcção de Al Rogell*

AUGUST BOLTE, o mais rico plantador de Nova Posen, possessão germanica no interior da Africa do Sul, não era bemquisto, nem por brancos e muito menos pelos negros, em virtude de sua crueldade e deshumanidade. A officialidade do posto militar mal supportava a sua presença. O mesmo succedia com a officialidade do posto inglez, distante algumas milhas dalli, do outro lado da fronteira. Bolte não podia comprehender que o seu dinheiro, que lhe dava tudo, não lhe désse direito a um melhor tratamento por parte daquelles officiaes. Desejoso, porém, de os fazer curvar-se á sua pessôa, lembrou-se de que poderia casar com uma titular, o que lhe modificaria a situação, dando-lhe um destaque social. E foi com esse pensamento que embarcou para a Allemanha, lá se casando com Helen von Linden, filha de condes, e immolada ás dividas de seu pae.... Ella se sacrificava.

Foi a bordo do vapor que a levava, em companhia do marido, para a Africa do Sul, que Helen veiu a encontrar o major Karl Von Reiden, joven official de volta ao posto de Nova Posen. Sentiram-se mutuamente attrahidos, mas para Karl foi grande o choque quando a soube casada com Bolte, cuja grosseria lhe era familiar. Tambem Helen já adivinhára tudo quanto de vibora havia na alma de seu marido e por isso, mesmo a bordo, ella se recusou submetter-se ao seu marido e aos seus caprichos. Preferia atirar-se ao mar! Embora cheio de rai-

A lei.

Gastigando-lhe o coração de ferro.

va, elle a deixa receioso de que cumpra a promessa mas também lhe fez a sua ameaça — quando chegassem ás suas plantações elle lhe mostraria quem era que mandava!

Em chegando a Nova Posen a primeira acção de Bolte está em dar uma grande recepção em honra á sua esposa, com isso attrahindo á sua casa todos aquelles officiaes que o desprezavam. Mas a festa se interrompe pela chegada de Hassim, o pae de uma pequena de quem Bolte abusára e que morrêra maltratada. Hassim quer vingar-se, mas é atirado fóra a chicotadas. Helena, que já se aterrára, pela manhã, quando vira a pobre filha de Hassim ser expulsa de sua casa e atirada á rua, onde cahira moribunda, sentiu-se agora tomada de pavor, tanto mais que ouvira Bolte dar ordens a seu mordomo para que dispensasse toda a criadagem, attendendo a que elle queria ficar só em casa... Com medo fugiu para a matta, onde a encontrou o major Karl, que a reconduziu para casa, tendo que intervir por isso que Bolte, tomado de raiva pela fuga queria chicoteal-a! Foi elle quem castigou o deshumano e grosseiro plantador, no momento mesmo em que chega um soldado com um telegramma urgente com a noticia de que a Allemanha e a Inglaterra estavam em guerra, devendo o posto de Nova Posen se preparar e partir immediatamente para a fronteira, enfrentar os inglezes até alli considerados amigos. E, com as tropas que seguiram na manhã seguinte, seguiu também Bolte, muito a contragosto, tanto que passados dois dias conseguira fugir do acampamento, já a algumas milhas da povoação.

Dominando.

Foi nesse mesmo dia que os negros, levantados pela arenga de Hassim, se rebelaram, aproveitando a ausência das tropas da guarnição. A população branca fugiu toda para dentro do fortim, ao mesmo tempo que um aviso telegraphico seguia para o acampamento. Não podendo distrahir forças, visto como os inglezes estavam perto, o coronel allemão não poude assim attender ao pedido do major Karl, pelo que este se resolve a ir sosinho ao posto, para commandar a defesa. E conseguiu atravessar a matta, mas o mesmo não foi dado a Bolte, que encontrou em seu caminho os negros rebellados, tendo á frente Hassim, que queria se vingar e de facto se vingou de uma maneira cruel, dando-lhe morte horrivel.

Dentro das muralhas do posto o major Karl via a situação perigosa em que

Sacrificio!

(Conclúe na pag. 51)

SÓ DEUS SABE!

Em certa repartição chega um processo de outra repartição para ser informado.

Protocolo Geral. Expediente. — A' 2.ª Sub-Directoria.

Protocolo da 2.ª Sub-Directoria. Gabinete do senhor sub-director. — A' 3.ª Secção.

Protocolo da 3.ª Secção. Mesa do chefe da Secção. — A' Mesa Oito.

Depois de passar alguns dias no Protocolo Geral, outro tanto no Expediente, no Protocolo da 2.ª Sub-Directoria, no Gabinete desta, no Protocolo da 3.ª Secção, na mesa do chefe, vae ter á mão do Prejereba, tal é o nome do funccionario da Mesa Oito.

Dotado este de cultura intellectual, professa letras e é capaz de tudo, como affirma elle proprio: compôr, por exemplo, um soneto por dia, escrever um, dois artigos para o jornal onde diz collaborar; mas, e é facto, quasi nada entende de contabilidade, leis de fazenda e quejandos assumptos; por isso joga o processo na pasta e leva-o comsigo.

Em casa ha pelo menos a presumpção de ser estudado com mais calma, sem as constantes interrupções de todos os lados; pois não tem de attender ao collega que vae pedir um cigarro ou phosphoro, jornal, folha de papel, qualquer coisa que sirva de pretexto para uma séca de meia hora quando, e isto é verdade incontestavel, sabem todos ser o Prejereba um séca incorrigivel.

Em casa não lhe póde causar repugnancia a presença do credor com cara desconsolada, pois nunca chega a descobrir-lhe a residencia estavel; não o enfada o dono de papeis que andam arrastando-se de mesa em mesa até chegar ás suas mãos.

Leva o processo, e este fica esquecido no fundo da gaveta onde dormem na mais perfeita desordem, muitos outros, reunidos com rascunhos de pareceres, de contos literarios, sonetos, artigos... Nessa desordem, dizia elle, era que estava a sua ordem, porquanto sabia onde se achava um ou outro documento official que lhe interessava informar com menos tardança; e, quando dava alguem para lhe arrumar os papeis, lutava elle por encontrar o tal documento.

E' urgente o precitado processo; por isso, no fim de oito dias, o chefe da secção reclama-o da Mesa Oito, pelo facto de já ter sido reclamado pelo sub-director, consequentemente pelo Expediente através do gabinete do senhor director, afim de ir á presença deste, porquanto os interessados estão *dando em cima!*

Fica *afobado* o Prejereba com a reclamação do chefe e justifica a demora com a accumulação de serviço, o estudo de outros processos que lhe foram anteriormente distribuidos. Entanto, insiste o chefe pela urgente volta dos papeis com o parecer do funccionario.

E sae mais cêdo o indefectivel Prejereba e vae providenciar para ser informado o processo e, no dia seguinte, entrega-o ao Protocolo da Secção com um parecer de *legua e meia*. O protocolista leva-o á presença do chefe. Este não lê o parecer, por ser muito grande, e despacha em seguida:

"De acôrdo. A' consideração superior."

Volta o processo pelos tramites regulamentares até chegar ás mãos do senhor sub-director da 2.ª Sub-Directoria, o qual não lê tambem o parecer, pelo mesmo motivo dado como pretexto pelo chefe da 3.ª, por julgar que este o tenha lido e, — accrescendo ser o informante pessimo calligrapho, ser o assumpto de nenhum interesse para aquella Sub-Directoria, — despacha:

"De acôrdo. A' consideração superior."

E lá vae o processo pelos tramites regulamentares do Expediente, ao Gabinete, da Directoria, á presença do senhor director. O senhor director é moderno na Repartição e nada entende daquillo; mas, por querer mostrar-se entendido, resolve mandar o processo a outra Sub-Directoria para ser ali informado.

E lá vae arrastando-se a formidolosa papelada, sempre pelos tramites, e avultando com os addicionamentos dos informes, dos appendices, das

(*Conclúe na pag. seguinte*)

juntadas de outros processos para justificação de pareceres.

Porém, sem desanimo, estão os interessados *dando em cima* e, como vêem as *coisas prêtas*, invocam soccorro dos *pistolões*. Estes entram em acção, e começa a apparecer o lapis encarnado na papelagem, afim de ser novamente lembrada a urgencia acêrca da volta do processo á presença do senhor director.

Um dia... o dia é chegado, e, grosso, compacto, colossal, algum tanto amarrotado, a modo vindo de penosa peregrinação, chega de novo ao Gabinete da Directoria. O chefe do Gabinete, por obra do acaso, no meio daquillo, dá com o parecer do Prejereba e, por perfidia, mostra-se desejoso de o lêr. Não o consegue, porém, e em mão leva o processo ao chefe da 3.ª, da 2.ª Sub-Directoria, afim de ver si,

SÓ DEUS SABE!

(CONCLUSÃO)

de facto, alguem tinha conseguido decifrar a calligraphia do outro.

O chefe, em verdade, já se não lembra... Lêra na occasião, é certo, consoante affirma; emtanto, no momento, não consegue adivinhar uma só palavra!

Manda procurar o autor do parecer no botiquim mais proximo onde costuma ir tomar café. O contínuo tem muita sorte, pois, por feliz acaso, não demora encontrar o manhoso Prejereba. Dá-lhe o recado do chefe; e elle, com os

seus passos vacillantes, dirige-se á secção onde tem exercicio. Lá chegado, lá se apresenta ao chefe, e este lhe entrega o parecer afim do proprio autor ler o que está ali escripto, pois só este será capaz de o fazer com relativa facilidade.

Prejereba cumprimenta amavelmente o chefe do Gabinete da Directoria, a quem recorda a antiga amizade de outros tempos, e pretende lêr o substancioso parecer.

Cavalga os oculos no nariz adunco, vira o papel para um lado, para outro, tira os oculos, tenta lêr contra a luz, faz outras diversas tentativas, desanima e vae dizendo com a maxima naturalidade:

— Homem, quando escrevi isto que está aqui, só eu e Deus sabiamos; mas hoje... só Deus sabe!

HORMINO LYRA

— Qual era a marca da motocycleta que o senhor dirigia?
— Não era uma motocycleta: era um automovel!...

CHARLES LE GOFFIC

A França acaba de perder um dos seus grandes poetas, e a Bretanha o seu cantor exclusivo, Charles Le Goffic, que vem de morrer aos 69 annos, na villa de Lannion, onde nascera e onde a morte o colheu de improviso. Quando procurava descanso para as fadigas de uma longa tournée de conferencias pela Belgica, era considerado, com Brieux e Le Braz, os maiores genios que a Bretanha já deu á França. Foi elle, com Maurice Barrès, o fundador, em Paris, da celebre revista "Chroniqueurs". Professor, romancista, critico de renome, biographo de Racine e Saint-Simon, deixa uma bagagem literaria enorme. Membro da Academia Franceza, eleito em maio de 1930, na cadeira de François de Curel, havia sido, desde 1922, presidente da "Société des Gens de Lettres". O governo francez rendeu-lhe expressivas homenagens além de dar-lhe, como a todo o membro da Academia Franceza, honras de general. A Academia poz um trem especial, (que se encheu rapidamente) á disposição dos amigos e admiradores do poéta, de Paris á Bretanha, comparecendo in-totum ao enterramento. Escriptor consciencioso, poeta de tradição classica, de uma rara inspiração e enorme belleza, Charles Le Goffic deixa, na poesia franceza, um claro que difficilmente será preenchido. B. A.

A bibliotheca da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, vem de se enriquecer com mais um manuscripto preciosissimo, o de *Past and Present* (Passado e Presente) de Carlyle. Trata-se do original da primeira versão dessa obra, aliás bem differente do texto impresso conhecido, e que fórma um dos dois unicos manuscriptos existentes de Carlyle.

L'Innocente é um romance simples, cheio de amor e de vida, que está obtendo um exito enorme em toda a França. Philippe Heriat é o seu autor. Lançado pela Casa Denoel & Steele, já chegou a 150 edicções.

Livros que acabam de apparecer

— «Maeli», romance, por Jean Jégo. (Flammarion, editor).
— «Saint Marine», romance, por Louis Guichard. (Plon, editor).
— «L'étonnante journée», aventuras para a juventude, por Martha Fiel. (Lib. Alcan).
— «La vie etrange de l'Argot», por Emile Chautard. (Denoel e Steele, editores).
— «Les romanciers americains») 3 volumes de his-
— «Les romanciers italiens») toria da littera-
— «Les romanciers allemands») tura de cada paiz organizados por A. Maurois, L. Urtain, E. Jaloux, F. Bertaux, B. Fay, Cremieux, Marsan, etc. (Denoel e Steele, ed.).
— «Capitalisme et Sexualité», por R. e Y. Allendy. (Denoel e Steele, edit.).
— «L'avenir d'une illusion», por Freud. (Successo. Denoel e Steele, editores).
— «Souvenirs du vieux colombier», por Jacques Copeau. (Niles. Editions Latines).
— «Le viol de Lucrèce», por André Obey. (Niles. Editions Latines).
— «Le torture par l'espérance», por Villiers de L'Isle Adam. (Oeuvres Representatives).
— «L'Ecole Polytechnique». (Gauthier-Villars, edit.).
— «Maurice Donnay», por Pierre Bathille. (Nlle. Revue Critique).
— «Michèle et le demi-dieu», romance, por René Duverne. (Arthème Fayard, editor).
— «Volubilis», por Marc Julienne. (Niles. Editions Argo).
— «Mon education», por Henri Adams. (Boivin et Cia., editores).
— «Ces plaisirs», por Colette. (Grande successo. Ferenczi, editor).
— «Comme un songe», romance, por Louis Chassaigne. (Alberto Messein, editor).
— «Les quatre saisons du Gourmand», de Robert Robert. (Editions des Portiques).
— «Pages capitales», estudos por J. C. Mardrus. (Fasquelle, editor).

sua visinha, arde o rapaz de curiosidade para vêl-a mais amiude, tal é o feitiço da linda oriental, embora isso possa collocal-o em má posição junto á sua noiva, Joanna Marshall.

Emquanto a princeza Ling Moy, em casa, espera pela promettida visita do pae, no gabinete da Central de Policia o seu director é procurado pelo detective chinez Ah-Kee, que ha annos investiga o bairro chim da cidade, para dar-lhe uma noticia sensacional:

— Quero dizer-lhe, Sir Basil, que hontem á noite vi Fu Manchú em pessoa. Elle ou alguem que se pareça extremamente com elle.

— Fu Manchú? interroga o chefe da policia londrina. Mas Fu Manchú é morto ha quasi vinte annos...

— Morto apenas na apparencia, intercepta o detective. Como deve lembrar-se, o cadaver desse inimigo dos Petris nunca foi achado.

— Lá isso é verdade, Ah-Kee... Que acha que devemos fazer?

— Pelo sim ou pelo não, deviamos avisar a Sir Petris, cuja vida pode estar em perigo, caso Fu Manchú esteja vivo, como parece que está.

Sir Basil faz um signal affirmativo e Ah-Kee, pegando no telephone, procura communicar-se com a casa da familia Petris. Mas, coisa curiosa, ninguem responde. Uma mysteriosa mão havia cortado a ligação telephonica!

Assustado com esse facto, o chefe de policia corre para a casa de Petris.

* * *

O mordomo de Sir Petris vinha ha dias recebendo pelo correio uns mysteriosos avisos, com a não menos tetrica e inexplicavel figura de um dragão dourado. Sob a gravura havia uma inscripção que elle não sabia entender. Como os cartões se repetissem, Rogers resolveu mostral-os ao seu amo.

— Mas isto é o signal de morte de Fu Manchú! faz Sir Petris ao ver a curiosa effigie do dragão. Por que não me avisaste ha mais tempo, Rogers? Anda, chama depressa Sir Basil pelo telephone. Fu Manchú está vivo e precisamos avisar a policia.

Mas Rogers pega do telephone e vê logo que os fios tinham sido cortados.

— Vae á casa visinha e pede ao sr. Morloff para falar do seu apparelho, diz Sir Petris ao criado, tremulo de susto.

Para calmar os nervos, o inglez enche o seu cachimbo no vaso de tabaco que tem sobre a mesa e dispõe-se a fumar. Mal sabe elle que o proprio Fu Manchú, que momentos antes penetrara no seu gabinete, tinha-lhe envenenado o tabaco!

Ficando só, Sir Petris começa a passear na sala, de cachimbo no

A Filha do Dragão

(Conclusão)

queixo, visivelmente atemorizado. Anda e no s u assombro interroga-se a si mesmo: "Estará vivo Fu Manchú?". Ao soar esta phrase na sala, de detrás de uma cortina vem a resposta:

— Aqui me tem em pessoa, Sir Petris!

Estarrecido, o inglez vê surgir deante de si a mysteriosa figura de Fu Manchú, o implacavel matador da sua familia.

— Ha vinte annos espero por esta occasião, Sir Petris, diz-lhe o terrivel chinez com um sorriso feroz nos labios. Sir Petris quer saltar-lhe á garganta e estrangulal-o, mas não pode. Uma inexplicavel agonia suffoca-lhe a voz emquanto os seus musculos affrouxam-se sem governo. Fu Manchú ri-se diabolicamente, vendo estampado no rosto do seu inimigo o effeito do veneno com que lhe embebera o tabaco.

— Sim Petris, eu tenho agora o perfeito commando da sua vontade. Dado cabo da sua vida, matarei depois o seu filho, e então poderei morrer satisfeito.

— O meu filho! Tentas contra a vida de meu filho, assassino? Mas, não pode continuar. A um gesto do chinez, queda-se immovel, como que hipnotizado. — Sir Petris, marche! commanda Fu Manchú. E o inglez, sob o poder dominador do oriental marcha como um automato, até chegar ao topo da escadaria que dá para a sala, onde sua mulher e seu filho, assombrados com a noticia da volta de Manchú, estão a receber do chefe de policia o desolador aviso. Do cimo da escada, dando um bater de palmas, Fu Manchú attrahe para si a attenção de todos, emquanto Sir Petris, fulminado pelo veneno, rola morto de escada abaixo. O chinez ri-se, diabolico.

Lady Petris aterrorizada, solta um grito de dôr, e desmaia...

Os detectives de Sir Basil frecham escada acima, empós do mysterioso matador, e disparam-lhe varios tiros, mas o chinez, entrando por uma porta secreta que liga a casa de seu inimigo á de Morloff, escapa assim de ser preso.

Desde o momento da curiosa apparição do homem que a policia dera por morto, julgou o chefe de policia não mais se ausentar da casa dos Petris, afim de proteger a vida de Ronald, agora sob ameaça de morte. Ah-Kee, descobridor da existencia de Fu Manchú, fica encarregado de guardar a casa dos Petris; ignora, entretanto, o trabalho secreto que Moloff e seus subalternos exercem para ajudar na matança dos inimigos do famigerado doutor.

Emquanto isto, Fu Manchú, mortalmente ferido, manda chamar Ling Foy, a *Filha do Dragão*. A princeza apresenta-se deante do pae, e beija-lhe a mão numa grande reverencia.

— Filha, as garras frias da morte estrangulam-me a garganta, e coberto de vergonha, ao morrer, vejo ainda incompleta a minha sagrada empresa... Escapa-me ainda um descendente dos Petris, os malvados assassinos dos nossos queridos entes. [illegible]ruindo tu eras ainda uma debil florzinha a desabrochar...

E vendo a filha, que o escuta como se estivesse ouvindo a um oraculo, Fu Manchú exclama: — Se ao menos os deuses me tivessem reservado um filho varão! O aço mortal não deve macular os teus dedos de petalas...

— Pae, o sangue de Fu é o meu sangue; meu é o seu odio e minha será a sua vingança! Eu, tua filha, far-te-ei as vezes de filho!

— Jura, filha, que has de entregar-me a alma de Ronald Petris. Eu vou morrer, mas quero passar desta vida levando commigo a tua sagrada jura...

— A tua vontade será feita, nobilissimo pae! Eu, Ling Moy, t'o juro pelo Dragão Sagrado!

* * *

Recalcando no seu coração os sentimentos de alta gratidão para com Ronald Petris, que lhe manifesta as mais vivas provas de amizade, Ling Moy, fiel ao juramento que fizera ao pae, prepara-se para matal-o. Entrará pela porta secreta que ha para a casa de seu amigo, e na calada da noite destruirá o ultimo dos supportes inimigos de Fu Manchú. Só uma coisa parece difficultar essa sagrada promessa: é a existencia de Ah-Kee que de dia e de noite guarda a casa vizinha, como detective de confiança. Mas não é Ah-Kee um dos seus apaixonados? Não é por elle, filho do seu proprio povo, que mais vibra o coração da princeza?

— Ling Moy ama Ah-Kee, pensa comsigo a filha de Manchú, mas para levar a cabo o voto feito a seu pae, precisa esconder esse amor...

Isto pensa Ling Moy na sua camara, toda perfumada de [illegible]. E sorri a um mais intimo pensamento: *Completa a sua missão, fácil ser-lhe-á reconquistar a estima de* [illegible]

Ah-Kee, e com elle ir viver da sua doce illusão, sob os ceus de porcelana da China... onde o cúco sonoriza o luar...

A amah vem avisál-a de uma visita. Ling Moy, que já sabe a quem espera, manda entrar o detective de confiança. Ah-Kee beija-lhe as mãos, reverentemente:

— Esta é a hora mais sublime de minha vida. Desde que primeiro te vi, naquelles bailados divinos, sonhei amar-te, Ling Moy...

A chinezinha acompanha o madrigal do seu amado aos accordes melodiosos de sua mandolina. E ao entrar a amah, trazendo o vinho em cujo seio rosso boia o narcotico que o fará dormir, fala a princeza:

— Este vinho consagra o nosso amor, Ah-Kee...

Neste interim, já avisado dos planos da Princeza, Morloff chama Ronald pelo telephone:

— Chame a policia! Depressa! Ah-Kee foi sequestrado pelo chim Lu Chung! Levaram-no para o bairro chinez e se não o acodem em tempo, serão capazes de o matar!

Ronald toca o telephone para a Scotland Yard. Sir Basil chega com os seus detectives e Ronald acompanha-os.

A casa de Lu Chung é um labirintho inextrincavel. Os policiaes, seguido de Ronald, enterram-se pelos corredores e subterraneos da loja, mas, quando menos esperam, fecha-se um alçapão e fica nelle prisioneiro o ultimo descendente dos Petris.

* * *

Ah-Kee recobrara os sentidos. Mas, para a sua vergonha, estava manietado. Os fidelissimos servos de Fu Manchú tinham-no amarrado da cabeça aos pés. Entretanto, com tremendo esforço, consegue pôr-se a salvo.

O seu primeiro intento é ver Ling Moy, para matál-a. Mas lembra-se de Ronald, que deve correr perigo. Houve então uns gritos de quem está sendo torturado. Sim, não pode haver duvida, matam o homem a quem elle jurara "proteger".

Com todas as precauções, consegue Ah-Kee ir ter á rua e communicar-se com Sir Basil. Em seguida chega um reforço de policia. O detective, á frente de seus homens, ataca o sótam, de onde vêm os gritos.

Arrombada a porta, presos os chins, conseguem salvar o rapaz. Mas Ling Moy, que presidia á tortura, conseguira fugir...

* * *

A mãe de Ronald, que o julgava morto, recebe o filho com grande contentamento. Os policiaes cercam-no de mil garantias. Entretanto, nessa mesma sala, deante de todos os presentes, surge Ling Moy. Passara pelo subterrâneo que vinha da casa de Morloff e fechando o commutador da electricidade, atira-se de adaga em punho, na escuridão, contra o ultimo inimigo de seu pae. Um detective dispara contra a chineza, cuja identidade até alli se desconhecia, e Ah-Kee, que se lhe atravessara á frente, recebe em pleno peito a punhalada que era para Ronald.

Quando alguem accende as luzes, a scena que se depara é realmente trgica: Ling Moy, a linda princesa do oriente, jaz por terra, agonizante; e ao seu lado, Ah-Kee, o intelligente chinez da policia de Londres, tambem a morrer, e a morrer lhe murmura:

— Ling Moy... Uma flor não pode amar, mas deve ser amada — como Ah-Kee te amou...

Assim morreu Ling Moy, a *Filha do Dragão*.

M A M B A

(Continuação)

se encontravam. Com grande alegria viu que Helen conseguira alli refugiar-se, mas agora temia pela vida della, pois que, restando apenas umas tres dezenas de soldados alli, os atacantes eram quasi que um milhar. Mas as ordens foram dadas. Os pequenos canhões, as metralhadoras, collocados em pontos principaes, entraram em acção logo á approximação da massa negra. Mas seria impossivel contel-a, attendendo que impossivel seria matar a todos, e apesar de cahirem ás dezenas, os negros avançavam e dentro em pouco, lançando archotes accesos iam conseguindo o incendio aqui e alli e, por fim, trepando uns sobre os outros iam escalando as muralhas até que um grupo, de dentro, abriu a porta principal do fortim! Já se combatia á arma branca, pois que se acabaram as munições. Os brancos e alguns negros fieis vão recuando... Tudo está perdido, e Karl se despede de Helen, com um beijo, quando ouvem o estridor de clarins. São soldados que chegam! Sim, mas eram... inglezes.

Que importava? A' frente das tropas britannicas vinha o coronel Cromwell, amigo de Karl, como amigo de toda a guarnição, naquelles annos de vida continua de visitas que se faziam. E elle fez do major seu prisioneiro de guerra, entregando-o á guarda... de Helen.

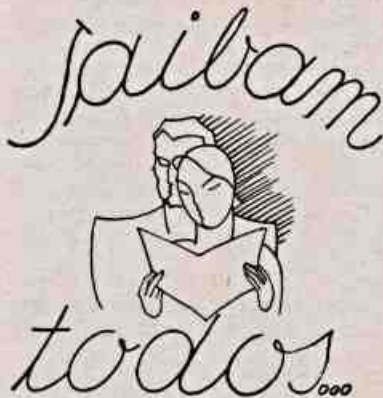
NICÉA (Pernambuco) — O maior elogio que v. ex. poderia fazer á minha sciencia de ler o caracter, através dos traços physionomicos, está contido nos termos de sua carta:

"Meu caro Yves: Você está de parabens. No meu retrato fisionomico você se revelou como eu ja o tinha imaginado, ou seja uma creatura competentissima no assunto. O meu carater foi retratado exatamente como ele é; até a luta que constantemente entretenho no meu intimo contra sentimentos mais rispido que se apossam do meu ser, você a descobriu. Falou a verdade quando disse que as vezes procuro dar uma aparencia de doçura e bondade aos meus modos, á minha maneira de agir. Tudo finalmente você conheceu.

Estou grata, sinceramente grata a vôce.

Esse contrôle sobre o coração que pussuo apezar de fazer desgraçada a creatura que por mim se apaixonar (como diz você) me traz muitas vantagens; sabe porque, Yves? Porque, nesse mundo tão cheios de enganos e desilusões se nós não nos habituarmos a controlar o coração, temos que nos resignarmos a ser vitimas, sempre. Ao passo, que o coração vivendo sempre sujeito a razão, o cerebro reassumirá o seu lugar, que é o de comando e a nossa vida decorrerá sempre tranquila porque a nossa vontade só ha de querer o que for justo e réto.

E' verdade que muitas ocasiões sou forçada a encarar a vida realmente como ela é, sem aquela candura e meiguice que como mulher devia existir; domino o coração evitando assim aquela expansão sincera que o meu ser quer derramar, e sou aspera, rispida, fria, muitas vezes.

Não tenho uma vontade persistnte como vôce escreveu, mas é decidida e como tal quero matar

aos poucos as coisas mas que no meu interior existem em quantidade.

O combate que incessantemente mantenho no meu espirito é um reflexo da minha religião. Ela ensina a oberecer com docilidade e a ser gentil e carinhosa com o proximo, o meu ser rebela-se; mas eu estou disposta a reagir com firmezas essas tendencias para o mal. E tenho certeza de vencer porque a razão sobrepuja o coração. A razão manda eu ser bôa, portanto eu devo ser.

Por hoje basta Yves, ja amolei sua paciencia durante muitos segundos. Mais uma vez, muito obrigada e se puder, acuse o recebimento desta, na seção "Saibam Todos".

Para vôce uma saudade grande e sincera de — *Nicéa*"

Só não acredito é na "saudade grande e sincera" que me envia. Primeiro porque v ex. não sabe si sou gordo ou magro, feio ou bonito, velho ou moço, e não pode ter saudades de um desconhecido; depois porque, com o seu temperamento, v. ex. não dá para essas manifestações de ternura...

MYRIAM LUCIA (E. Santo) — Diz v .ex. que "é feio ser um homem ironico"... Digo eu: é lindo uma joven intelligente. E como v. ex. declara textualmente: "Estou preparada para qualquer dia destes ser victima dos seus "accessos ironicos", faço sentir, por meu turno, que estou preparado para receber, no seculo vindouro, uma prova de que v. ex. é uma senhorita talentosa...

Que diz? Posso esperal-o?

JANARY GENTIL NUNES (Capital) — Cascatinha foi aproveitado. O outro poema "O beijo do frio" necessita de um concerto. A chave é horrivel. E' de mau gosto. Por favor! Remende o seu poema. Elle é bastante acceitavel. Mas com esta estrophe ridicula:

"Entretanto ao tirar do papel
[minha bôca
Feriu-me o paladar um extranho
[sabôr...
Eu sugára a tinta escura do teu
[nome.
Na volupia sem fim do meu beijo
[de amôr..."

com essa estrophe ridicula — o mais que a sua pequena poderia responder, é o seguinte: "Poeta, você parece um menino de escola!"

ANDEL (S. Paulo) — Sim. O seu poema será publicado.

A. SWENSON (Capital) — Não posso attender o seu pedido. O soneto *Alento* é... um desalento como poesia. Está mal trabalhado e é infantil no seu thema; e como fórma, é detestavel.

Leiamol-o:

ALENTO

Não queres meu amor — e por tor-
[tura
Zombas de mim com toda displi-
[cencia
"Tu não sentes pesar na con-
[sciencia
Por desfazer um sonho, uma ven-
[tura".

Porque tanta maldade, creatura?
Porque negar um pouco de cle-
[mencia?
Porque, o teu silencio, tua ausencia
Na tua voz tão cheia de doçura?

Da-me um sim, um talvez, uma
[esperança
Que saia do teu peito de creança
P'ra confortar meu pobre coração

Deixa eu viver a vida docemente
Por piedade eu peço: sê clemente,
Faz com qu eu viva, ao menos, de
[illusão.

CINDERELLA (Capital) — Impossivel satisfazer o seu pedido. Sabe que escrever á machina, á uma pessôa desconhecida, é falta de gosto de consideração por essa pessôa? A' dactylographia só é admittida nos casos burocraticos e commerciaes.

PAULISTANA (S. Paulo) — Não. Fazer estudos de graphologia ou de physiognomonia (lêr o caracter através os traços da physionomia) é coisa que dá um trabalho insano. Só os faço para as pessôas conhecidas.

NIANZA (Pará) — A sua carta tinha azul é gentilissima. Estou encantado com os seus termos, e enternecido que lh'os agradeço.

Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca", devo dizer que elle está á venda em todas as livrarias do Rio e das capitaes dos Estados, ao preço de 6$000. Mas, si quero prevenil-a do seguinte:

v. ex. é dessas "jeunes filles" inexperientes, puras e angelicas, que alimentam as illusões da vida, e desta só conhecem — ou dizem conhecer — os dramas licenciosos que o cinema revela, não leia o meu romance. Este, sendo um pouco mais decente do que certos films, como "O Pagão" e outros, não é, entretanto, um livro para as senhoritas que estão sujeitas á censura literaria da familia.

Não! O meu romance é um estudo, baseado nas modernas doutrinas freudianas. Nelle, procuro pintar a vida de uma hysterica — Maria Lucia — a qual, encontrando um ambiente propicio ao desenvolvimento da sua nevrose, se entrega a toda sorte de dissipações, com que a sociedade moderna lhe acena. E só, mais tarde, — castigada pelo destino, perdida pelos seus erros e desamparada pela sociedade, que a levou á desgraça — é que ella se arrepende de tudo, e procura a regeneração.

Como vê, não é um livro para as "jeunes filles" puras e felizes, que se exhibem, semi-nuas, nas praias de banho e nos bailes. E' um romance para as creaturas tristes, que soffrem, que lutam pela vida, que conhecem as miserias dos homens e da sociedade, que as não quiz amparar...

Si quizer, eu lh'o enviarei pelo correio. Mas só o farei mediante uma declaração em cartorio de que não é uma "jeune fille" innocente, angelica, immaculada como as onze mil virgens do Paraiso. A declaração deve ser estampilhada, devendo trazer ainda o attestado do vigario de sua freguezia de que a declarante não é filha de Maria, nem se confessa todas as semanas.

Exijo esses documentos porque, tendo sido seminarista e tendo vivido, portanto, muito tempo,

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 19-3-932

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

dentro das egrejas, conheço bem o valor que ellas têm — em casos de moral.

Prometto offerecer-lhe a minha photographia que, segundo a opinião de muitas jovens cariocas, e dos companheiros de redacção, é excellente para figurar no Jardim Zoologico...

Ella appareceu no *Fon-Fon* de 5 de Março de 1932.

NILSA PALLETTE (João Pessôa) — Ora viva! Como a sua missiva é de pura reclame para mim, aproveito o ensejo para publical-a. E' humano. Si eu não tratar de mim, os "outros" não tratarão... Que classe desunida, a dos escriptores, D. Nilsa! Não caia na tolice de se incorporar a ella...

Mas vamos á sua missiva.

Eil-a:

"Yves. Uma humilde habitante de João Pessôa ousa escrever-lhe! E admiro a audacia que desta vez conseguiu arranjar! Escrever para uma secção onde só figuram letrados, melindrosas, que só enviam cartas em papel assetinado, perfumadas... Arrisco-me a "um fóra"... Mas ha muito, desejava pedir um favor á Yves. O melhor poeta da epoca! O autor de "Suave enlevo"... Não é preciso dizer o prazer que senti quando li este livro maravilhoso. Já outros com elegancia e saber o disseram... posso só é assinar-me na illimitada lista dos que lhe devem muito, muito, depois que possuiram tal thesouro...

Por favor não imagine já, que quero... grafologia! Não! Desejava saber, por favor, onde e como poderia conseguir o seu novo livro; pois ainda não veio para minha terra noticia certa!

Perdoe-me os momentos que lhe roubei; mas quem, melhor que você para informar-me?

Sinceramente agradecida, a humilde admiradora: — *Nilsa Pallette.*"

Agora a reclame: O meu romance "Uma garçonne carioca" está a venda em todas as livrarias desta capital, notadamente "Livraria Alves", á rua do Ouvidor, 166; Freitas Bastos, á rua Bithencourt da Silva, 21-A e Flores & Mano, á rua do Ouvidor, 145. O preço é 6$000.

Quanto ao mais, agradeço os elogios que faz ao "Suave enlevo".

JOAQUIM CARVALHO (Santa Catharina) — Prompto, *seu* tenente! Conhece o sr. o poeta tenente Venturelli Sobrinho? E' um poeta de fibra. Possue varios livros publicados e, tendo começado por esta pagina, é hoje um poeta consagrado. Acontece ainda que Venturelli é um espirito encantador. Na caserna, é adorado pelos soldados; fóra della é querido pelas pequenas — que o chamam: poeta-soldado como a D'Annunzio; e nas rodas intellectuaes, todos o admiram com enthusiasmo.

Pois bem, *seu* tenente, o sr. póde ir pelo mesmo caminho. Quem sabe!

Mas, por ora, aconselho-o a publicar somente o seu *Destinos*. E' o melhor dos seus poemas. O *Bibliographia* estaria passavel, si não fosse este verso mau:

No: "Baipendy" — meu "Navio
[Negreiro".

Além da sua côr local e da sua estreiteza, está pouco harmonioso. No norte, o grupo syllabico *vio* não forma diphthongo; e diz-se: *vi-o*. Em metrica, se contam duas syllabas. Mas, no sul, é considerado diphthongo. Pronuncia-se: *vio*, isto é, *viu*. Em poesia, nesse caso, só ha uma syllaba metrica. Como vê as palavras terminadas em *io* são de contagem difficil.

Concerte o seu soneto, tenente. E, — meia volta, — á direita, — marche!

ELZIE (S. Paulo) — Muito bem. U'a mão lava outra. Amor com amor se paga, uma vez que v. ex. me pede um favor difficil — e eu desejo attendel-a — é natural que lhe solicite em troca, um obsequio facil. E' o seguinte: desejo que me procure nas livrarias de S. Paulo, "Os vegetarianos do amor" de Pitigrilli, em italiano, isto é, no original. Pagarei, adeantadamente, todas as despezas. Espero somente, que me informe onde se encontra o referido livro. Porque aqui no Rio só ha traducções infames do grande escriptor italiano.

Não esperava por *esta*, não é, senhorita Elzie? E' preciso não rezar do Padre Nosso somente — "o venha a nós..."

Yves

UM GRANDE MEDICO

A senhora Galambiére era uma excellente patrôa. Assim tambem a considerava sua creada de quarto e cozinheira, ao mesmo tempo. E não o era somente porque pagasse bons ordenados; seus empregados eram, tambem, muito bem tratados. Bôa comida, farta, variada, sobremesa, depois de cada refeição, nada emfim, lhes faltava. Além disso, a senhora Galambiére os tratava com certa consideração. Nunca uma palavra mais aspera, uma observação em tom grosseiro. Affavelmente lhes dizia o que queria, dispensando-lhes uma familiaridade que exprimia o interesse que lhe mereciam. Uma patrôa, como bem raras, nos dias de hoje, a senhora Galambiére.

Fazia, tambem, de vez em vez, alguns presentes aos seus serviçaes: um vestido mais batido, um par de calçados mais assim, um chapéo já fóra de moda. Ia mais longe a sua bondade: interessava-se vivamente pela saúde dos seus empregados e, tambem, por sua "alma". Nesta questão de "alma" nem sempre ella era bem succedida. Algumas creadas não tomavam na menor consideração os seus conselhos, principalmente as mais novas. Sempre, porém, que alguma adoecia, não lhe faltava medico, e seu medico particular, sendo pagas á sua custa todas as despezas.

Ernestina, a cozinheira que a senhora Galambiére tomára havia dois annos, satisfazia-a plenamente: era asseiada, cuidadosa, exacta, pontual, conhecendo o metier como poucas. Uma cozinheira de "mão cheia", como dizia para as amigas, a senhora Galambiére.

Foi, assim, com desolada surpreza, que a excellente patrôa veiu a saber que Ernestina andava doente ha cerca de dois mezes.

Chamou-a e fez-lhe as seguintes observações:

— Não estou nada satisfeita com você, Ernestina.

— Mas, por que, minha senhora?

— Por que? Deve desconfial-o um pouco.

— Mas, minha patrôa, não foi por descuido meu que o bôlo de hontem não ficou muito bom. A manteiga não era do mesma qualidade...

— Mas, está enganada, minha bôa Ernestina, nada tenho a lhe censurar a respeito do seu serviço como cozinheira.

— Então, não sei bem porque...

— Trata-se da sua saúde, Ernestina.

A cozinheira ia desculpar-se por sahir tantas vezes ultimamente, mas a senhora de Galambiére não lhe deu tempo de se explicar.

— Soube que andas doente ha quasi dois mezes e, no emtanto, você nada me disse.

— Oh! isso não tem grande importancia, acredite, patrôa.

— Não tem importancia! Não é nada! Sempre se diz assim!... E onde é que está indo tratar-se? Sem duvida no hospital.

— Oh! não, senhora, não vou ao hospital. Alli perde-se muito tempo e o meu trabalho ficaria prejudicado. Depois não gosto de ficar esprimida no meio dos outros, como gado.

— Mas, então onde é que se está tratando e com quem?

— Com um medicosinho muito amavel, senhora, com consultorio á rua de Mont-Cenis...

— Rua do Mont, como? perguntou a senhora Galambiére com mal disfarçado desprezo.

— Mont-Cenis, senhora; esta rua é no 8.° districto.

A patrôa deu de hombros com o mais perfeito desdem. E disse:

— Mont-Cenis! Mont-Cenis! Que coisa!

Esse simples nome de rua tomava uma expressão pejorativa na sua bocca.

— E quanto lhe cobra, por consulta, tão amavel medico?

— Vinte francos, senhora.

— Vinte francos! Minha pobre Ernestina, como que póde esperar curar-se tratada por um medicosinho de arrabalde?

Calou-se, um instante, para accrescentar:

— E que cobra vinte francos por consulta!

A cozinheira protestou:

— Mas, asseguro-lhe, patrôa, que elle me trata muito bem. Já tem curado muita gente que conheço e é muito estimado e procurado...

— E', está a ver-se! No emtanto, ha dois mezes você se trata com elle e continúa doente.

— Mas, já me sinto bem melhor, patrôa.

Ernestina teve vontade de dizer-lhe que o patrão ha mais de tres annos vinha se tratando do seu rheumatismo com um "grande medico" e notaveis professores e, tambem, continuava no mesmo. Comprehendeu, porém, que era melhor nada dizer. Além disso, a patrôa falou-lhe num tom que não admittia discussão:

— Tudo isso, minha filha, é pura creancice, ingenuidade. Deixe o tal seu medico e vá ao meu, que é uma notabilidade. Elle a examinará e lhe prescreverá um tratamento sério, cujos bons resultados logo se farão sentir.

Como a cozinheira ficasse em attitude de quem quer objectar alguma cousa, disse-lhe:

— Não se preoccupe com cousa alguma. Tudo isso é commigo. Vou, agora mesmo, telephonar-lhe, porque elle só recebe com hora marcada...

E a senhora Galambiére telephonou ao seu illustre medico, pedindo-lhe marcar "hora" para a sua cozinheira, depois de havel-a recommendado calorosamente.

— E' uma excellente creatura, meu caro doutor, por quem muito me interesso e que não deve ser tratada por um medico qualquer, sem eira nem beira...

Chamou, depois, a cozinheira.

— Prompto, minha pobre Ernestina, está tudo combinado; disse triumphalmente. Sua "hora" está marcada quarta-feira proxima, ás tres e um quarto.

— Sim, patrôa, muito obrigada...

— E' no numero 15, *bis*, da Avenida de Wagram, 1.° andar.

— Muito bem, senhora.

— Quer que escreva o endereço?

— Não, patrôa, obrigada. Não esquecerei: 15, *b*, Avenida de Wagram, 1.° andar.

No dia marcado, Ernestina metteu-se na sua melhor *toilette*. Nem poderia deixar de fazêl-o. Tratava-se de um grande medico, com luxuoso consultorio á Avenida de Wagram e a mais alta clientella!

Partiu cedo, para não chegar em atrazo. Chegada que foi, fez soar, timidamente, a campainha. Introduziram-na num rico e vasto salão, cheio de quadros, de bibelots, de estatuetas de todo genero. Ahi já se encontravam duas grandes damas, que não se cançavam de falar de suas respectivas doenças. Uma creada de quarto, muito alinhada, veiu buscál-as para leval-as á presença do grande medico. Ernestina acabou por ficar fortemente impressionada. Comparou o luxuoso salão com a modesta sala de espera da rua Mont-Cenis, onde o seu medico, educado e gentil, acolhia, sorridente, sua clientella. E acabou por dar razão á sua patrôa: aquillo era outra coisa e bem mais caro, pudéra!

Emfim, chegou a sua vez. A mesma empregada veiu buscal-a, chamando-lhe "madame", o que muito a lisongeou. Depois fêl-a entrar numa linda galeria e introduziu-a, respeitosamente, no gabinete do "grande medico".

Então, se passou uma scena curiosa de causar estupefacção: o grande medico de sua patrôa não era outro senão o seu medicosinho da rua Mont-Cenis, que recebia aqui a clientela rica e, lá, a pobre!

Ambos estavam espantados e constrangidos.

— Está ao serviço da senhora Galambiére?

— Sim, senhor doutor, ha cerca de dois annos.

E contou-lhe sua historia.

Elle a examinou; prescreveu-lhe um tratamento numa folha de papel finissimo e a reconduziu, dizendo-lhe:

— Nada, sobretudo, diga á senhora Galambiére. Agora, que tem medico a cem francos por consulta, ella naturalmente achará que você está sendo optimamente tratada...

MAUD ROUSSAU

Os absolvidos. — Agradecemos-lhe sinceramente, caro mestre! O senhor terá os seus honorarios amanhã sem falta... Não nos deitaremos mesmo, esta noite, si necessario fôr...

Vingada!

De

Antonio Guardiola

DEU um empurrão na porta e sahiu á rua. Ia furioso. Mas, ia, sobretudo, angustiado. Com as mãos nos bolsos, andou e andou longo tempo, sem rumo, ao acaso, febril, com a lingua esponjosa e um mal estar terrivel... Que fracasso!... Que angustia!... E seus labios se moveram para murmurar, quasi a meia vóz, chamando a attenção dos transeuntes:

— Eu, que podia ter sido tão feliz, tão feliz... e apenas soube arruinar me a vida!...

Continuou andando e evocando seu passado, humilde, mas pelo menos sereno. Era um triste empregado de escriptorio, que em sua mocidade sonhára fazer grandes coisas. Ordenado, methodico, trabalhador, Rogelio teria chegado a possuir uma pequena fortuna si não houvesse tido a desgraça de tropeçar, quando já andava pelos trinta, com aquella linda e desenvolta Manolita, uma loira espevitada e sem juizo, que o seduziu por sua belleza soberana, e com quem se casou depois de um noivado de seis mezes. O homem se casára apaixonadissimo, esquecendo tudo, sem olhar a pobreza absoluta de sua mulher, filha unica de um empregado publico, uma *senhorita* cheia de necessidades e caprichos, que não tardaram em originar os primeiros desgostos em casa. Era gastadora, caprichosa, aggressiva, desordenada. Mal havia passado a febre da lua de mel, começou a mostrar ao marido um desamor que separou suas almas...

E quando Rogelio se permittia fazer-lhe alguma observação sobre os gestos, ella comprehendendo, com seu perverso instincto de mulher, que ia exasperal-o, encolhia os hombros, e respondia:

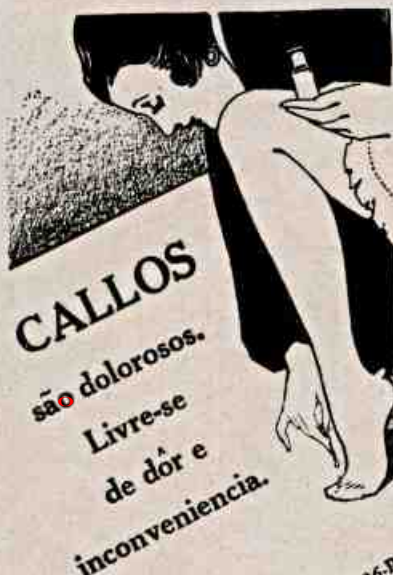
— Ai, filho, pois trabalha mais, que eu não estou no mundo para passar mal de maneira alguma!... Procura um trabalho á noite, que de dias só trabalhas dez horas... Olha o Rodrigues... e o Moraes... e o...

E sahia a collecção de todos os amigos da familia, que, cumprindo com sua obrigação com *a senhora*, se matavam para levar mais dinheiro para casa, e que a familia, bem vestida, bem tratada e satisfeita, passasse pelos logares elegantes da capital, nos dias de sol, á hora chic...

Rogelio suspirou.

Sua torpeza seu equivoco, seu fracasso na vida o irritavam. Porque elle podia ter sido ditoso, muito ditoso. Teve em suas mãos tudo o que é necessario para ser feliz e tranquillo: liberdade, uma vez que era só no mundo e tinha um antigo emprego modesto, mas seguro, em uma empresa forte. E, nos annos delirantes de sua juventude, teve tambem a sorte de encontrar uma dessas mulheres santas, que parecem estar na terra para seccar com sua ternura todas as lagrimas para amar com doçura de mãe, para perdoar, para alentar... Chamava-se Pura, e era noiva quando elle conheceu Manolita...

E... como foi?... A mulher frivola, sem juizo, violenta e dominadora apagou por completo, na alma de Rogelio, a imagem e o amor da mulher doce, calada, timida, submissa... E agora... Era tarde, bem tarde para tudo!... Rogelio parou e olhou em torno, sem ver siquer onde estava, como si procurasse o caminho perdido... Mas só viu, com os olhos da imaginação, seu pobre escriptorio, aonde agora ia chegar, como todas as tardes, para inclinar-se sobre a mesa longas horas; sua casa, sem amor e sem calor; aquella mulher rude e violenta, a quem havia de estar perdoando a cada passo, que gritava como um energúmeno todo o dia, ameaçando criados e caixeiros, batendo e maldizendo os filhos... E o homem tornou a fechar os olhos, e repetiu, agora em vóz alta:

— Eu, que podia ter sido tão feliz, tão feliz!...

Apressou o passo, porque era tarde, quando, de repente, ao dobrar a esquina... Oh!...

Rogelio deteve-se e se approximou della, depois de uma rapida vacillação.

— Olá, Pura! Aonde vaes?... Que fazes?

As palavras sahiram-lhe angustiosas e tristes da bocca. Ella, que levava um lenço sob o braço, respondeu, tranquillamente:

— Bem estás vendo, homem! Aonde queres que eu vá? Entregar trabalho, como sempre!

Sua vóz tambem era triste, como a expressão de seus olhos negros, que não haviam perdido sua belleza. E os dois se contemplaram agora longamente nesse silencio que segue ás grandes catastrophes da alma, e que é quando se dilacera o coração...

De repente, elle se poz a falar com a antiga vehemencia:

— Pura, oh, Pura!... Si soubesses... quanto me alegro em ver-te!...

— Para que, homem?...

— Ah, tu não sabes!... Continúo querendo-te como no primeiro dia, porque agora vi o que vales. E si quizesses... ainda abandonaria tudo... apesar de meus filhos. Iriamos para longe, para bem longe, e formariamos uma nova vida. Depois... Tu me queres ainda?

Ella, porém, o interrompeu serena:

— Não, Rogelio. E' verdade que ainda te quero. Para que negal-o? Querer-te-ei emquanto fôr viva, mas já é tarde... Eu sei que não és feliz, que tua vida é muito triste... Estou vingada, bem vingada... Vês?... Vingou-me a vida, que não perdôa nunca quando fazemos mal a quem não o merece. Minha vida tambem é triste. Mas eu tenho, ao menos, o consolo de não ser culpada... E adeus! E' tarde para mim. Para ti tambem... Nosso momento passou, Rogelio...

Uma grande tristeza brilhou-lhe nos olhos, tão doces... E Rogelio a viu esmagar uma lagrima quando lhe extendia a mão.

Elle comprehendeu que não devia insistir.

— Como está tua mãe?

— Mal. Como queres que esteja, tão velhinha, naquella casa triste, ambas sempre tão sosinhas. E adeus!...

Um estremecimento os dominou ao despedir-se... Elle a viu caminhar rua acima, com passo rapido, sem voltar a cabeça. Sentiu então, como que um desmoronamento em sua alma: aquella mulher era a eleita de seu coração, aquella mulher era a que lhe teria enchido a vida de luz e de alegria...

Estava vingada, e bem vingada!...

UM SYMBOLO DA RAÇA

(Ao grande cearence dr. Gustavo Barroso — uma das maiores glorias da minha terra).

QUANDO, definitivamente estiverem assentes e assimilados, pelos phenomenos sócio-logicos, os elementos ethnicos que entraram para a formação da raça brasileira, não se poderá recusar ao nordestino, e, mui especialmente ao cearence, a sua prioridade entre os demais typos, senão pela indiscutivel excellencia dos seus caracteres, mas, pelo menos, pela unidade de sua origem.

Tudo em nós concorre, simultaneamente, para documentar a nossa superioridade sobre as outras populações do Brasil, pelos traços que ainda vivem em noss'alma e que guardamos inilludivelmente e imperativamente, por serem o coefficiente atavico do aborigene — o homem que a civilização trazida no bojo das caravellas luzas encontrou dominando já, a natureza bruta da terra de Santa Cruz.

O destemor da morte, a coragem na adversidade, a audacia na peleja, sem levar á conta a sua extensão e consequencia, o espirito de nomadismo, a despreoccupação na aventura, a resignação no infortunio, a renuncia no martyrio, são os seus legados á psychologia de muitos que foram nados na terra onde canta a jandaia nas frondes da carnaubas.

Hontem, a historia cearence relembrou aos filhos da gleba-martyr — tão criminosamente insensiveis á gloria dos seus mais assinalados expoentes — o transcurso do 107º anniversario da morte tragica e heroica de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe — o mallogrado presidente da Republica do Equador e depositario fiel das tradições excelsas de sua mãe Dona Barbara de Alencar.

Era elle o mais véro symbolo da nossa raça, o conjunto harmonico das qualidades que apontámos para marcar o nosso padrão ethnico.

Um ligeiro lance sobre a epopéa de 24 basta para justificar e exculpar as expansões da nossa vaidade e do nosso mui legitimo orgulho.

Não foram efficientes para abater o animo inquebrantavel do heróe estadista Tristão Gonçalves de Alencar Araripe os insucessos da causa que abraçou, em Pernambuco, deante das derrotas infligidas aos seus legionarios pelas forças imperiaes sob o commando do bravo brigadeiro Lima e Silva.

A defecção pusillanime de Paes de Andrade, que, acossado pelas armadas de Cochrane, se abrigou sob a tutela do pavilhão inglez, a bordo da corveta "Tweed", como por igual fizera na inesquecivel e funesta Revolução de 1817, embora trouxesse a desesperança na victoria ao seio do exercito libertador, todavia, não conseguiu embargar o passo a Tristão e a José Pereiras Filgueiras — o Leonidas insubornavel, chefe invicto das forças rebeldes que operavam no sul da provincia.

Estava, irremediavelmente, desfeito o sonho republicano daquelle punhado de valentes idealistas.

A reação do Piauhy obrigára Tristão a reunir-se a Filgueiras, no Crato, passando então o governo da republica ao seu substituto, José Felix de Azevedo Sá — outro miseravel transfuga que trahiu ao compromisso e preferiu a vida execravel dos Ischariotes, á morte honrosa no campo raso das batalhas.

Desalentado, o martyr da liberdade, a alma messianica da Confederação, chegando ao Aracaty, viu o exercito sob o seu commando reduzido, da noite para o dia, a menos da metade.

É que o meliante ganancioso Lord Cochrane — mercenario britanico a largo e farto soldo das armas nacionaes — chegára a Fortaleza e, alli, proclamára Dom Pedro Primeiro.

O Xenofonte cearence inicia, agora, a sua retirada do Aracaty para ir engrossar as fileiras de Filgueiras. A frente da tropa, os horizontes se alargam na mesma progressão com que se dilatam as planicies do Jaguaribe.

30 de Outubro de 1824. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe tinha que confirmar a predestinação de sua raça — morrer luctando.

Lá estava, em Russas, o commandante da fronteira, Antonio de Amorim.

Fere-se o combate entre a liberdade e o despotismo.

A sorte das armas, caprichosamente, decide-se pelo ultimo.

Mas, o derrotado de Russas, proseguindo em sua jornada homerica, através das varzeas infinitas, com o remanescente da cruzada magnifica, não trilhava as veredas das deserções vulgares, porém, sangrava as plantas no agudo das escarpas em cujo cimo se eleva, desafiando a poeira dos tempos, a imagem de sua canonização civil.

Previa o fim da épopea.

E, na clara manhã de 31 de outubro, quando o sol impiedoso de sua terra arrancava lampejos de crystal nas arestas dos pedrouços José Leão distende as forças imperiaes para se medirem com os derradeiros abencerragens da Republica.

Sombrios presagios emburelaram o coração do caudilho.

Em massa, os imperiaes cahiram sobre os libertadores. Tristão, recrutando todas as suas energias já combalidas pelos revezes sem conta, vae lançar com a sua voz estentorica o primeiro brado de commando: "Fogo!"

Nenhuma arma deflagrou.

Era a indisciplina. A desobediencia eliminára a sua autoridade. Apagára-se a ultima chamma da esperança.

Tristão, nesse supremo instante, despe a tunica do centauro e, enroupado na alva dos martyres, affirma a grandeza de sua raça e ascende aos páramos de sua glorificação.

Em Santa Rosa, por certo, inda hoje, o sangue generoso de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe circula no caule de Jurema, sob cuja sombra descansam os seus restos — a pagina final daquella Odisséa americana.

Relegarmos ao olvido vultos como Tristão Araripe indica a anemia da nossa mentalidade, o desprezo da nossa historia — unico patrimonio que devemos guardar com carinho, porque só elle dignifica um povo e sublima o idéal da nacionalidade.

UBIRAJARA CARNEIRO

A OUTRA

Luiz Felippe, aquelle dia, ao chegar á sua "garçonnière", pôz-se a pensar no morbido calor dos braços de Belkiss, que o envolveram, pouco antes, na sua exhausta voluptuosidade.

Fêl-o sorrir esse pensamento, apesar de sabêl-o fixo e de occorrer-lhe, ao mesmo tempo, que um mau e obscuro presentimento.

Aquella ultima aventura, que fôra esperada com tanta ansia, idealizada com tanta poesia, acabára no primeiro encontro.... Na historia de amôr que elles imaginaram, ella não podia ser aquellas garota futil e pretenciosa. Nem elle um homem que era como todos os outros. Talvez um pouco mais triste, talvez um pouco mais sincero...

Luiz Felippe comprehendêra isso, alguns minutos depois de se encontrarem, no primeiro silencio que o separou, como si tivesse descido entre elles um transparente mas invencivel obstaculo. Viam-se, sentiam-se, estavam ali e, comtudo, nenhum parecia o mesmo. E, cada um pensando no pensamento do outro, seguiam pelas aléas colleantes do jardim, sob o emmaranhamento dos galhos de centenas de grandes arvores proteiformes.

Aquelle delicado poema acabára no desencanto, na banalidade ridicula de um primeiro encontro num fundo discreto de jardim.

Estas considerações, amargas, trouxeram-lhe aos labios um sorriso ironico, um desses sorrisos que são como uma grande dor contida, que a bocca, ás vezes traz numa levissima contracção.

O retinir do telephone chamou-o ao aposento contiguo. Attendeu-o. Era Tania, sua amante, uma russa de olhos impassiveis como geladas estepes, esgalga como um galgo.

Todas as noites, antes do jantar, ella lhe telephonava. Apesar de se conhecerem ha quasi dois annos e de haver-se extincto a curiosidade dos primeiros tempos, ainda tinha na voz essa suavidade cansada, essa voluptuosa doçura que envolve as palavras dos amantes que se desejaram muito. Luiz Felippe, embora a não amasse, tinha-se acostumado com ella. Divertia-o aquelle sotaque estrangeirado. Ella falava sempre com vagar, baixinho, como si sentisse a necessidade constante de agradar. E a sua voz tinha inflexões tão suaves, que elle, ás vezes, não podia conter-se e a beijava na bocca...

Elle não sabia nada da vida della.... E era precisamente por isso que ella o agradava. Imaginava-a uma dessas criaturas energicas que encontrava a cada passo nos livros russos. Ua mulher de frio dominio sobre seus nervos obedientes. Que não soffria da debilidade sentimental das mulheres latinas.

Falaram numa porção de coisas. Quando ella lhe disse que aquella noite de Natal queria ceiar com elle, naquelle restaurante campestre em que estiveram havia um anno, os olhos delle se fixaram no calendario de sobre a sua secretaria. Depois, ella perguntou, arrastando os "rr":

— Tu virás cedo, meu amôr?

— Jantarei no club e de lá irei vêr-te.

— Então, até logo.

— Até logo...

Quando ella desligou, o silencio do phone continuou dentro da sua alma. Um silencio que se alastrava por todo o appartamento, misturado com a luz do "abat-jour" apapoilado.

Lembrou-se que do outro lado da cidade havia um lar que elle deixára, e onde, áquella hora, sua carinhosa mãe devia estar sentada á mesa com seus irmãos. Talvez, ao olhar o seu logar vazio, — o logar que elle occupára durante vinte annos — ella pensasse no primogenito que os abandonára em busca de outros amigos, de outros affectos... Naquella casa havia uma enorme arvore de Natal e um presepio que sua irmãzinha arranjava com carinho...

Ouviu o ruido do ascensor, que parou no andar onde elle morava; logo, passos no corredor e um toque de campainha sobre sua cabeça. Abriu a porta e surprehendeu-se quando viu o irmão. Este foi logo lhe dizendo:

— Que sorte encontral-o! Vim cá varias vezes durante a tarde e dei com o nariz na porta.

Luiz Felippe fel-o entrar e, vendo-o de "smoking", disse, jovialmente:

— Você está um rapagão! Quasi da minha estatura, e mais forte! E, sobretudo um Brummel.

— E você sempre diplomaticamente gentil.

Luiz Felippe accendeu um cigarro e, mudando de tom, perguntou:

— Você, hoje, não vae jantar em casa?

— Foi para isso, precisamente, que vim buscal-o... E mamãe recommendou-me que não voltasse sem você.

O irmão olhou-o como si previsse uma desculpa, um pretexto qualquer, que Luiz Felippe decerto arranjaria para livrar-se do convite materno.

Luiz Felippe desviou os olhos dos do irmão, perturbado, como si houvesse lido tudo que o outro pensava. Depois, lembrou-se da Tania, dos seus braços envolventes, languidamente sensuaes. Uma sensação ambigua, feita do orgulho de possuir uma formosa amante e do medo de perdel-a, misturada com o remorso de magoar a velha mãe, causou-lhe um mal-estar inexplicavel. Por outro lado, parecia-lhe que, si visitasse a mãe no outro dia e com ella almoçasse, tudo estaria bem. Elle gostaria de poder vel-a aquella noite de Natal.

De Brenno Silveira

Mas sabia que a mãe o prenderia até tarde. Depois, podia acontecer, mesmo, que se sentisse sem coragem para ir-se embora á hora precisa...

O irmão, vendo-o indeciso, falou:

— Estou com o auto ahi. Si você quizer ir, daqui a um instante estaremos em casa... Você janta commosco e depois vem para a cidade com elle... Si você fosse, mamãe ficaria contente.

Elle respondeu, depois de pensar um pouco:

— Não, Osmar. Infelizmente, não posso jantar com vocês. Ha uns amigos que me esperam no club.

De facto, era verdade. Pouco depois, no restaurante do club, Luiz Felippe conversava animadamente com o poeta Alceu de Menezes, grande admirador de corridas de cavallos, quando chegou o incorrigivel "blagueur" Napoleão de Sá:

— Salvé, grandes homens!

E ao "garçon", que se approximára, solicito:

— Antes de tudo, traga-me um Long-John.

Assentou-se á mesa e commentou aos amigos:

— Por falar em Long: Holliday venceu facilmente aquelle cavallo irlandez, côr de tabaco escuro... Conquistou o primeiro logar por tres corpos.

— Já conseguiu este mez dois primeiros logares — respondeu Alceu de Menezes, accendendo um charuto.

Luiz Felippe não se interessava por corridas. No entanto, falou:

— Tania, domingo passado, disse-me que jogasse em Holliday. Respondi-lhe que aquillo era cavallo de transporte e apostei em Aredina, que perdeu por meio corpo...

— Foi bom você ter lembrado: vi-a ha pouco entrar no Palhaço.

— Quem? A egua? — perguntou Luiz Felippe, surprehendido.

— Ora bolas! Logico que Tania! Estava com aquella lourinha... Como se chama?...

— Zaira.

— Sim, com Zaira e com a chilenita de olhos cocainados.

Ao ouvir isto, Luiz Felippe pensou: "Si Tania foi jantar com ellas, tão cêdo não tornará á casa." E lembrou-se do que se propuzéra fazer, logo que houvesse opportunidade. Deu uma desculpa aos amigos e sahiu incontinenti. Tomou um auto e deu ao "chauffeur" o endereço de Tania.

Lembrava-se, com extraordinaria exactidão, do logar onde ella guardava o seu *Diario*. Revia-o no mesmo sitio onde o encontrára pela primeira vez, sob uma pélle de lontra, na gentil promiscuidade de um fundo de guarda-roupa feminino. Foi numa noite de garôa, aquella pulverizadora garôa paulistana, que cae numa irritante e incansavel continuidade. Era á hora do jantar; não achára a amante no appartamento. Emquanto a esperava, sentia-se presa da curiosidade de examinar o que escondiam as gavetas do quarto da amante. Dirigiu-se ao aposento contiguo, e abriu, um por um, todos os moveis. Nada lhe era estranho. Conhecia perfeitamente tudo aquillo. Ao acariciar, porém, num gesto instinctivo, uma pélle "gris", sentiu o contacto de uma coisa quadrada, dura. Levantou a pélle e viu um livro, grande, encadernado de madeira escura. No alto da capa, leu: *Tania Vassiliefna*; e, no centro, em caractéres azues: *Diario Intimo*. Pôz-se a folheál-o com o timido receio que torna indecisa a nossa mão, quando abrimos uma carta ou um livro onde tememos encontrar uma pequena coisa muito grave, o grande significado de uma palavra muito breve, a verdade angustiante de uma bella mentira... U'a mentira como esta, por exemplo: "Você foi o primeiro homem que tocou nos meus labios..."; ou est'outra, u'a mentira tecida com habilidade, tendo para confirmál-a a persuasiva e falsa eloquencia das attitudes cinematographicas: "Eu te amo..."

Mas a alegria do primeiro momento, que espiou pelos olhos castanhos de Luiz Felippe, escondeu-se, de repente. As paginas, numa lingua que elle desconhecia, occultavam feminilmente as verdades que sabiam...

Elle estava sentado — recordava-se bem — sobre ampla cama turca, com o *Diario* nos joelhos, os olhos presos ás curvas sinuosas daquelles traços finos que, para elle, eram apenas traços... Oh, como gostaria, naquelle instante, de conhecer o idioma russo! E, de quando em quando, fixava mais o olhar, passava a vista por uma linha, examinava um paragrapho... Dir-se-ia, vendo-o de longe, o myope que experimentasse ler minusculas palavras. De tudo aquillo, elle só percebia, aqui e ali, as onze letras de seu nome.

Agora, dentro do taxi, que corria sobre o asphalto que se ia desdobrando á frente, como uma longa passadeira, Luiz Felippe lembra-se de tudo.

Viu, no fim da avenida, o "Sky-scraper" em que Tania morava. Os vidros das janellas do seu appartamento reflectiam as luzes verdes de um reclamo de gaz neón, cujas letras se accendiam uma a uma, como esperanças, e se apagavam de uma só vez, de repente, como desillusões...

— Toca depressa — ordenou ao "chauffeur."

Pouco depois, o auto parou.

Quando entrou na alcova, onde a bella russa dispuzéra tudo admiravelmente, com senso esthetico muito requintado, o coração batia-lhe com força. Dirigiu-se ao movel onde vira, naquella noite garoenta, o *Diario* de Tania Vassiliefna. Abriu-o. Os vestidos, perfilados nos cabides, abandonavam um subtilissimo perfume.

A CARTA

De Octavio Roy Cohen

NINGUEM, nem mesmo o silencioso e efficiente criado, poderia ter suspeitado que o joven casal a quem servia se encontrava deante de uma passagem decisiva de sua vida. Moços, elegantes e attrahentes, falavam em vóz baixa e pareciam intensamente preoccupados em sua propria conversação, que, por outro lado, podia ter versado sobre assumptos da mais completa trivialidade. Marido e mulher haviam chegado a uma encruzilhada. O vasto e tranquillo restaurante era terreno neutro.

— Será melhor que comprehendas, Doris... Terminámos...

Ella apertou os labios.

— Já mo dissestes esta manhã.

— Estava furioso. Tive tempo de reflectir depois, e to repito. Por isso te pedi este encontro. Não podemos continuar assim...

— Não acho inconveniente algum.

Seu riso era frio e cortante como uma navalha afiada.

— Irei daqui para casa, arrumarei minhas malas. A partir das cinco horas, terás a independencia que pareces desejar.

— E's muito considerado.

Elle se levantou e a cumprimentou com uma reverencia, dirigindo-se depois para a porta. Ao levantar-se, por sua vez, para sahir, ella sentiu uma curiosa angustia suffocar-lhe o coração. Dominou-a, porém. Fôra isso o que ella pedira, havia pouco. Pedira e, tambem, temêra...

Eram ambos teimosos, orgulhosos e impulsivos. Não estava em seus temperamentos brigar, dizer coisas amargas e fechar depois as feridas com algumas palavras suaves. As palavras ditas não podiam ser recolhidas. O mal infligido com crueldade não podia ser nem perdoado nem esquecido.

Doris se dirigiu ao salão de escrever.

"Querido Jim — traçou. — Terminámos. E' o melhor que podemos fazer depois da scena desta manhã. Não voltarei para casa antes de haveres partido. Mas a sinceridade me obriga a escrever-te esta nota antes que te vás. Quero que reflictas uma vez mais antes de resolver-te. Amamo-nos muito, nossos temperamentos são iguaes. Si abandonas a casa, será para sempre. Teu proprio orgulho não te permittirá voltar. O meu me impedirá de receber-te. Si quando eu regressar, ás seis horas, tiveres partido, comprehenderei, definitivamente, que tudo acabou. — Doris."

Uma pequena nota feia, que disfarçava o mêdo que mordia o coração. Chamou um mensageiro e a remetteu para sua casa. Depois esperou duas horas interminaveis. A's seis, voltou.

Os effeitos pessoaes de Jim haviam desapparecido.

Doris procurou pensar que lhe era indifferente, convencer-se que se alegrava com isso.

Mas a casa estava horrivelmente vazia. Tudo parecia tão espantoso...

A OUTRA

(Conclusão)

Apalpou ligeiramente a pélle de lontra, alisando-a com as pontas dos dedos; depois enfiou a mão por sob ella e procurou o livro. Mas, apenas, sentiu a tepida caricia do forro de "lamé". O *Diario* não estava mais alli. Onde ella o teria posto? Para que escondêl-o, si elle não sabia russo?

Estava para se retirar, quando se lembrou de procural-o na secretária de Tania. Buscou inultimente por todas as gavetas. Ao correr, porém, a coberta de madeira da parte superior do movel, a sua physionomia se transformou pela surpresa.

Lá estava, negligentemente aberto numa pagina, o *Diario* de Tania Vassiliefna. Com gesto de amante, Luiz Felippe acariciou-o, reteve-o uns momentos entre os dedos finos. Era uma sensação inedita, inaudita, a que o possuia. Era a uma alma que elle se acercava naquelle instante. A' alma da mulher que era o seu amôr peccaminoso, a fatalidade, a poesia dos seus vinte e poucos annos. Elle sabia que os diarios são as machinas photographicas da alma. E temia que o retrato intimo não se parecesse com Tania Vassiliefna.

A attracção de u'a mulher consiste unicamente no que a fantasia de um homem generosamente lhe presenteia. E Luiz Felippe déra aquella esgalga slava todo o seu cerebro, os seus mais bellos pensamentos, as suas mais caricioseas palavras de ternura...

Ella recebia tudo isso friamente, não com o ar de quem recebe, mas, sim, com o de quem apenas troca... Ingenua!... Não sabia que todos esses presentes eram pedras raras... Esses presentes que ella admirava como perfeitas imitações...

Para Luiz Felippe só havia, na historia com Tania Vassiliefna, mais que o ardor natural da juventude, a poesia de uma vida cheia de imprevistos, e o seu scepticismo vestido de uma delicada ironia, entre as pequenas insidias e os grandes caprichos daquella estranha criatura. Este foi o seu pensamento, emquanto retinha o *Diario* entre os dedos finos. Depois se sentou á escrivaninha. Si pudesse copial-o, decerto copiaria todas aquellas paginas que talvez soubessem deliciosas intimidades. Na impossibilidade de fazel-o contentou-se em transcrever, apenas, a ultima pagina.

Naquelle aposento, á luz de um "abat-jour" cardeo, uma braçada de alvas rosas se debruçava de uma barra negra. Os letreiros luminosos brilhavam sob o geometrico "building" fronteiro, fazendo difficeis acrobacias dentro do rectangulo da janella. De quando em quando, uma buzina

e definitivamente terminado. Nada podia fechar aquelle abysmo aberto entre ambos. Nada, a menos que fosse um milagre, induziria Jim a voltar. *Nada* poderia fazer com que ella o recebesse.

Chegou a noite. Não era a primeira vez que a passava só desde que havia chegado em casa, dia de seu casamento, mas era a primeira em que se encontrava tão irrevogavel e permanentemente só. O lento, insistente tic-tac do velho relogio era muito forte, como si quizesse suggerir a idéa de que ambos se haviam mostrado muito impulsivos, que uma súbita onda de amargura destruirá suas perspectivas.

Até o momento de chegar em casa, Doris não acreditava que Jim se fosse. A nota escripta por ella, no hotel, era uma supplica embora suas palavras fossem medidas. A criada lhe disséra que Jim a recebera pessoalmente e, depois de lel-a, a puzéra no bolso. Em seguida, proseguira na tarefa de arrumar as malas.

Elle não voltaria. Estava ella certa disso. Por um momento odiou o orgulho que os separava. Seu amor fôra muito bonito.

Lentamente, subiu a escada, dirigindo-se a seu dormitorio. Não sentia o prazer da victoria. Mirando-se ao espelho, confessou, em vóz alta, que amava a Jim e que deseja seu regresso.

Com os olhos abertos, insomne, escutava os ruidos da rua.

De repente, ouviu o barulho de um taxi que se detinha em frente a sua casa. Guiada pelo instincto, se aproximou da janella e viu o *chauffeur* subir levando nos braços um homem inerte, os degráos que conduziam á porta da rua. A campainha soava insistentemente.

As faces de Doris se coloriram. Cobrindo-se com um kimono, desceu rapidamente e abriu a porta. O *chauffeur* depositou no chão o corpo inanimado de Jim.

— Seu marido, senhora?...

A horrivel angustia do mêdo impediu que Doris respondesse immediatamente.

— ... e desmaiou — explicava o *chauffeur*.

Então, ella notou o cheiro do alcool. A descoberta a surprehendeu. Jim não gostava de alcool e não bebia nunca.

Imaginou facilmente toda a scena. Jim sentira o mesmo que ella e procurára abafar seu soffrimento. Era tudo o que desejava saber. Era a prova irrefutavel de seu amor.

O *chauffeur* transportou Jim até sua cama. Estava loquaz.

— Sim, senhora — insistiu: — elle entrou no café e começou a beber copiosamente. Via-se, claramente, que não estava acostumado a fazêl-o e por isso tratámos de detêl-o. Mas não nos fez caso. Limitou-se a continuar bebendo com uma carta aberta sobre a mesa. "Más noticias nessa carta" — disse eu a meu companheiro. Afinal, elle perdeu os sentidos, e eu o trouxe para casa.

— E como soube o senhor que elle morava aqui? — perguntou ella.

— Encontrei o endereço na carta que lia, senhora. Si não fôra isso, jamais saberiamos qual era sua residencia.

sons agudos o ruido da rua, fazia-o subir até aquelle decimo andar. Depois, o rumor impreciso de todos os momentos, rumor pesado de rodas de aço e motores de explosão, enchia de novo todo o apartamento. De longe, correndo pelo espaço, vinha o resfolegar, ora lento, ora apressado, de uma locomotiva que, decerto, fazia manobras. Na victrola de uma franceza de idade indefinida, que morava ao lado, rodou um tango em "Zar-zot" buenairense.

Luiz Felippe escrevia... escrevia...

* * *

Meia hora depois, num canto discreto de um dos corredores do club, Luiz Felippe, de pé, atrás de um carteador, olhava em silencio as palavras portuguezas que sahiam do bico de uma caneta estylographica. Os seus olhos, inquietos, seguiam os chavões que se espichavam pelo papel. Como era bem commum aquella creatura! Tinha grinaldas de palavras que exhalavam um perfume ordinarios, dessa literatura espantosamente mediocre, que as professoras elementares e esses meninos que, nos bailes, perdem opportunidade de dançar e de dizer ás senhoritas, com ares de mulheres fataes, galanteios de uma lamentavel vulgaridade.

Eis o que dizia a pagina do Diario de Tania Vassiliefna:

"Por que escrevo estas coisas? Si elle não me ama, por que não renunciar a este amôr que nunca será amôr? Daqui a annos, quando o frio da velhice envolver os meus sentidos gelados, eu não quero lembrar do amôr que eu perdi... Para Luiz Felippe isto será outra coisa!... Quando pensar em mim, lembrar-se-á, apenas, que fui u'a mulher um tanto fria, um tanto indifferente, que nunca demonstrou um nada de ciume. U'a mulher que lhe deu os seus sentidos e alguns momentos de volupia... Nada mais! E quantas vezes Luiz Felippe confundiu, dentro das minhas pupillas, as lagrimas de um desespero nascente com o brilho turvo da voluptuosidade!...

"Quando, atormentada pelo desanimo e pela amargura, me subjuga a idéa de afastál-o de minha vida, e saio resolvida a não voltar, sinto, logo depois, uma coisa que me prende, um inexplicavel sentimento que me faz tornar sobre meus passos, regressar á casa."

* * *

Pouco depois, desilludido, Luiz Felippe telephonava para a casa de sua mãe.

— Allô! — attendeu a irmã.

Elle lhe reconheceu a voz.

— Allô, Olninha!... Diga á mamãe que vou jantar com vocês. Daqui a pouco estarei ahi.

A MORTE DE SHERLOCK HOLMES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

Vou apressar o fim desta narrativa precisando todavia os factos. Por mais penoso que me seja este assumpto, não quero omittir nenhum pormenor.

A 3 de maio, chegamos á aldeiasinha de Meiringen, e installamo-nos no Hotel Inglez, propriedade do velho Pedro Steiler, homem intelligente, que servira tres annos como chefe dos creados do Hotel Grosvenor, em Londres, e falava por isso optimamente inglez. Por conselho seu, partimos a 4, á tarde, para fazer uma excursão na montanha até á cabana de Rosenlani, onde deviamos passar a noite.

E' realmente um espectaculo grandioso!

A corrente, avolumada pelo desgelar das neves, precipita-se num abysmo de onde a espuma salta em turbilhões tão espessos que facilmente podem ser tomados por fumo de um incendio. A chaminé por onde se precipita a torrente, é uma brecha immensa, aberta nuns rochedos escuros e brilhantes.

Essa brecha, fecha-se de repente numa cavidade sem fundo, em cujas paredes escalvadas, reflecte-se a espuma côr de esmeralda, e paira a nuvem brumosa que della sobe num gemido perpetuo.

Estavamos ali, á borda do precipicio, fascinados pela grandeza dessa massa de agua que vinha quebrar-se a nossos pés, contra as rochas graniticas e pelo murmurio constante e quasi humano, que para nós subia do fundo do abysmo.

Para melhor relancear a vista, tinham traçado um caminho em semicirculo á roda da cascata, mas como esse se não prolonga alem della, o viajante é obrigado a voltar para traz pelo mesmo sitio. Já estavamos de volta, quando vimos vir direito a nós um garoto suisso, com uma carta na mão. Tinha o nome do nosso hotel, e era-me dirigida pelo proprietario.

Ao que parecia, alguns minutos depois da nossa partida, tinha chegado uma senhora ingleza doente do peito no ultimo grau. Vinha passar o inverno em Davos-Platz e tinha-se posto a caminho para encontrar uns amigos em Lucerna, quando subitamente fôra atacada de uma hemorrhagia, á qual se suppunha não poderia resistir. Como derradeira consolação, desejava muito ver um medico inglez, e era por isso que me pediam para voltar ao hotel, etc, etc.

O bom do Steiler, assegurava-me em um "post-scriptum", que me ficaria pessoalmente muito reconhecido, se eu annuisse a esse desejo, pois essa senhora recusava-se a ver o medico suisso, e elle sentia a sua propria responsabilidade envolvida no assumpto. Este appello era daquelles a que não se pode resistir.

Não podia recusar o meu soccorro a uma compatriota moribunda em paiz estrangeiro. Em todo o caso, tinha alguns escrupulos em deixar assim Holmes.

Finalmente decidimos que o rapazinho suisso ficaria com elle para lhe servir de guia e de companhia, emquanto eu voltava a Meiringen.

Holmes disse-me que tencionava ficar á borda da corrente ainda um bocado, e que depois subiria de vagar, ao cume da montanha até Rosenlani onde eu poderia ir ter com elle, nessa mesma noite.

Parti pois; ao voltar-me, vi o meu caro amigo, e desgraçadamente, pela ultima vez, com os braços cruzados encostado a um rochedo, em extasis deante do turbilhão.

No fim da rampa ainda olhei outra vez para traz, já não se via a cascata, mas apenas o caminho que circunda o flanco da montanha e conduz á quéda de agua.

Por esse caminho ia, em passo apressado, um homem cuja figura sombria se destacava na verdura em volta.

Impressionou-me o seu aspecto bem como a rapidez do seu andar, mas com a pressa de chegar ao meu destino, não me demorei muito nestas considerações. Levei pouco mais de uma hora a chegar a Meiringen.

O velho Steiler estava á porta do hotel.

—E então? disse eu apressando o passo, espero que o seu estado não se tenha aggravado.

Pintou-se-lhe no rosto uma expressão de surpreza e ao vel-o carregar o sobr'olho, apertou-se-me o coração.

—Não me escreveu esta carta? disse eu, tirando o papel da algibeira.

—Com certeza que não, exclamou elle. Ah! esse bilhete deve ter sido escripto pelo inglez alto que chegou depois dos senhores sahirem. Elle tinha dito...

Já não esperei mais explicações do dono do hotel. Transido de pavor, de novo subi a correr a rua da aldeia para retomar em sentido contrario o caminho que acabava de percorrer. Uma hora tinha eu levado a descer; e não obstante todos os meus esforços levei duas horas para tornar a subir á cascata de Reichenbach.

O bordão alpino de Holmes lá estava encostado á mesma rocha em que eu deixara o meu amigo; mas deste não havia signal! Foi em vão que o chamei. Só os rochedos em volta repercutiam os meus gritos num longo echo.

O apparecimento desse bordão gelava-me de medo. Holmes não tinha pois ido a Rosenlani! Tinha ficado no caminho cuja largura era de tres pés tendo dum lado uma rocha a pique e do outro um precipicio! E fôra ali que o surprehendera o inimigo! O rapazinho suisso tinha tambem desapparecido.

Pago sem duvida por Moriarty, tinha se ido embora deixando os dois homens frente á frente. Depois disso o que se teria passado? Quem o poderia dizer?

Demorei-me alguns instantes a coordenar as minhas idéas, pois estava aterrado. Tentei, para reconstituir esse drama horrivel, applicar o methodo que o proprio Holmes tantas vezes me ensinara.

Infelizmente, era simples de mais. O bordão marcava o sitio onde tinhamos parado para conversar, não tinhamos mesmo ido até ao fim do caminho, cujo solo lamacento, sempre humido dos salpicos, conserva as minimas pegadas, mesmo as de um passaro.

Ora viam-se distinctamente duas linhas de pegadas, partindo do ponto onde me encontrava e dirigindo-se ao extremo do caminho. Não as havia em sentido contrario. A alguns metros desse extremo, o chão estava acalcanhado e lamacento, os arbustos e juncos que rodeavam o precipicio, estavam espesinhados e sujos de lama.

Deitei-me de barriga para baixo, para olhar bem a profundidade do abysmo. A espuma da corrente esbarrava-me por todos os lados. Cahira a noite, mal se percebiam já, aqui e alem, reflexos humidos, nas paredes ennegrecidas da rocha, e via-se no fundo a passagem da corrente. Chamei. Por unica resposta o gemido quasi humano da cascata, veiu ferir-me o ouvido.

Estava entretanto escripto que eu recolheria uma lembrança do meu desventurado amigo. O proprio rochedo onde se encontrava o bordão, avançava um pouco sobre o caminho, e no seu topo um ponto brilhante attrahiu a minha vista. Era a cigarreira de que se servia habitualmente.

Quando a apanhei vi no chão um papel dobrado que estava por baixo. Desdobrei-o e encontrei tres folhas de papel, arrancadas ao seu caderno de notas; eram-me destinadas. Traço caracteristico: a direcção era tão precisa, a letra tão firme e nobre, como se elle tivesse escripto essas linhas á sua mesa de trabalho. Dizia assim:

"Meu caro Watson: Posso escrever-lhe graças á condescendencia do dr. Moriarty. Decide-se elle a esperar que eu escreva isto, para no fim regularmos a questão pendente entre nós.

"Acaba de me dar uma idéa do processo por que escapou á policia ingleza, sem perder ao mesmo tempo um só dos nossos movimentos. Esse processo não faz senão confirmar a alta opinião que eu tinha do seu valor.

"Sinto-me feliz de pensar que vou livrar a sociedade da sua presença e ao mesmo tempo das suas façanhas, mas vou provavelmente pagar essa boa acção com um sacrificio que affligirá os meus amigos e sobretudo a si, meu caro Watson.

"Expliquei-lhe que a minha carreira attingira já em qualquer caso o seu apice, e que este desenlace não me causava nenhuma surpreza. Estava inteiramente convencido, confesso-o, que a carta mandada de Meiringen era uma ratoeira que nos armavam, e deixei-o partir sabendo perfeitamente o que se ia passar.

"Diga ao inspector Patterson que os documentos de que elle precisa para condemnar a quadrilha, se encontram na caixa M, fechados num sobrescripto azul com o titulo *Moriarty*.

"Antes de partir de Inglaterra dispuz de todos os meus bens em favor de meu irmão Mycroft. Apresente as minhas homenagens a mrs. Watson, e creia-me, meu caro amigo, muito sinceramente... seu... — *Sherlock Holmes.*"

Contarei o resto em poucas palavras. Os peritos, estabeleceram com o maior numero de probabilidades, que a luta entre os dois homens acabara, como era de suppôr, em tal caso, isto é, deviam ter rolado os dois para o abysmo, depois de terem lutado encarniçadamente, corpo a corpo. No fundo desse pego de tumultuosas aguas espumantes jazem para sempre o acelerado mais perigoso do seu tempo e o mais valente campeão da lei.

Do rapazinho suisso nunca mais se ouviu falar. E' certo que pertencia ao grupo de individuos pagos por Moriarty.

Quanto á quadrilha de bandidos, não esqueceu decerto ainda o publico as provas claras e precisas que Holmes tinha accumulado para desmascarar as suas proezas, e a habilidade com que soubera assegurar a sua perda.

No decurso dos debates judiciarios, nunca se fez allusão ao seu terrivel chefe, o professor Moriarty. Se hoje sou levado a falar deste grande criminoso, é isso por culpa dos seus campeões desageitados, que, para expurgar a memoria de um bandido, ousaram atacar a de um homem que considerarei sempre como tendo sido o mais digno e o mais notavel que eu conheci.

FIM

A SEGUIR:

no proximo numero do mesmo autor

A ABBADIA DE GRANGE

O CORAÇÃO DE AMBROSIO

UM velhinho chorava á porta do cemiterio.

— Pobre senhor! — pensei.

E, como cada vez chorasse mais forte, abordei o desesperado:

— Tranquillize-se. Isso ha de passar. Quando se tem setenta annos, não se morre de amor. Não derrame mais lagrimas. O senhor ha de encontrar outra mulher.

— Não se trata de mulher nenhuma, cavalheiro. Choro a perda de um amigo, morto ha trinta annos.

— E' uma dôr já velha.

— Sim. Avivo minha antiga dôr. Todos os annos, na mesma época, choro a morte de Ambrosio Saladier, poeta e apaixonado.

— Ambrosio Saladier?

— Não se recorda? Não é estranho. O senhor é muito moço. Ambrosio Saladier era um bohemio que não absolutamente nada sem se inspirar em Murger. Foi isso o que o perdeu.

— Impossivel!

— Muito possivel, joven, uma vez que é verdade. Escute esta penosa historia: Saladier amava uma joven que se chavama Musette, como todos os *dancings* da rua de Lappe. Um dia, essa mulher abandonou a casa de Ambrosio e foi

INCOMPREHENDIDO IDEAL

PRAIA de Copacabana. Tarde azul. No encantamento daquella tarde alguem passa. Um coraçãosinho estremece. Os olhos de uma garota sentimental acompanham o vulto moreno que passa. Quebrando aquella contemplação, sôa a vóz amiga de quem a acompanhava:

— Você viu quem passou?

— Sim. Antes do que os seus, meus olhos viram.

— Ficou triste por têl-o visto?

— Não. E' sempre uma ventura vêl-o no acaso de uma tarde linda, embora, depois, meu coração soffra a desventura de ver nos olhos verdes a indifferença.

— Elle a esqueceu. Por que você não faz o mesmo? Si é difficil, procure um outro alguem, alguem que possa ser maior do que elle.

— Esquecer!... E' uma palavra cruel, uma palavra desconhecida pelo meu coração. E embora esquecida, embora desprezada, minh'alma continúa a adorar, a ser toda ternura e carinho, para quem nunca a soube comprehender. Muito alto o elevei. Acreditei que elle era differente dos homens que conhecia. Seus olhos verdes diziam muita palavra bonita. E, fascinado, meu coração acreditou ser possivel que elle me quizesse com o affecto sonhado e ambicionado pelo meu sentimentalismo.

— Mas como, si esse alguem não a podia amar?!

— Não era amor o que eu ambicionava. Não era amor o que, na prece muda de meus olhos, supplicava aos olhos verdes. Não era amor que eu podia querer, pois não desconhecia já estar o seu destino preso a um outro destino. Não!... A minha ambição era uma amizade nobre e sincera. Uma amizade cheia de poesia e encanto. Uma amizade que, na communhão de dois corações, de duas almas, se espiritualizasse na eternidade de uma mesma e unica ventura.

— Muito você ambicionava de um homem! Tanto que, de complicidade com o destino, elle tudo destruiu!

— Sim, tudo se foi porque o assim quiz. Mas ficaram a saudade e a affeição incomprehendida do meu pobre coração. Hontem, eu... elle... a felicidade... Hoje... eu... a solidão... a saudade a tanger a cithara do passado para que meus olhos deslumbrados, através da magia da illusão, vejam o esplendor dos dias de hontem, aquelles dias illuminados pela luz ardente de uns olhos verdes!...

— Você devia desprender-se desse passado.

— O passado encerra uma felicidade. Destruil-o seria arrancar de minha vida a unica ventura que possúo: a ventura de adorar através da saudade.

— O seu sentimentalismo exagera e phantasia tudo. Você quer um impossivel.

— Não seria um impossivel, si elle me tivesse comprehendido. O destino juntos nos collocára.

— O encontro entre vocês dois foi tarde demais. Já existia uma outra.

— Sim, o conheci tarde demais. Reconhecendo os direitos da outra, não me passou pela cabeça tomar-lhe esses direitos. E, por isso

iver com outro amante. Eva é assim. O pobre homem, abandonado, não temeu por elle: temeu pela formosa. "Comtanto — dizia — que o outro não a faça soffrer..." Pacientemente, guardava seu regresso. Mas ella não voltava. Então, parodiando uma canção de Murger, meu amigo escreveu á infiel:

Si batesses a minha porta,
Meu coração iria abrir-te...

"Infelizmente, havia no bairro um garoto insupportavel. O gury teve, um dia, a fatal idéa de amarrar um osso á campainha de Saladier. Coisa para attrahir os cães... O golpe não falhou. Um enorme mastin, vendo o osso, se atirou á campainha, e meu amigo Ambrosio, ao ouvir o toque, exclamou: "E' Musette, que volta!" Como era homem de palavra, mandou que seu coração fosse attender. O coração abriu a porta e se encontrou em presença de um cão. O animal, embora acostumado a roer ossos, gostava ainda mais de carne fresca, e se atirou ao coração palpitante e o devorou. Eis a que conduz o abuso da poesia..."

— E que foi feito de seu amigo? — perguntei ao velhinho, quando elle chegou a esse ponto de sua narrativa.

— Que havia de ser? Devorado seu coração por um cão, só lhe restava morrer. E foi o que elle fez, resignadamente. Pobre amigo!

E o velhinho se poz a chorar de novo, copiosamente...

M. LAPIERRE

...m nada exigir, sem tentar como mulher vencer a outra mulher, apenas para meu coração queria a migalha de uma sympathia. Si elle a tivesse comprehendido, teria dado á minh'alma a espiritualidade do affecto ambicionado. Um affecto que, para não se parecer com as coisas da terra, tivesse os seus olhos voltados para o céo. Um affecto que, prendendo nossos corações, fizesse do minuto espiritual que o destino nos permittia ter um sublime encantamento. O affecto que seria glorioso, porque a sua suprema gloria estaria em nada ambicionar Para conquistar essa affeição, muito fez meu coração. Em melopêas de ternura, pedia aos olhos verdes que lhe desse, em sua vida, um logar pequenino, um logarzinho que fosse delle e jamais ninguem tivesse direito de tomál-o. Era esta a sua ambição. Era este o meu supremo anseio. Em palavras de ternura, certa vez elle me disse ... realidade o meu ideal. Nos ... olhos verdes acreditei ver, no poema de sua ternura, uma promessa, promessa linda de que elles, ... sorririam de affecto para mim. A certeza de ser querida me trouxe as maiores venturas. Era feliz, immensamente feliz. E, na ... do meu coração, bailava ... deslumbrada a minh'alma de gaza. No emtanto, num dia cruel, ... que a felicidade se fôra. Não ... existia o esplendor. O meu ..., tendo as suas azas partidas, ... ferido pela sua incompreensão. Surgira a derrocada do ... sonhar. E, na destruição da mais linda felicidade vivida, meu coração chorou a ingratidão de alguem.

— O altruismo de uma affeição que nada ambiciona, Deus sómente creou para as mulheres. Ellas são as unicas capazes de, no pedestal de sua dignidade, fazer o sacrificio da renuncia, sem descer um degráo. Quanto aos homens, façamos um silencio sobre elles...

— Sim os homens... Sem um adeus, uma palavra, elle se foi. Procurei saber onde estava. Consegui. Numa ultima esperança, sublime que encerrava em sua cathedral o meu ideal incomprehendido, essa ultima esperança, tambem, em lagrimas se desfez sobre meu coração. Elle cruelmente mostrou que eu o importunava...

— Pobre amiga!

— Muita vez nos temos encontrado no acaso do destino. Sempre indifferente elle segue o seu caminho. E na immensidão do meu desespero se perde a pergunta: por que, por que elle fez assim commigo?... Eu que só ambicionava o direito de ter em sua vida um logarzinho que em segredo elle escondesse de todos dentro do seu coração!...

— Pobre creança! Você quiz tornar perfeita uma affeição, esquecendo que no mundo com a mascara da mentira se consegue muito mais do que com a sinceridade. Pobre querida! Você quiz sómente qeu elle lhe desse uma affeição... e você se apaixonou por elle!

E o marulhar do mar daquella tarde azul ouviu o segredo de um coração:

— Elle é o grande amor da minha vida! Elle é a felicidade impossivel, aquella felicidade que se sente e se sabe existir e que a alma da gente não tem o poder de fazer sua! E, no emtanto, por maldade e incomprehensão, elle fez de mim a desconhecida, a mulher que passou em sua vida sem deixar "um nome... uma historia... uma saudade"...

MITSI

DINHEIRO A CREDITO

A senhora Cabal trazia sobre um costume burguez de bom menino, um alfinete de peito e um cordão de oiro; uma cabelleira do feitio de grande diadema de vidrilhos e de rendas pretas de pontas cahidas para traz, emoldurava-lhe o rosto ligeiramente pelludo, de rata velha, e n'esse majestoso aparato ella ia sentar-se em frente ao Café Ribotte.

Já não tinha em bom estado, as idéas, a surdez profunda augentava-lhe o optimismo, o sentimento de tranquillidade e o ar digno, imbecil e feliz estampado no rosto, incitava á jovialidade.

Quando Ribotte, a senhora Ribotte e os freguezes do café tinham tempo vinham gracejar com ella, a senhora Cabal ficava no meio d'elles, immovel, muda, impavida e alegre, como um idolo incensado, como um marco cheio de sol.

Uma vez rica, possuidora de trinta e cinco mil francos, viuva, com mais de oitenta annos e prestes a entregar a alma de fraqueza, de "enternecimento" e de consternação, a senhora Cabal, "poz todo o dinheiro a render" no Café Ribotte; todos na povoação pensaram que elle fazia um alto negocio, pois parecia que só restava receber o ultimo suspiro e a herança da pensionista mas Ribotte e toda a familia era um bando de pessoas de bem, bonancheironas e amaveis gente ingenua disposta a rir; um tanto fanfarrões, mas não cubiçosos, e a senhora Cabal, encontrára entre elles, tantos cuidados, tão bons tratos, que lhe restituiram a saúde abalada, manifestando ella a intenção de persistir n'esse mundo, onde não estamos de todo mal.

Persistiu tanto que a aldeia inteira (a começar por Ribotte) divertiu-se durante uma quinzena de annos com o espectaculo d'essa velha tão dura! E que Ribotte mesmo, quiz mandar pintar na fachada do café, o seguinte: "Emprezo de centenarios por empreitada.

———

A's vezes, á noite, a senhora Cabal! proclamava ruidosamente que estava doente e aljás, um motivo.

— Não a ouviste ás 2 da manhã? dizia Ribotte, no dia seguinte... Ella despertou-me ... gritando da janella: "Ribotte, soccorro! Ribotte eu vou morrer!" Acabei por levantar-me, para dizer-lhe: " deite-se, senhora Cabal! Deixe-nos em paz, hein?" Mas ella continuava: (ouvia-se dos confins do Jada) "Ribotte!... Ribotte!... Morro d'um momento para outro!..." "E não será sem tempo, bom Deus", respondia-lhe eu.

— Precisa dar-lhe agua de flôr, suggeria alguem.

— Qual o que! Flôr de laranja não é mais para a idade d'ella! Levei-lhe um calice de rhum. Ah! meus amigos! Isso tirou-lhe as dôres! E de manhã, estava melhor. Não se barbeou, mas ainda assim, está com boa physionomia...

— E então, desse modo, a senhora Cabal, dizia algum outro, não tem vontade de ir fazer companhia ao seu pobre esposo que está no cemiterio?... E porque?... Não o queria tanto?... Não estava apaixonada?... No emtanto, ao que parece, a senhora mandou-lhe fazer um tumulo lindissimo?

Acabava por comprehender vagamente do que se tratava e respondia, com ar alegre:

— Sim, sim, sim todo de marmore... saudades eternas!... em oiro!...

— Saudades eternas?... pensei que a senhora havia mandado pôr... "Aqui jaz Cabal!" Oh! Que assim seja! para seu repouso e para o meu". Não? Emfim, em seu lugar, parece-me que eu teria mais pressa.

— Mas, confésse, dizia a senhora Ribotte, confésse, senhora Cabal, ante-hontem a senhora queria tornar a casar-se com Léonce e a noite passada a senhora estava á morte?... Era a continuação de hontem, então?... Eram as emoções do coração?... E não está ainda curada?... Não?... Ah! ts ts! Emfim quando se fôr nós lhe offereceremos lindas corôas, convidaremos muita gente para a representação e faremos todos, grande acompanhamento.

Ou ainda, quando á hora do jantar ella levantava-se e ia em direcção á sala:

— Onde vae? gritavam-lhe. Vae juntar-se a Léonce?... Não está mais doente?...

— Ella vae tomar a sopa... Ella anima-se sempre, para quebrar a crôsta, explicava Ribotte. Eh, senhora Cabal! Bom appetite! Depois acc[...] centava para fazer ri[...] gente:

— Não é surda, ap[...] não ouve bem...

———

E assim passava, [...] deada dos homens [...] çoada do céo, feliz, a [...] neravel velhice da sen[...] ra Cabal... Avanç[...] direito sem se apress[...] para os noventas e [...] annos quando no mom[...] to de attingil-os estre[...] chou e partiu para o[...] mundo.

Vi passar seu cort[...] funebre... nada de mai[...] divertido... As flor[...] das corôas mortuar[...] que tanta vez lhe havi[...] sido tão generosament[...] tão amavelmente ann[...] ciadas durante a vi[...] arrastadas atraz [...] conductores do corpo, [...] las creanças da escol[...] reflectiam alegremen[...] ao sol do bom Deus, [...] sestado como um pr[...] ctor sobre a atracção [...] dia. Havia a corôa [...] Ribotte, a dos freguez[...] dores, havia mesmo um[...] terceira — Santa Virg[...] do céo! — trazendo es[...] inscripção, inesperad[...] "A' minha cara patro[...] Era a da creada que [...] dára cento e cincoe[...] francos; em seguida [...] herdeiros, todos os [...] botte, ainda que um p[...] co absorvidos porque [...] ziam planos sobre a [...] rança, resplandeciam [...] lindos trajes pretos, [...] pois os *habitués* e m[...] dores do lugar segu[...] conversando e um [...] *habitués* que pens[...] ainda na senhora Ca[...] dizia:

— O bom Deus [...] devia ter deixado; [...] divertia-nos tanto [...] todos!

JEANNE RAMEL-CA[...]

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)	48$000
Semestre (26 »)	25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)	70$000
Semestre (26 »)	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)	78$000
Semestre (26 »)	40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)	115$000
Semestre (26 »)	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0877 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A

Representante na Europa: H. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 15, 31, 32 Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

a
Agua de Colonia
1001
caminha
sempre na
vanguarda!
Ernesto Vasconcelos Pereira
Rua da Alfandega, 85 Tel. 4.0079
Distribuidores para os Estados
Ramos Sobrinho & Cia.
RUA DA QUITANDA 89